



Darkover

Contos de Darkover

Marion Zimmer Bradley
e outros



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Darkover

A cronologia de Darkover

Darkover foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira.

A Fundação

Uma "nave perdida" originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

Livros:

A CHEGADA EM DARKOVER

A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

Livros:

RAINHA DA TEMPESTADE

DAMA DO FALCÃO

Os Cem Reinos

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

Livros:

DOIS PARA CONQUISTAR
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL
DOIS PARA CONQUISTAR
A QUEDA DE NESKAYA
A FORJA DE ZANDRU
UMA CHAMA EM HALI

As Renunciantes (Amazonas Livres)

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

Livros:

A CORRENTE PARTIDA
A CASA DE THENDARA
CIDADE DA MAGIA

Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

Livros:

REDESCOBERTA
A ESPADA ENCANTADA
A TORRE PROIBIDA
ESTRELA DO PERIGO
VENTOS DE DARKOVER

Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

Livros:

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

Marion Zimmer Bradley & outros



Contos de
Darkover

Sobre a obra

Esta é uma coletânea de contos sobre Darkover, garimpados na net. Alguns foram escritos pela própria Marion Z. Bradley, para explicar determinados assuntos que ficaram pendentes em seus livros; outros por um grupo de "amigos de Darkover" e outros, ainda, por fãs da série. Dois deles tem explicações da própria Marion:

"Em nosso recente concurso para os Amigos de Darkover, para a história curta melhor escrita, "O Dom de Alton" foi um de nossos vencedores."

"Um encontro de mentes era o que eu mais necessitava, era uma estória engraçada e curta de ficção; e ela produziu quase magicamente a história que eu escreveria se eu tivesse tempo."

Fragmento Amazonas narra o início da amizade de Camilla e Rafaella, Amazonas Livres, enquanto *A Volta para Casa* narra o seu reencontro após a tragédia que devastou aos integrantes da Torre Proibida.

A Guardiã na Chalet School - Quem não se perguntou o que Leoni, a Guardiã de Arilinn, fez após perder Callista Lanart para a Torre proibida? Onde encontraria uma sucessora?

O Filho do Mestre Falcoeiro narra a história do casamento de Kennard Alton : *"Nós casamos seu pai com alguém que nós achamos ser apropriado, disse o velho Hastur, e eles viveram juntos em perfeita harmonia, e na total indiferença, por muitos anos!" (A Herança de Hastur)*

Um Homem de Impulsos relata como a Dama Marilla conseguiu seduzir Dyan Ardais e ficar esperando um filho dele.

O DOM DE ALTON

Elisabeth Waters

Sobre Elisabeth Waters e "O Dom de Alton".

Conheci Elisabeth Waters sob circunstâncias que contarei mais tarde, ao falar a respeito da história-título desta antologia, *O Preço da Guardiã*; e como esta história se situa mais tarde na cronologia, deixarei isto para esta ocasião.

Em nosso recente concurso para os Amigos de Darkover, para a história curta melhor escrita, "O Dom de Alton" foi um de nossos vencedores. As histórias eram classificadas e julgadas em três quesitos; dez pontos para a técnica ficcional, dez para a autenticidade para com o tema darkovano, e dez pelo puro prazer de ler. Dos cinco juízes, três (incluindo a mim mesma) classificaram a história como o máximo possível numa escala de um a dez. A história perdeu o prêmio de primeiro lugar por uma estreita margem de dois pontos (o primeiro lugar encontra-se em algum lugar desta antologia) por que *uma* juíza confessou uma antipatia pelo final amargo e macabro. Mesmo ela deu á história notas altas por autenticidade e técnica. Nenhuma outra história conseguiu nota "30" de mais de dois entre cinco juízes.

Dizer qualquer outra coisa sobre "O Dom de Alton" seria diminuir seu impacto. É uma história a respeito dos mais sombrios dias das Eras do Caos; aquela época de tirania em que as grandes famílias de Darkover, que mais tarde se tornariam o Comyn, procriavam pelos dons de *laran* que mais tarde se tornaram tão essenciais para o seu poder.

É meu dever acrescentar que todas as histórias para o concurso dos Amigos de Darkover foram apresentadas

anonimamente, com os nomes e endereços dos autores dentro de envelopes selados abertos apenas depois que todas as histórias já haviam sido julgadas e os prêmios decididos. Lisa Waters passara pelo incômodo de utilizar uma máquina de escrever diferente da que está acostumada para suas cartas, e de enviar a história através de um amigo num estado distante, a fim de que o carimbo do correio no envelope não revelasse a autoria aos juizes, dois dos quais (eu e Jacqueline Lichtenberg) eram suas amigas íntimas. Não posso falar por Jacqueline; mas eu estava visitando Lisa Waters depois que as histórias tinham sido julgadas, e lhe perguntei, diretamente, que história ela tinha escrito. Disse a ela que, embora o nível de talento revelado no concurso fosse alto, o nível geral de técnica era deplorável; e depois disse que havia uma história que, devido ao impacto e técnica exímia, era tão melhor que as outras que eu achava que provavelmente tratava-se de um vencedor garantido. Devo cumprimentar Lisa pelos seus poderes de dissimulação; ela manteve o rosto completamente sério e usou a entonação correta de desinteresse ao especular em voz alta quem poderia ter escrito uma história com um nome esquisito como "O Dom de Alton"... mais tarde, naquela mesma visita, eu disse que, uma vez que todas as histórias já tinham sido julgadas, não faria mal nenhum se ela me contasse que história ela tinha escrito. Quando ela disse "O Dom de Alton" eu literalmente desabei numa cadeira e balbuciei:

— Mentira! Está brincando!

Eu sabia que ela possuía talento; depois de "O Preço da Guardiã", eu nunca duvidaria disto. Mas o original de "O Preço da Guardiã" era, embora poderoso e interessante, quase desprovido de enredo e caótico, um simples fragmento; eu não fazia idéia de que Lisa era capaz de criar uma história interessante, eximamente escrita, em tão pouco espaço. A pior falha do amador é tentar escrever um romance em sete páginas; o dom e a habilidade de escrever uma história curta geralmente vem apenas com uma longa experiência.

Eu ainda não possuo esta capacidade; este prefácio já é quase tão longo quanto a história que ele descreve.

MZB

Caillean Alton terminou de apertar o seu vestido e passou a trançar os cabelos, um pouco sem jeito, pois esta era apenas a terceira vez que tentava fazê-lo sozinha. Seus cabelos tinham sido aparados e oferecidos a Evanda, no dia do festival que marcara a transformação de Caillean em uma mulher, e agora que eles chegavam à sua clavícula e estavam compridos o suficiente para serem trançados novamente, ela era considerada completamente amadurecida e com idade o suficiente para se casar, *"o que"*, Caillean pensou amargamente, *"era a maneira polida de dizer que agora as Ieroni decidiriam se desejavam inclui-la em seu programa de reprodução, e que ela seria entregue a um homem como se fosse uma vaca ou uma ovelha"* e chamariam isto de *"seu dever para com seus parentes e seu clã"*. *"Misericordiosa Avarra!"*

Sua mãe entrou em seu quarto neste instante, sem se anunciar. Bianca Alton dera à luz nove filhos, dos quais cinco sobreviveram à infância, e apenas dois à adolescência; e ofuscara seus filhos a tal ponto que desobedecê-la nunca lhes passava pela cabeça. Caillean queria muito que ela batesse ou pelo menos fizesse algum barulho no corredor ao invés de surgir de repente, fazendo as pessoas se sobressaltarem, mas sabia que nada neste mundo faria sua mãe se modificar.

— Caillean, quanto tempo você pretende demorar para trançar o cabelo?! Já está atrasada para o desjejum, e seu pai quer conversar com você logo depois!

Afobada, Caillean apanhou sua travessa e procurou apressar o término da trança, mas suas mãos escorregaram, estragando todo o processo.

Murmurando alguma coisa a respeito do burro de Durraman que Caillean não conseguiu entender direito,

Bianca rápida e eficientemente trançou seus cabelos e ajeitou a travessa.

— Pronto! Vamos logo, criança, não deixe o seu pai esperando.

Após um desjejum apressado, Caillean descobriu-se sentada no lado oposto a seus pais, no gabinete do pai.

— Bem, Caillean — seu pai lhe sorriu — estou certo de que ficará satisfeita em saber que escolhemos um marido para você. Vai

se casar com Dom Bertin Serrais no mês que vem.

— É uma garota muito afortunada — disse Bianca. — Trata-se de uma excelente família e uma adorável propriedade; é um casamento formidável.

— Mas, mãe, eu não gosto dele! E não desejo me casar.

— Tolice, toda garota deseja se casar! E não importa se você gosta dele ou não; o que isto tem a ver com casar com ele?

— Eu não quero passar o resto da vida com alguém de que nem mesmo gosto!

— Por que motivo você acha que não gosta dele? — Era evidente que seu pai estava tentando, com limitado sucesso, demonstrar paciência com uma tolice infantil.

— Ele me beijou na noite do Solstício do Inverno passado e eu não gostei e quis que ele parasse, e ele nem sequer me deu ouvidos!

— Deveria sentir-se lisonjeada por ele achá-la atraente, criança — sua mãe disse secamente. — Isto será de grande ajuda, quando estiverem casados.

— Mas eu não quero casar com ele... nem com ninguém! Olhe o que houve com Rafaella! Ela casou e morreu menos de um ano depois!

— Sua irmã sempre foi doentia; você sabe disto. A maioria das mulheres sobrevive ao parto perfeitamente bem; foi o que sempre aconteceu comigo. Agora, Caillean, acalme-se; é perfeitamente normal uma noiva sentir-se um pouco nervosa, mas você não deve fazer tamanha cena, a fim de não aborrecer Dom Bertin quando ele chegar.

— Mãe, eu não vou casar com ele!

— Não seja tão infantil, mas é claro que vai! Na verdade, Caillean, você devia estar muito agradecida pela sua boa sorte. Não que o seu *laran* seja algo realmente útil, mas trata-se de uma coisa que as *leronis* desejam experimentar; e você arranjará um bom marido no processo, de modo que espero que refreie sua língua e se comporte como uma moça bem-educada!

— Por que você não me escuta? Nem mesmo se importa como eu me sinto, só se importa consigo mesma! Posso procriar para Dom

Bertin como se fosse uma ovelha ou coisa parecida, e se eu morrer como Rafaella, bem, não passaria de um infortúnio; você nem mesmo se importa! — Caillean agora gritava. — Odeio você! Queria que você tivesse morrido no parto!

Bianca soltou um ligeiro arquejo e subitamente arriou, resvalando de sua cadeira para o chão. Caillean permaneceu imóvel, fitando em assombro, enquanto seu pai inclinava-se sobre o corpo de sua mãe. Então ele virou a cabeça e fitou-a, furioso.

— Ela está morta! Seu filhote dos homens-gato, o que fez a ela?

Subitamente, Caillean compreendeu. Então era este o *laran* que não era "realmente útil", mas que as *leronis* queriam: a habilidade de matar com um pensamento enraivecido.

— É exatamente isto o que eles precisam, mais uma arma para suas guerras intermináveis! Não! Eu não permitirei que isto aconteça!

— O que você fez a ela?!

— Nada muito difícil, pai — disse Caillean, calmamente. — Apenas isto. — E ela projetou-se para o interior de seu próprio corpo, e parou seu coração.

Fim

UM ENCONTRO DE MENTES

Elisabeth Waters

Uma das coisas que eu gosto sobre ter Elisabeth na mesma casa - não a única coisa, é que quando eu estou a ponto de terminar uma antologia eu posso lhe dizer o que necessito e ela senta e escreve. Esse é provavelmente o talento mais útil; apenas sentar e escrever algo. O que eu o mais necessitava para esta, era uma estória engraçada e curta de ficção; e ela produziu quase magicamente a história que eu escreveria se eu tivesse tempo. Ela pode mesmo adicionar as figuras que eu não pude acrescentar e pelo qual não ganhei o Prêmio Gryphon, concedido por Andre Norton para a melhor novela publicada por um escritor estreante. Quando eu me encontrei com ela pela primeira vez, ela nunca tinha publicado ficção, porém aquele fato não durou por muito tempo; após nosso encontro, a pessoa realiza o que qualquer um pode a fazer.

Marion Zimmer Bradley

Meu Querido Pai,

O casamento de Cassilda com Edric Ridenow ocorreu ontem, assim é que ela é agora a nova Lady Serrais, o que parece estranho, pois eu a olho apenas e ainda como minha irmã mais velha. É realmente uma pena que você e a mamãe não pudessem estar aqui para o casamento, mas Coryn representou você admiravelmente, e Donal e eu estávamos aqui para acompanhar e incentivar Cassilda. Ela estava realmente bastante nervosa antes da cerimônia, mas parece bastante feliz esta manhã.

Coryn e eu ficaremos aqui até a primavera porque meu *laran* finalmente começou a desenvolver-se (eu pensava que ele nunca iria se desenvolver, mas olha, é como se surgisse contra a minha vontade depois que tudo), e Auster, que veio de Arilinn para o casamento, diz que eu não devo tentar viajar quando eu começo a desenvolver a doença do limiar. Não se preocupe; eu não estou doente o bastante para que seja perigoso; eu apenas me sinto miserável.

Eu sei que você e a mamãe, estiveram apreensivos sobre que tipo de *laran* que eu desenvolveria, assim eu posso assegurar que não será (quase) tão inconveniente quanto aquele de meus irmãos e irmã. Eu mesmo recorro como os falcões seguiram Cassilda e ficaram ao redor quando seu vínculo com eles se formou. Eles se tornaram terrivelmente impopulares com a mamãe (sem falar sobre como os empregados se sentiam em relação a ela), até Cassilda finalmente controlá-los e quebrar o seu impulso completamente natural de fazer o seu poleiro nas bordas das armações da tapeçaria da mamãe. E ninguém esquece o vínculo de Donal com os lobos, especialmente como todos eles ficavam no início da doença do limiar. Ao menos o vínculo de Coryn com cavalos era útil e comparativamente quieto, embora você tivesse que adicionar novas instalações nos estábulos a cada ano.

Eu também desenvolvi o vínculo com animais, naturalmente, mas os animais em questão são pequenos, silenciosos, e não me seguirão em torno da casa. Como você sem nenhuma dúvida sabe, Lerrys Ridenow viajou por todo o Império, e trouxe para casa um

número considerável de peixes pequenos dos mares tropicais da Terra. Eu desenvolvi um vínculo com os peixes e Lerrys deu-me 500 deles como um presente do solstício do inverno. Donal espera com esta carta lhe explicar os planos para a construção dos tanques que serão necessários para abrigá- los. A maioria dos peixes podem ficar num tanque de 200 galões, mas os *tetraodons* devem ter um só para eles, os *anastomus* são definitivamente muito agressivos para ser colocados junto com alguns dos outros peixes, e os *cichlids* matarão qualquer outro, mas eu acredito que se nós os pusermos no tanque de 75 galões eu posso persuadi-los a deixar cada um sozinho.

Coryn e eu trataremos do cascalho, dos filtros, e dos calefadores quando nós voltarmos para casa, e Auster ofereceu-se, muito amavelmente para pedir o carro aéreo de Arilinn para transportar os peixes para casa assim que o tempo começar a melhorar (os peixes morrem se a água em que estão começar a ficar muito mais fria do que temperaturas tropicais da Terra, eis porque todos os tanques têm que ter calefadores). Os tanques devem todos caber ao longo daquelas paredes do meu quarto que não tem janelas ou portas, mas os calefadores, provavelmente, terão que ficar sob a cama.

Eu espero que você e a mãe tenham um solstício de inverno maravilhoso, e eu os verei na primavera.

Sua filha amorosa,
Arielle MacAran

A VOLTA PARA CASA

Lana Young

Enquanto a noite cai, diminuindo rapidamente em Darkover, o sol levanta-se lentamente, como se relutante em enfrentar um dia novo. Era justamente a hora em que já não é noite, mas também ainda não é dia, que a nave aterrissou no espaçoporto *terranan* em Thendara. Era uma nave pequena, se comparada às grandes naves de transporte que normalmente pousam em Darkover; uma nave fretada confidencialmente. Na única cabine da nave, o único passageiro preparou-se para desembarcar.

Ela tinha trocado as roupas finas que eram a vestimenta padrão da Terra, por uma túnica bordada, botas apropriadas para caminhada e uma capa com revestimento pesadamente bordado. Em seu cinto carregava uma faca, quase, mas não completamente longa o suficiente para ser chamada uma espada. Ela jogou a sacola de viagem sobre os ombros e pensou na noite em que teve que deixar Darkover com nada mais que a roupa de uma noviça Renunciante da casa de Thendara na cidade. Agora as roupas que usava tinham uma pequena fortuna costurada em seus forros, uma última adição minuciosa quando escapou de Darkover, para se tornar a líder de uma Casa da Guilda em um outro mundo.

Enquanto ela deixava sua cabine, seus pensamentos foram interrompidos por um jovem tripulante.

— Posso carregar sua bagagem *Miss Lorne*?

Sorrindo, Magda Lorne respondeu:

— Eu a carreguei e posso carregá-la para fora. Não é nosso costume pedir ajuda a um homem. Sem ofensa.

Deixando-o para trás, ela continuou até a saída; assim que pisou fora da nave, parou, sentindo o ar frio de casa.

No portão de saída, um oficial fez-lhe as perguntas padrão, a que deu respostas bem reservadas. Era, disse, uma nativa de Darkover, tinha viajado para o Império Terráqueo por cinco anos e estava retornando agora para casa. As respostas, verdadeiras, mas incompletas, satisfizeram o oficial, que prontamente retornou a seu escritório quente e cadeira confortável.

Deixando as luzes brilhantes do espaçoporto para trás, Magda desapareceu na escuridão do pré-almorecer da cidade. Uma vez mais, ela estava sozinha com seus pensamentos.

Parece que foi ontem, aquela noite sangrenta de horror. Os amigos e a família assassinados porque falaram a verdade e ensinaram a liberdade.

Ela parou por um momento para deslocar o peso de sua mala.

Eu sinto como uma vida inteira. Andrew, Callista, Damon e Ellemir, todos absolutamente; Cleindori e minha querida Shaya, ambas, suas vidas jovens ceifadas rapidamente por carneiros. Do todos aqueles a quem amei, apenas Camilla permanece viva.

Ao pensar em Camilla, os olhos de Magda encheram-se de lágrimas. Quando os assassinos atacaram, Camilla estava com a irmandade nas montanhas, e não pode ser alcançada. Durante os poucos dias seguintes ela precisou se manter escondida e não teve como enviar uma palavra sequer. Magda, e qualquer um em sua companhia tinham sido marcados para a morte. Sua única opção era desaparecer ou acarretar a destruição da Casa da Guilda.

Eu os amaldiçôo, não pude sequer dizer adeus.

Ao aproximar-se de seu destino, retardou seus passos.

Tem sido assim por muito tempo, nenhuma palavra sobre mim. Eu serei mesmo bem-vinda? Que farei se Camilla tiver partido, ou com alguma outra pessoa... NÃO! Eu não devo atrair problemas me preocupando. Camilla ESTARÁ lá. Ela tem que estar têm que estar, ela tem que estar.

Procurando se recompor, Magda secou os olhos e apressou-se em descer pela rua cinzenta. Enfim! A Casa de Thendara sempre esteve ali antes dela. Para dispersar qualquer dúvida, Magda alcançou a pequena bolsa que levava pendurada em volta do pescoço. Removendo a pequena pedra-de-estrela azul, focalizou sua mente.

Projetando-se com seu *laran*, procurou e encontrou aquela por quem tinha cruzado o universo para encontrar. Sentiu Camilla começando apenas a acordar, enquanto suas mentes se tocaram. Sentiu a cintilação de uma pergunta, seguida por um começo de reconhecimento. Magda guardou a pedra de volta, envolvendo-a na bolsinha de seda, e bateu firmemente na porta. Após um momento, a porta foi aberta por uma garota bem jovem ainda, com cara de

sono. Perscrutando para fora, olhando para Magda, a menina abriu a porta mais largamente e falou num cumprimento.

— Bem vinda irmã. Eu não a reconheço; de qual Casa você vem? Há algum problema, para você estar viajando à noite?

— Eu sou desta casa. — Magda respondeu. — Por longos anos eu apenas tenho viajado em noites escuras. Eu retornei para casa para ver Camilla.

— A esta hora? Eu tenho certeza que ela ainda está adormecida. Ninguém levanta antes do nascer do sol, sem motivo.

— Confie em mim — Magda insistiu — ela está se vestindo, provavelmente neste momento.

A garota olhou duvidosa, mas antes que pudesse responder, ouviu um som de pés caminhando e uma voz por trás dela.

— Mova-se, *chiya*, deixe-nos a sós! — Camilla, falou com excitação, surgindo por trás do ombro da garota.

Afastando-a para o lado, apressou-se para fora da porta e parou, olhando fixamente, para Magda.

— *Breda*, é realmente você? Eu pensei que você estivesse morta! Todos estes anos eu pranteei sua morte e você está retornado para mim. Onde você tem estado?

— Por todos estes anos, interiormente eu estive morta — Magda respondeu. — Agora, vendo você outra vez, eu volto a viver. *Cara Mia*, eu nunca partirei outra vez.

Em um momento sem necessidade de palavra, dois pares dos olhos estavam molhados em lágrimas. Enquanto elas se abraçavam, suas mentes encontraram-se e se uniram e, enquanto juraram uma à outra, o sol levantou-se em Darkover.

Fim

**A GUARDIÃ NA CHALET
SCHOOL**

Marion Zimmer Bradley

Prólogo

Torre De Arilinn, Cottmann IV, Darkover.

Lorill Hastur, Regente de Darkover, desmontou de seu cavalo e entregou as rédeas ao não-humano *kyrri*, que pacientemente estava à espera do Lorde do Comyn para servi-lo. Então, com um gesto distraído de agradecimento,

Lorill Hastur dirigiu-se em direção à porta da Torre de Arilinn. Uma construção portentosa erguida com pedras marrons, projetando-se contra os céus.

Ele estava completamente familiarizado com tudo; cerca de trinta anos antes, Lorill, como muitas outras crianças do Comyn possuidoras de *laran*, tinha vindo para Arilinn para o treinamento essencial. O provérbio que "*um telepata destreinado representava um grande perigo para ele mesmo e todos a sua volta*", tinha sido provado inúmeras vezes, fazendo com que as famílias dos Domínios, jamais ignorassem esse talento, o *laran*. Em todos esses anos, aqueles talentos que eram o centro econômico e cultural darkovano, começaram a ser muito raros, até mesmo nas famílias dos *Sete Domínios*.

"*Leonie!*", Lorill chamou mentalmente.

Para sua surpresa, não houve nenhuma resposta; com um olhar de censura e consternação, Lorde Hastur emitiu outro chamado mental. Momentos depois foi atendido pelo aparecimento de Lady Janine, Sub-Guardiã e assistente de Leonie na Torre de Arilinn.

— Onde está minha irmã? — Lorill exigiu, dispensando as cortesias e formalidades desnecessárias, além de ser um desperdício de tempo naquela situação.

Janine, uma encantadora garota de vinte anos, balançou a cabeça gravemente.

— Ela não está bem Lorill — disse tristemente — Desde que a Torre Proibida surgiu, Leonie foi tomada por uma grande melancolia.

Lorill franziu o cenho, demonstrando grande desagrado. As torres eram poderosas casas de atividade mental e psíquica e as

Guardiãs que coordenavam os círculos de poder eram treinadas, preparadas de maneira a suportar as responsabilidades e o fardo do trabalho ali desenvolvido, através da negação de suas emoções e sentimentos. Uma Guardiã tornava-se um ser inatingível... quase sacrossanto, inviolável, impassível, livre do fardo das emoções.

Tudo isto Leonie de Arilinn tinha se tornado; além do próprio Lorill havia apenas uma outra criatura viva que fora amada por Leonie e era justamente esta pessoa agora a responsável por sua aflição. Callista Lanart, Carr, uma vez Callista de Arilinn, tinha ajudado estabelecer a Torre Proibida, alegando que, para se tornar uma Guardiã, não havia necessidade de se tornar quase inumana; não havia necessidade dos sacrifícios pelos quais passaram a maioria das mulheres que a precederam.

Callista era agora uma esposa, logo seria mãe; no entanto, ao contrário dos costumes amplamente arraigados, continuava cheia de uma energia poderosa, controlando um *laran* muito poderoso, e era este fato que Leonie não poderia aceitar. Tinha treinado Callista com muito cuidado e, deve-se admitir, com certa crueldade, pois pretendia transformá-la numa Guardiã, e tinha acreditado que poderia finalmente colocar o peso das responsabilidades de seu trabalho sobre seus ombros mais jovens, e assim poder melhor se dedicar aos grandes anéis de *energon*. E agora Callista estava perdida para as Torres e definitivamente fora das normas de conduta de Arilinn. Era inevitável que Leonie, a personificação viva desse estilo, dessas normas de conduta, sentisse profundamente a perda, apesar de seu treinamento e vontade férrea.

— Ela tem ocupado seu lugar no círculo? — Lorill perguntou movendo-se em direção à câmara do círculo de matriz, naquele instante totalmente vazia de toda e qualquer energia.

Janine sacudiu sua cabeça.

— Não... não, apenas uma vez, desde que nós fomos derrotados no Mundo Superior.

— Ela não tem exercitado ou executado algum trabalho de *laran*? — Lorill quis saber, quase incrédulo.

Por tanto tempo quanto poderia recordar, sua irmã gêmea tinha sido determinada a exercitar seus poderes dentro das Torres;

preferivelmente, dentro da Torre de Arilinn, que foi a única das Torres em que foi permitido à sua Guardiã ter um assento no Conselho Comyn, por seu próprio direito.

Janine olhou-o demasiadamente inquieta.

— Na maior parte do tempo ela permanece em seus aposentos. De lá para cá, eu a vi apenas uma ou duas vezes, em um dia em que saiu para o treinamento; isso é tudo.

Lorill olhou os papéis que trazia consigo, e um pequeno sorriso vincou sua boca.

— Eu acho que sei o que pode animá-la — ele disse com mais confiança do que sentia.

Janine olhou-o intrigada, tentando ler, através do seu semblante, as emoções que se passavam em seu interior, mas apenas ao olhar firmemente para ele, sentiu sua inquietação retornar. Lorill assentiu para ela e estendeu sua mão para bater levemente na porta da sua irmã.

Antes que o fizesse, a porta abriu-se e encontrou-se cara com Leonie Hastur, Senhora de Arilinn. Polidamente, curvou-se à mulher mais poderosa dos Domínios. O semblante inabalável de Leonie não se alterou, mas ela simplesmente recuou para trás, permitindo que seu irmão gêmeo entrasse em seus aposentos.

Lorill deteve-se e olhou para sua irmã. Como ele, ela era alta e esbelta, e seu cabelo era o vermelho profundo do Comyn. Parecia cansada e Lorill sentiu seu coração bater mais forte enquanto observava a falta de brilho nos olhos de Leonie. Verdadeiramente, parecia que esta mulher orgulhosa tinha sido derrotada. Suas vestes pareciam amarrotadas; pela primeira por mais tempo do que Lorill podia se recordar, Leonie não estava vestida nos trajes vermelhos de uma Guardiã. Abriu sua boca para protestar, mas Leonie acenou simplesmente com a mão, e emitiu-lhe um pensamento.

"Por que está você aqui, meu irmão?"

— Para vê-la, Leonie. Agora, escute-me. Você não pode continuar desta maneira. Você é muito importante e necessária ainda. A Torre Proibida foi declarada renegada e todas as Torres restantes seguirão e continuarão à maneira de Arilinn, seguindo suas

normas de conduta. Você é a cabeça dessa maneira de agir, dessas normas de conduta. Como poderão continuar sem você?

— Janine tomará o meu lugar — Leonie respondeu placidamente.

Lorill sacudiu a cabeça.

— Não, Leonie, ela não pode. Janine é uma boa telepata, mas nós e você sabemos que ela não tem o poder de Callista Lanart, Carr, de Damon Ridenow, ou de você mesma! Além de qual, ela somente começou o trabalho de uma Guardiã e é demasiado nova. Não tem sua autoridade!

— Callista também não tinha e agora é uma Guardiã, e não é mais velha do que Janine! — Leonie respondeu.

Seu irmão levantou uma sobrancelha e suspirou.

— Muito bem. O que você sugere que eu faça? — perguntou Leonie de Arillin.

Lorill sentou-se e olhou-se sua irmã com olhos graves.

— Nós necessitamos de mais telepatas nas Torres e nós necessitamos deles agora, Leonie. Você, mais do que qualquer um, sabe disto. É crucial para o nosso futuro, se nós não quisermos que Darkover seja absorvido pelo Império.

— Isso nunca acontecerá! — Leonie respondeu, seu orgulho de Hastur manifestando-se por um momento, e Lorill suprimiu um sentimento do enlevo. Tinha conseguido fazer com que o orgulho de Leonie a tirasse de seu estado de melancolia e desespero. Talvez pudesse também fazer com que ela concordasse com o pedido que tinha vindo fazer.

— Há poucos telepatas a cada ano — começou, e Leonie acenou com a mão impaciente.

"Por que você vem aqui me dizer o que eu sei já?"

"Você parece ter se esquecido disto!" Lorill rebateu mentalmente.

— Você é uma Guardiã, minha irmã, e você parece ter esquecido desse fato! Ultimamente você parece ter esquecido também que é a responsável pelo treinamento dos telepatas em Darkover, o que significa que a diminuição do número daqueles com *laran* é ou deve ser, um assunto de suprema importância!

— O que você quer que faça sobre isso? — Leonie esbravejou. — Que faça como a Torre Proibida e admita nas Torres qualquer um com o mínimo vestígio de *laran*? Aceite um marido como Callista? Eu suponho que ela ao menos está fazendo sua parte — ela concluiu com amargura — Ela vai ter uma criança, você sabia? Essa criança terá quase certamente um *laran* poderoso Furiosamente ela girou, afastando-se de Lorill, que olhava para ela com uma expressão de perplexidade. Não conseguia recordar a última vez tinha visto tal fúria em sua irmã.

— Eu quero que você vá para a Terra — finalmente, disse abruptamente. — De fato, eu quero que você volte para o século vinte, tempo dos terráqueos, para uma escola. É chamada — ele continuou depois de dar uma olhada rápida em seus papéis — *The Chalet School*. Margali Lorne falou com Rohana Ardais sobre ela. Parece que poderia haver telepatas nesta escola. Talvez você pudesse avaliá-los, e trazê-los para cá?

— E se não quiserem vir? — Leonie perguntou, ignorando a viabilidade e as implicações de uma viagem no tempo e espaço de Darkover à Terra, e o retorno.

Lorill sorriu. Não era um sorriso agradável.

— Leonie, você é uma Hastur! Você possui traços da maioria dos *larans* existentes incluindo, porque eu sei disso, o dom de Alton. O contato forçado, a voz do comando. Se você assim desejar, você pode forçá-los a vir.

Leonie deteve-se e olhou para o seu irmão como se nunca o tivesse visto. Finalmente, para sua própria perplexidade, concordou.

Na Terra

Hilda Annersley, diretora da *Chalet School*, deu um grande sorriso para sua secretaria e inclinou-se para trás em sua cadeira.

— Nós não estamos tendo muita sorte não é mesmo?

— observou.

Rosalie Dene, uma bela mulher, aparentando ser alguns anos mais jovem que Hilda Annersley, acenou com a cabeça e concordou.

— É lamentável que Sharlie tenha que partir justamente agora — ela lamentou. — Parece que é sempre mais difícil encontrar professores apropriados no verão, e um ou outro candidato que nós vimos, nem remotamente parecem adequados para ocupar uma posição de um professor júnior!

Miss Annersley sorriu.

— Certamente a mulher que nós vimos seria impossível! Pessoalmente, eu prefiro manter nossos *juniors* com algum tipo de ordem e harmonia. Mais tarde eles saberão a importância de terem disciplina. Mais alguém, Rosalie?

Miss Dene consultou sua lista.

— Sim, mais um. Uma *Miss Hastur* está aqui. Posso mandá-la entrar?

Hilda suspirou e arrumou o cabelo que caía sobre sua testa.

— Sim, suponho que sim. Ao menos podemos tentar.

Um momento mais tarde, uma mulher alta, delgada, em torno da idade de Hilda, com cabelos vermelhos flamejantes e os olhos cinzentos entrou. Hilda, ela mesma sempre vestida de forma impecável, ficou-se surpresa por ver que a outra mulher tinha ido para o encontro vestida belamente em um terno vermelho escuro. *Na maioria das mulheres, Hilda refletiu, seria uma mistura ímpar. Nesta, de qualquer modo...*

Hilda estendeu a mão para a visitante e, após uma breve pausa, *Miss Hastur* estendeu a sua própria mão. Curiosamente ela não correspondeu ao gesto de cortesia. Apenas tocou de leve a mão de Hilda com a ponta dos dedos. Um leve toque, um leve roçar, um pequeno contato físico.

— Você fez uma boa viagem? — perguntou Hilda polidamente.

— Sim muito confortável — *Miss Hastur* respondeu com ar grave. Ela parecia esta ligeiramente desconfortável, notou Hilda.

— A luz a incomoda? Está muito forte para você? — perguntou.

Miss Hastur piscou, olhando para a outra mulher, e assentiu com a cabeça. Em resposta, Rosalie moveu-se rapidamente para fechar as cortinas e para escurecer significativamente o interior da sala. Somente após fazê-lo, a "*mistress júnior*" em perspectiva, pareceu relaxar.

— Obrigada — Pela primeira vez ela sorriu e as outras mulheres perceberam que ela era, ou melhor, tinha sido uma mulher surpreendentemente bela.

Hilda, com um estranho sentimento de inquietação, que não conseguia identificar, procurava conduzir a entrevista com normalidade. Arrumou os papéis que levava, e olhou diretamente para *Miss Hastur*, mirando seus olhos cinzentos.

— Começemos? — pediu Hilda, e a entrevista começou.

Leonie não achou a entrevista difícil. Rohana Ardais tinha transmitido para Leonie, sua parenta, toda a informação que tinha recolhido de Magda Lorne sobre os costumes *terranans* e o que se esperava de um professor na Terra. Quando Leonie, caracteristicamente, comentou que nunca tinha tratado de crianças muito jovens e não saberia fazê-lo, Lady Ardais retrucou firmemente que aquela era uma afirmação absurda. Desde que Leonie tinha se tornado Guardiã de Arilinn, tinha treinado um grande número de meninas e meninos novos no uso de seu *laran*; aquilo não contava?

Além disso, Rohana tinha promovido um encontro entre Magda e Leonie, e a Guardiã de Arilinn tinha recebido de Magda toda a orientação e descrição dos costumes da Terra e até mesmo uma espécie de curso dos padrões linguísticos terráqueos. Isso não aparentava ser difícil; como a maioria de telepatas de seu nível de poder, Leonie era uma linguista talentosa desde que pudesse ouvir o pensamento antes das palavras. Além disso, Magda recomendou e forneceu diversos livros para que Lady Leonie ficasse completamente familiarizada antes que chegasse à Terra. A viagem espacial forneceu a oportunidade perfeita para que Leonie fizesse a leitura, e também completasse a aprendizagem sobre o modo de vida *terranan*.

Agora, ela estava eternamente grata a ambas, Rohana e a Magda, enquanto *Miss Annersley* lhe perguntava sobre sua experiência com o ensino.

— Eu tenho ensinado desde que era pouco mais do que uma menina — contou Leonie — Eu sou bastante experiente.

Hilda sorriu.

— Eu estou muito contente em ouvir isso, Miss Hastur. Você poderia nos falar de sua experiência de uma maneira mais abrangente?

Por alguns segundos, Leonie olhou fixamente para ela e, naquele momento, Hilda Annersley, de repente viu uma sala em uma Torre com diversas meninas bem jovens... lá havia alguns instrumentos que Hilda nunca tinha visto antes, mas soube, de algum modo, que eram redes de matriz... e havia Leonie, em vestes longas do mesmo vermelho, igual ao traje que estava usando, sentando-se ao lado de uma garota muito jovem, com os cabelos tão vermelhos quanto os da própria Leonie...

Abalada, Hilda agitou-se mentalmente. *O que era aquilo? O que significava tudo aquilo?* Ela olhou outra vez para os olhos da outra mulher e notou que eles a observavam com ar pensativo. Para sua surpresa, Leonie deu-lhe um delicado sorriso tranqüilizador e, por um momento, Hilda viu que, em algum lugar, de algum modo, a mulher à sua frente estava acostumada a exercer um grande poder e autoridade...

— Você deseja ver minhas referências? — Leonie perguntou na voz mais suave que Hilda já tinha ouvido.

Ela assentiu calada e Rosalie Dene lançou um olhar furtivo em sua direção. *O que estava acontecendo entre aquelas duas?*

Hilda sorriu e assentiu e olhou de relance, rapidamente, para as referências sobre o caráter de Leonie, fornecidas por Rohana Ardais e as referências profissionais fornecidas por Janine Leynier e, após um breve momento, deu-se por satisfeita.

— Eu acho que não há necessidade de mais nada — ela observou após um longo momento. — *Miss Hastur*, você é inquestionavelmente o melhor candidato que nós tivemos hoje. Se você assim o desejar o posto é seu. Nós iniciamos as aulas em três semanas.

Leonie levantou-se lentamente e sorriu.

— Muitíssima obrigada *Miss Annersley*. Eu a verei então.

Hesitante, estendeu sua mão para a outra, mas quando Hilda estendeu sua própria mão, Leonie apenas tocou-lhe as pontas dos dedos. Leonie sorriu outra vez suavemente, deixando Hilda outra vez

confusa. Naquele breve segundo em que seus dedos se tocaram, Hilda teve a nítida sensação, de ter ouvido algo, mas que as palavras não foram pronunciadas.

Lorill estava certo. Esta escola pode ser uma fonte valiosa de meninas possuidoras de laran... refletiu Leonie.

Mas o que é Laran? Hilda se perguntava. Ela captara a palavra, embora Leonie não a tivesse pronunciado.

Leonie não se surpreendeu quando conseguiu a vaga. Desde o início ela sabia que conseguiria. Ela possuía traços do antigo *laran* de Aldaran, a presciência, a capacidade de vislumbrar o futuro, e desde o momento em que ingressou naquela sala para a entrevista, percebeu que ela e Hilda Annersley eram, em algumas coisas, muito parecidas.

Agora, após uma semana na *Chalet School*, soube que havia também umas diferenças significativas. Hilda Annersley, apesar de todo o poder que possuía dentro da escola, Leonie pôde perceber, era uma mulher com um senso de humildade inato. Leonie, como ela própria admitia, não era. Ao menos aqui na Terra, ser Comyn e Hastur nada significava, até mesmo menos do que nada. *Talvez, pensou com um pouco de ironia, fosse a hora de cultivar um pouco de humildade.*

Além do mais, Hilda Annersley possuía uma bondade e capacidade que Leonie sabia estar faltando nela própria. Ou, colocando de uma outra maneira, Leonie era capaz de bondade, mas era essencialmente uma bondade destacada, bem de acordo com seu papel. Uma Guardiã raramente era do tipo bondosa. Não poderia se dar a esse luxo, agir dessa maneira. Seu trabalho devia estar acima da emoção *e isso, às vezes, pensou, foi o que levou muitos com o laran da empatia a fracassarem como Guardiães.* Somente Damon Ridenow, ele mesmo com aquele dom, era agora Guardião da Torre Proibida e mais capacitado que a própria Callista, que havia sido treinada para Guardiã... Por outro lado tinha havido o famoso Varzil de Neskaya, historicamente um dos maiores Guardiões que Darkover tinha conhecido em todos os tempos, ele próprio um Ridenow...

Todos esses sentimentos, bondade, ou empatia, ou o nome que quisessem chamar, era de suprema importância para ela agora. Era essencial que ela o utilizasse agora. Tinha visto *Miss Annersley* colocar uma mão no ombro de uma pupila e seu aperto de mão durante a entrevista tinha sido bem firme. Leonie tinha sido Guardiã por tanto tempo, o condicionamento e treinamento estavam tão arraigados em seu ser, que era praticamente impossível tocar nos outros ou permitir que alguém a tocasse. Era algo que ela deveria remediar. Seria difícil, mas não impossível. Callista tinha conseguido e o que aquela que uma vez foi sua pupila podia fazer, Leonie de Arilinn, poderia fazer também.

Na segunda sexta-feira após o início das aulas, Leonie dava aulas para a terceira turma e deu um de seus raros sorrisos, liberando-os aquele dia. Timidamente eles retribuíram o sorriso. Todos gostavam dela, embora ao mesmo tempo tivessem um pouco de medo. A verdade era que *Miss Hastur* possuía um ar de autoridade e dignidade que combinava somente com ela mesma. Ensinando, entretanto, ela encontrou menos dificuldades do que ela própria tinha imaginado. A vida na Terra no geral era agradável.

Como uma telepata, Leonie tinha achado a convivência com não-telepatas difícil e dolorosa. Os anos em que viveu em Arilinn, a única Torre nos Domínios que era sagrada para aqueles que tinham sangue *Comyn*, (*Comyn* era o termo coletivo usado para se referir aos governantes das famílias dos Sete Domínios) tornaram-na uma telepata com uma intensa sensibilidade.

Leonie, como Guardiã, possuía escudos protetores incrivelmente fortes, mas mesmo assim, neste mundo não bastaram. Tinha tido que transformar sua pedra-matriz, em uma safira que foi engastada em um anel e o usava em sua mão direita como forma de manter constantemente um amortecedor telepático. Mesmo então, havia ocasiões em que os escudos não suportavam a onda constante de pensamentos. Nunca, antes, ela havia sido tão grata por não possuir o *laran* da empatia em qualquer grau significativo. Ouvir o que outros pensavam era difícil; mas ser sujeito às suas emoções seria demasiado insuportável.

Em conseqüência, havia somente muito poucas pessoas com quem poderia verdadeiramente relaxar, até onde uma Guardiã treinada poderia relaxar. Uma delas era *Miss Annersley*, com quem tinha construído uma conexão de imediato, embora Leonie só tivesse compreendido isso mais tarde e Hilda se confundisse com a situação, pois havia ocasiões em que sentia que conhecia a nova *mistress júnior* melhor do que qualquer outra pessoa no mundo... outra era a formanda, Len Maynard. Havia outros; Leonie começou a avaliá-los, como se estivesse testando-os para se certificar do seu *laran*; deleitou-se com o fato, apesar de tudo, as suspeitas do seu irmão tinham estado corretas.

— Existem alguns telepatas poderosos aqui, Lorill — sussurrou Leonie, para sua pedra-matriz aquela noite.

Leonie possuía o *laran* de Hastur, o da "matriz viva". Isso significava que seus poderes, sem uma matriz, eram iguais ou maior do que aqueles da maioria do *Comyn* com uma matriz. Com uma matriz poderosa igual a que tinha em seu anel, os poderes de Leonie eram tremendos e, antes de deixar Darkover, teve contato com as grandes telas de matriz através do planeta para construir uma rede especial, a primeira de seu tipo, que permitiria que um telepata muito poderoso se comunicasse telepaticamente através do espaço. Sabia que o esforço a deixaria cansada e drenaria suas energias; mas tinha que ser feito.

— Você pode me falar mais? — ouviu a resposta na fraca voz de Lorill.

Leonie sabia que era melhor em alcançá-lo do que ele a ela. Leonie sempre tinha sido o mais poderoso dos dois.

— Hilda Annersley. Possui traços de diversos *larans* — continuou Leonie — Ridenow, Alton, Aillard.

— Empatia, contato forçado, você disse Aillard? — Lorill ficou interessado imediatamente; o velho *Domínio* de Aillard, único em Darkover a passar de mãe para filha, estava morrendo. Seu *laran* era incomum e especial; entre eles havia telepatas catalisadores, capazes de despertar o *laran* em quem o possuía adormecido.

— Sim — Leonie respondeu.

— Como? — Lorill perguntou.

— Eu não sei — respondeu sua irmã. — Não é um dom forte; mas ela é uma telepata e empata poderosa. Se estivesse em Darkover, eu iria treiná-la em Arilinn. — pela entonação de sua voz, parecia pensativa.

— Você não pode persuadi-la? — Lorill quis saber.

— Eu não posso. Você não compreende. Em nosso mundo, as mulheres podem somente casar-se ou entrar em uma Torre.

— Ou se tornar uma Amazona Livre — Lorill interveio — Como a filha de Melora Aillard fez.

Leonie riu suavemente.

— Sim. Mas aqui podem fazer muito mais. Esta *vai domna* Hilda tem muito poder. Governa uma grande escola e sua palavra é lei. Ela é poderosa aqui, Lorill, como você no Conselho ou eu em Arilinn! E é feliz. Por que deveria desistir disso?

— Se você puder lhe falar sobre nosso mundo, e suas necessidades, minha irmã, ela poderia se disponibilizar — Lorill sugeriu. — Se ela tem uma empatia poderosa como você parece pensar, Leonie, não poderia fazer de outra maneira.

— Se ela fosse da idade de Callista — Leonie retornou, pensativa — eu não hesitaria em fazer isso. Seria uma Guardiã poderosa para Arilinn, eu acredito.

— Lá vai você! — Lorill interveio firmemente, embora sua voz soasse fraca. Sustentar esta comunicação interplanetária drenava-o rapidamente.

Leonie, quase sem pensar, alcançou-o e, automaticamente desconectou-o passando a sustentar o canal de comunicação com seu próprio poder antes de responder.

— Não haveria razão nisso, Lorill. Eu gostaria de desistir da minha idéia, pois não sou mais tão jovem ou forte para fazer isto. Se *domna* Hilda tivesse que me suceder, seria somente por pouco tempo, e não teria o tempo necessário para estabelecer a autoridade que deve ter nas Torres, ou no Conselho, antes que tivesse de voltar. E então como a traríamos de volta?

— Hummm... — Lorill respondeu, sem comedimento.

— Há mais alguém?

— Ao menos dois outros — Leonie disse imediatamente. — Seus nomes são Len Maynard e Flavia Ansell.

— Estes *terranan* tem nomes muito estranhos — seu irmão queixou-se.

Leonie continuou como se ele não tivesse falado.

— Há mais uma coisa. Flavia, a garota mais jovem, é conhecida como "Cobre" por seus amigos.

— Cobre? Tem o cabelo vermelho, então?

— Sim. Tão vermelho quanto alguém do *Comyn*. Ela é muito parecida com um *Comyn*: cabelos vermelhos, olhos cinzentos, pele pálida.

— Ela possui *laran* — Lorill afirmou.

— Eu penso que ela pode ter algum um traço dele. Ela não gosta de olhar minha matriz.

— Alguém já a mencionou alguma vez? — Lorill perguntou com uma curiosidade real. A matriz da sua irmã, embora pequena para um pingente, era certamente uma pedra grande para um anel.

Leonie começou a rir.

— Têm-me perguntado quando eu me casarei!

Controlando-se, Lorill conteve um sorriso .

— Afinal as mulheres da Terra não são assim tão diferentes apesar de tudo! Mas e sobre Len e Flavia?

— Len tem uma empatia demasiadamente poderosa e ela tem algumas habilidades telepáticas. Eu não acho que ela possua o *laran* de Aillard ou de Alton, entretanto. — Leonie parou para pensar. — Mas sua mãe, Lorill! — Um tom de excitação apareceu na voz normalmente impassível da Senhora de Arilinn.

— Quais são seus dons? — Lorill perguntou resignadamente.

— Aillard, Alton, Ridenow.

— Mas você havia dito que *domna* Hilda possui todos eles!

— Sim, mas o *domna* Joey tem todos os três em uma escala muito maior, e é uma telepata poderosa — Leonie afirmou.

— É uma viúva?

Leonie parou chocada. Não tinha se encontrado ainda com Jack Maynard, mas sabia que estava vivo, muito vivo. *O que significava, pensou amargamente, que Joey não teria nenhuma utilidade.*

Nenhuma mulher casada poderia ser treinada para Guardiã, já que seus canais não estariam desobstruídos. Para interferir com essa diretriz, Leonie acreditava, teria que cair na heresia da Torre Proibida, e a Senhora de Arilinn sentia que seria melhor morrer a aceitar qualquer coisa nesse sentido.

— Leonie? — A voz de Lorill era ansiosa.

Sua irmã deu um suspiro profundo.

— Você está certo — ela admitiu depois — *Domna* Joey é casada. Mais do que isso, tem diversos filhos ainda crianças. Possivelmente não poderia deixá-los para trás e ir para Arilinn, mesmo se assim desejarmos.

— Então só nos resta Len e Flavia — Lorill observou. — Qual você acha a mais adequada?

— Eu não sei — respondeu. Ela parecia cansada; o esforço de manter o canal de comunicação era demasiado.

— No momento, Len é a mais forte. E tem o dom Ridenow na medida certa. Entretanto, não é uma telepata poderosa. Flavia é jovem... quase, quase tão jovem como Callista quando chegou a Arilinn. Vivendo entre os cegos-mentais, é possível que ela nunca desperte os seus dons.

— E? — Lorill alertou, percebendo a hesitação na voz da sua irmã.

— E ela se parece mais com uma *comynara* do que a outra. Os cabelos de Len tendem mais para o castanho que para o vermelho, mas os de Flavia são de um vermelho- cobre, verdadeiramente impetuoso.

— Então você deve encontrar uma maneira trazê-la para Arilinn. Ou traga ambas. — ordenou o Regente.

Leonie sacudiu a cabeça pensativa outra vez, recordando aquelas cinco outras meninas que tinha treinado antes de Callista. Somente Callista tinha tido a força suficiente para resistir ao treinamento. Duas seriam suficientes? Leonie não soube dizer.

Por um segundo, recordou sua própria opinião: havia algo de muito errado na maneira com que os telepatas eram treinados em Darkover. Se retornasse para lá com estas meninas, iria treiná-las de acordo com as regras de Arillin ou ela mesma modificaria esse

treinamento áspero para algo mais humano? Isso também era algo que Leonie não sabia responder.

Acontece que Leonie não necessitou se aproximar de Len ou Flavia, porque os acontecimentos assim o fizeram, proporcionando uma aproximação. No começo da semana seguinte, *Miss Annersley* convocou toda a equipe de funcionários para uma reunião à tarde em sua sala privada, e a informação que deu para o *staff* foi o suficiente para perturbar Leonie.

— Manter os olhos em Flavia Ansell? — Nancy Wilmot repetiu incrédula. — Mas Hilda, por que?

Hilda Annersley sacudiu a cabeça.

— Soaria fantástico demais se lhe dissesse tudo. Simplesmente aceite que a menina está em perigo de ser sequestrada e apenas preste-lhe atenção com cuidado!

— Elisaveta outra vez, eu suponho — Sally Denny interveio melancólica.

— Em alguns aspectos sim. Embora eu possa assegurar que Flavia não é um membro de nenhuma casa real!

— Eu espero que não — murmurou Jeanne de Lachennais. — Eu não estava aqui naquela época, mas pelo que eu ouvi, não foi uma experiência agradável!

— Elisaveta ou o sequestro? — *Miss Annersley* perguntou com um sorriso divertido.

Sua *Mistress Sênior* retribuiu o sorriso.

— O seqüestro, naturalmente! Há alguém especial em que tenhamos que prestar atenção?

Hilda olhou para elas, pensativa.

— Apenas avisem-me se alguém perguntar por Flavia Letton, ou estiver particularmente interessado em meninas com cabelos vermelhos.

— Ora, é só colocar Leonie com esses cabelos vermelhos, no meio da multidão — Nancy sugeriu com uma risada irreprimível. — Então não saberão onde começar a olhar!

Leonie sorriu, um pouco constrangida com o gracejo, e levantou a mão para tocar nos cabelos que caíam pelos ombros. Já

não eram tão vermelhos como tinham sido, ela sabia, mas eram ainda vermelho o bastante.

— Não perturbe, Nancy — disse Kathie Ferrars — Leonie tem um cabelo encantador. Eu bem que queria que o meu tivesse essa cor. Mas o meu é apenas castanho.

Sorrindo, Kathie pegou uma almofada no sofá atrás dela e atirou-a na direção de sua amiga, até que Hilda mandou que parasse com aquela tolice.

— Por enquanto isso é tudo, eu acho — disse ela com firmeza — Então, se Nancy e Kathie puderem refrear seus impulsos de danificar minhas coisas, vocês e os demais são bem-vidos para permanecerem para o café. Jeanne? — E *Miss* Rose levantou-se para começar a servir o café

Leonie pensou sobre as palavras de Hilda cuidadosamente. Ao contrário do outros, ela sabia exatamente qual era o temor de Hilda por Flavia Ansell. Leonie tinha um verdadeiro horror a ler a mente dos outros sem um consentimento tácito, mas Hilda Annersley estava tão ansiosa e inquieta que transmitia seus pensamentos sem perceber, e ela os captara.

Em Darkover, Leonie exercitaria sua autoridade e insistiria para que Hilda aprendesse a levantar escudos mais eficazes; aqui soube que seria inapropriado. Aqui na Terra, na escola, era meramente a mais nova *Mistress Júnior*, embora Nancy Wilmot sugerisse, mesmo como um gracejo, que a Senhora de Arilinn deveria se transformar na mascote do *staff*.

Mesmo assim, *Miss* Annersley achou boa a sugestão de Nancy para que Leonie acompanhasse os alunos em seus passeios. Era verdade que uma outra ruiva ajudaria a confundir a questão e para confundir um pouco mais, Len Maynard também seria incluída nos passeios dos alunos do primeiro semestre.

— Eu acho que sei do que *Miss* Annersley falava! — Len falou um dia para um grupo seletivo composto por Ted Grantley, Rosamund Lilley e as irmãs gêmeas de Len, Con e Margot.

— O que você quer dizer? — perguntou Con, seus olhos de um castanho vivo, subitamente alertas.

Len recostou-se confortavelmente em sua mesa e preparou-se para explicar.

— Ela contou-me que participarei dos passeios da classe superior IV.a, quando saírem para as caminhadas, assim podemos confundir as pessoas que estão interessadas em Flávia Ansell.

Ted arqueou as sobrancelhas, inquieto.

— Não pode ser como ela quer. Por que você deve fazer todo o trabalho sujo? Mesmo — continuou com um sorriso forçado — se significasse que ao menos a equipe de funcionários pode garantir o comportamento bom de Jack e de Con!

Len ralhou com sua amiga.

— Não fale tal coisa! E tenha cuidado com o que você diz por aí. Isso soa quase como se você pensasse que eu posso segurar as pessoas que estão interessadas em Flávia, sejam lá quem for, melhor do que toda a equipe de funcionários!

— *Miss Annersley* não disse por que estão interessados em Flávia Ansell? — Con interpelou inquieta.

Len agitou sua cabeça vermelha.

— Ela não disse nada. Unicamente... — Ela parou e olhou confusa.

Margot, que era conhecida por sua paciência, enlaçou a irmã com seus braços.

— Bem, o que? Continue Len!

Len comentou.

— Eu não estou certa disso, mas eu tenho um sentimento que é algo a ver com esse novo garoto Cooper. Não me pergunte por que... mas eu penso que é o que eu pensei quando *Miss Annersley* tinha terminado de falar e então... ela puxou-me para fora antes que eu tivesse uma chance de dizer qualquer coisa.

— Por que você achou isso? — Ros Lilley perguntou.

Len sorriu.

— Apenas pensei... não me pergunte porque.

Era um dia agradável; perfeito para um passeio, mas Leonie decididamente se sentia incomodada. Era em parte por não conhecer realmente a região, em parte devido ao sentimento de que algo aconteceria na caminhada, e em parte devido ao brilho

excessivo do dia. Mesmo após alguns meses na Terra, Leonie ainda achava desconcertante a luz amarela, clara e brilhante, embora já não fosse tão doloroso como tinha sido quando de sua chegada. Sentia-se mais feliz em seu próprio quarto, porque tinha conseguido alterar a formação do bulbo claro na lâmpada de cabeceira, de tal modo que o mesmo apresentava uma luz incandescente, vermelha, que fazia com que lembrasse do seu distante Sol Sangrento.

Apenas tinham-se encontrado com as garotas de St. Hilda, e estavam caminhando ao longo da trilha, quando Leonie se encontrou andando ao lado de Len Maynard, olhando de relance, com cuidado, para a menina. Captando os pensamentos de Leonie, Len virou-se para ela e sorriu.

— Isto é maravilhoso, não é, *Miss Hastur*?

Leonie sorriu na resposta.

— É certamente encantador, mas eu não estou acostumada a viver nas montanhas, assim tudo é muito novo para mim.

Len riu.

— Oh, eu sim. Eu tenho vivido aqui agora desde que nós três éramos crianças, embora antes, nós vivêssemos na maior parte em Howells em Armishire.

Leonie sorriu outra vez.

— Você ama tudo isso aqui, eu posso ver! Você sente falta quando precisa deixar tudo — ela continuou.

Len fitou-a perplexa.

— Como você sabe? — respirou ofegante. — Eu nunca disse a ninguém, mas parte de mim teme ir para Oxford e ficar longe de tudo isto! — abriu as mãos, para abranger toda a vista panorâmica.

Leonie sorriu e não disse nada, mas interiormente praguejou contra sua própria estupidez. Aquela garota era muito perspicaz e Leonie estava cada vez mais certa de que tudo que havia dito para Lorill era verdadeiro, mas aquilo não significava dizer que estivesse preparada para confrontar Len com sua própria história, ou fazer Len enfrentar os seus dons.

Apesar de tudo a menina estava claramente com suas regras atrasadas. Se fosse ter a doença do limar, no ponto inicial, ela deveria tê-la agora, assim a situação ainda não era grave e

imperativa. Contudo um telepata destreinado é um perigo para si mesmo e para todos. Pela primeira vez desde que tinha feito o juramento de Guardiã, Leonie encontrava-se constrangida profissionalmente, e não gostou nada disso.

Ansiosa, Leonie andava mergulhada no silêncio. Após um momento, sentindo que ela queria ficar sozinha, Len caminhou, afastando-se para se juntar a Jack Lambert e um outro grupo, que incluía várias meninas de St. Hilda. Leonie andava pensativa. De repente foi tirada de seus devaneios quando sentiu a presença de um telepata amigo, alguém que estava inteiramente ciente e no controle de seu *laran* e, cautelosamente, Leonie certificou-se de que seus próprios escudos fossem tão firmes como poderiam ser. Então, pensativamente, desarmou o amortecedor que foi construído em sua matriz, e esperou os eventos.

Ela não precisou esperar por muito tempo. Andando perto do grupo e de Len, ouviu-a chamando algumas garotas para trás, indignada, e advertindo-as sobre o ato de correr pela borda da escarpa rochosa. Vagamente ela ouviu suas respostas e o riso de Len flutuou para Leonie.

— Eu pensei que faria isso! — disse à Flavia, que estava andando ao lado dela com Wanda Von Eschenau. — Eu devo ir e falar para Kitty e Mary do St. Hilda. Você fica tão absorvida contemplando a vista que esquece e faz uma caminhada pura sobre a borda — ela terminou com uma risada antes de ir embora.

Uns cinco minutos mais tarde, eles encontraram Ted Grantley e seu grupo, todos os quais estavam se queixando amargamente sobre as moscas, que eram particularmente excessivas este ano, mesmo sendo quase outubro. Len, a conhecedora do tempo, lembrou-os que a temperatura começaria a cair logo.

— Nós podemos esperar noites congelantes, uma vez que outubro chegue — ela declarou. — Isto põe fim às moscas. Oh! Eu imploro seu perdão! — e Leonie, andando um pouco atrás, prestou atenção enquanto ouvia Len falar em um tom ligeiramente diferente para uma mulher estranha, ao lado de um desconhecido. — Podemos fazer algo por você?

A esperta mulher não perdeu tempo.

— Eu gostaria de saber se você poderia me dizer o caminho mais próximo para a estação? — ela disse, sua voz ressoando com um pesado sotaque americano. Somente Leonie reconheceu-o como falso. — Eu suponho que errei a estrada, voltando para a floresta — a mulher continuou. — Eu não gostaria de vaguear sozinha entre as árvores; não me atrai. Qual o caminho mais curto para se chegar à estrada de ferro?

Len, educada desde a infância com polidez, ajudou a mulher o melhor que pode. Os desconhecidos partiram então e ela roçou em Leonie enquanto seguia para a estação. Então, a *Ieronis* ouviu, para seu alarme, os pensamentos da mulher.

"Agora, eu tive sorte ou não?! O que Dwight havia dito sobre a criança? Longas tranças vermelhas, mas são cortadas fora facilmente. Anime-se", a mulher continuou em sua própria mente, "há muitas crianças de cabeça vermelhas ali. A crescida com quem falei tem cabelo vermelho de nascença. Mas não pode ser ela. Ela deve ter dezessete ou dezoito e Dwight disse que esta que estavam atrás teria doze ou treze; talvez um pouco mais. Está decidido! Eu não direi a Dwight até estar certa. Preste atenção na sua tarefa, Lou Manley. Dwight não é nenhum doce quando fica zangado. Mas, mesmo que não seja ela, não há problema. Todas essas garotas de cabelo vermelho... Certamente uma delas terá laran. O Império irá recompensar-nos muito bem por elas!"

A mulher foi embora e Leonie continuou procurando por ela; uma suspeita nascera. Tudo o mesmo, mas um pensamento continuava a retornar. Apenas como uma mulher dos Domínios ganhou tanta fluência no idioma americano? Então Leonie sorriu torto. Como todos os telepatas, a outra mulher tinha um dom lingüístico inegável. Aquela não era uma confirmação. O que era ainda mais preocupante, ao menos para Leonie, era a pergunta de que outros poderes a mulher poderia ter, e de como poderia usá-los contra a Chalet School e, mais especialmente, Darkover.

Foi bom que o resto da viagem fosse mais ou menos sem transtornos. Verdade que Len teve que matar uma víbora, que assustou tanto Nancy Wilmot e Kathie Ferrars, para não dizer a

própria Len, que se mostrava muito pálida, mas aquele tinha sido um evento natural.

Ou não teria sido? Leonie pensava com muito cuidado. Poderia ter sido natural. *De fato, certamente foi,* tranquilizou-se. Se tivesse sido conjurado por *laran*, somente uma matriz poderia tê-la matado. E havia sido Len Maynard quem tinha feito um ótimo trabalho e não tinha usado nenhum tipo de poderes psíquicos no processo.

Pare de se preocupar! Leonie disse a si mesma. *Se pelo menos soubesse porque Luisa Aldaran, mesmo que esteja se chamando Lou Manley, quer garotas ruivas!* Este breve contato com a mulher "americana" disse à Guardiã tudo que ela precisava saber sobre a mulher, menos seus motivos, e agora estava seriamente perturbada. Mas o que ela poderia fazer sobre isto?

Uma vez mais, lembrou-se que ela era somente uma *mistress júnior*, mais *júnior* ainda do que Kathie Ferrars ou Nancy Wilmot. Mas mesmo assim não deveria mencionar isto a Hilda Annersley. *Até onde sabia, ela não tinha idéia nenhuma sobre as origens verdadeiras de Leonie e a história por trás do sequestrador ameaçando Flavia era preocupação suficiente para diretora,* Leonie pensou, *sem que ela levasse preocupações extras! Tudo o mesmo...*

Quando retornaram à escola, as duas jovens *mistresses* insistiram em ir à diretoria, e Leonie não fez objeção. *Miss Annersley* ouviu suas histórias de forma graciosa, na superfície, ao menos.

— Minhas queridas, não deixem sua imaginação levá-las longe — ela disse a *Miss Ferrars*, amavelmente. — se você está disposta a suspeitar de cada desconhecido que lhe pede o caminho ou as horas, ficará com cabelos cinzentos antes do tempo. Vocês estavam certas em me contar; Flavia é uma grande responsabilidade, mas mantenha seu sentido de proporção no que quer que você faça. — ela fez comentários sobre a serpente e Len, e dispensou-as com um sorriso tranquilizador.

Nancy e Kathie partiram muito felizes. Leonie, entretanto, demorou-se.

Hilda Annersley sorriu outra vez, mais cautelosa desta vez.

— Você quer falar comigo, *Miss Hastur*?

Leonie forçou-se a rir.

— Oh, por favor, não me chame assim. Eu não estou preparada para isso! Eu sou Leonie, por favor.

Hilda relaxou e riu.

— Muito bem, Leonie servirá. E, assim como eu estou certa que agora você sabe, eu sou Hilda. Havia algo que você desejava falar-me?

Leonie ficou silenciosa por um momento.

— Era só isto: que, se eu puder, eu acompanharei todas as excursões que envolvam a turma IVa. Isto é possível?

Hilda a olhou surpresa.

— Certamente é possível. Mas por que você iria querer isso? São um bando de jovens demônios e você é uma *mistress júnior*.

— Eu sei, mas dada as circunstâncias, Eu deveria permanecer perto. Veja você — Leonie continuou — Eu penso que aquela mulher que encontramos hoje quer alguma coisa com Flavia. É um sexto sentido, se você preferir — ela terminou, esperando ter sido vaga o suficiente.

Hilda Annersley deu-lhe um longo olhar.

— Algum dia, Leonie Hastur, você deve contar-me mais sobre você mesma — disse enfim. — Nesse meio tempo, se você desejar, certamente você pode acompanhar a turma IVa. Supervisão extra nunca é demais e eu confesso que, sabendo que uma *mistress* adicional está com eles, isso aliviaria minha ansiedade. Obrigado, Leonie.

Os olhos de Leonie encontraram-se com os de Hilda.

— Eu sei que ajudará — Leonie disse suavemente. — Eu tenho minhas próprias razões para querer estar próxima à Flavia. Um dia, Eu espero que você as compreenda. — Com um assentimento e um aceno de cabeça, Leonie saiu da sala e deixou Hilda olhando-a fixamente.

O incidente seguinte foi ainda mais preocupante e provaram as suspeitas de Leonie. A enfermeira havia feito uma de suas inspeções dentais periódicas e, inevitavelmente, descoberto um número de meninas que necessitaram de atenção e conseqüentemente arranjou-se uma visita a Herr von Francius em Berne. Entre as vítimas estavam Len, Margot Maynard e Flavia Ansell, então Leonie,

junto com Bárbara Henschell, uma das enfermeiras mais jovens, e a própria Matey, viajaram como escolta.

A inspeção dental era suficientemente desagradável para as meninas para que a enfermeira tivesse compaixão delas. Consequentemente, a equipe de funcionários levou as meninas a um restaurante para uma refeição leve que ajudaria no processo de recuperação consideravelmente e as meninas ficaram do lado de fora onde esperariam o ônibus que as levaria à escola.

— Isto nos dá quase vinte minutos para esperar — Matey comentou — então vocês podem fazer o que quiserem.

— Oh, fabuloso! — Leonie ouviu o sussurro de Mollie Rossiter para sua vizinha. — Nós não retornaremos à escola até as 16:00 horas com sorte, e isso significa perder o *bridge* e o bordado! — O olhar de *Miss* Rossiter foi até o olhar cinzento e pensativo da *mistress júnior*, o que a fez corar e baixar o rosto.

Entrementes, dois desconhecidos tinham entrado e Leonie viu, com um acesso de alarme, que um deles era a chamada Louella Manley. A enfermeira e Bárbara Henschell estavam outra vez ocupadas e Len, sendo a mais próxima, foi dizer-lhes algo. Leonie prestou atenção com cuidado. Len Maynard era muito ruiva e Leonie recordou seus próprios comentários a Lorill sobre o *laran* latente da garota.

— Eu peço seu perdão — Len estava dizendo. — Mas esta sala está em uso privado no momento.

— Ora se não é a agradável garota que me mostrou o caminho para a estrada de ferro lá nas montanhas! — Louella exclamou. — Eu disse que nós provavelmente nos encontraríamos novamente e cá estamos! Estou realmente grata de encontrá-la outra vez, minha querida.

Tenho certeza que você está, Leonie pensou. Aldaran ou não, não é necessário presciência para saber que você os veria outras vezes, quando este é o verdadeiro motivo de vocês aqui.

Nisto Louella olhou de relance, com um olhar penetrante para Leonie, e Leonie, confiante que os seus escudos estavam no lugar, sorriu benigna. Estava certa que Louella não poderia reconhecê-la; Louella, como uma Aldaran, não estaria num posto de uma Torre e,

também como uma Aldaran, não teria nenhuma necessidade de encontrar com Leonie Hastur de Arilinn.

Len, no entanto, estava lidando bem com o assunto.

— Eu lembro — ela começou cautelosamente. — Mas infelizmente não posso parar para conversar. Nós fomos ao dentista e algumas de nós tiveram problemas, então estamos descansando aqui. Desculpe, mas você pode ir, por favor.

— Sem problemas — Louella respondeu agradavelmente. — Sinto muito por ouvir isto. Mas você não tem que ir para um lugar distante? Onde você disse que era sua escola?

Len abriu sua boca para responder, quando um pensamento urgente piscou através de sua mente.

Não diga a ela! Leonie ordenou.

Len reagiu imediatamente.

— Oh não; e em todo o caso o ônibus da escola está vindo até nós de modo que ficará tudo bem — ela continuou, conduzindo Louella e seu companheiro para a porta. — Desculpe por parecer rude, mas eu estou receosa e devo pedir que você vá agora.

Louella fez uma última tentativa:

— Sim, naturalmente. Oh, aliás, uma amiga minha disse que tem uma filha em uma escola por aqui mas... ela não me disse o nome da escola, e eu queria saber se haveria possibilidade de ser a sua. Flavia Letton é seu nome, uma menina de aproximadamente doze ou treze anos. Tem alguma Flavia Letton entre vocês meninas?

Não olhe para Flavia! Leonie instruiu e Len, embora confusa, obedeceu.

Em todo o caso, no pensamento da menina, Flavia era Ansell e não Letton, assim...

— Não há nenhuma menina com esse nome em nossa escola — ela disse firmemente para Louella.

— Oh? Nenhuma menina com longos cabelos vermelhos? Ela usa tranças pelo que sei.

Havia uma fraca ênfase no "vermelho" que Leonie, ao menos, entendeu. Para Louella, assim como a própria Leonie, cabelo vermelho indicava talento, *laran*, embora Leonie começasse a perceber que isto não era regra na Terra.

Len, entretanto, estava se sentindo muito desconfortável. Esta mulher a fazia sentir-se tensa e nervosa, e não era um sentimento como a que *Miss Maynard* produzia. E mais, ela estava se cansando desta conversa. Então, disse a Louella, de forma bem sarcástica, que a escola tinha diversos ruivos, incluindo a própria Len, e sugeriu que ela, Louella, procurasse informações com os amigos. Leonie, ao menos, apreciou o ceticismo velado que Len injetou nessa palavra, e então, julgando pela cor que cobriu as maçãs de seu rosto, Louella também percebeu.

Louella, sentindo-se frustrada, concordou e foi embora e nesse momento a enfermeira Henschell interveio, para alívio evidente de Len. Bárbara foi rápida e cortante com os interlocutores antes de voltar para o grupo.

— O que eles disseram? — Bárbara exigiu saber.

Len forneceu um breve resumo da conversa, olhando involuntariamente de relance para Leonie assim como ela fez, e Barbara assentiu.

— Você disse qualquer coisa sobre Flavia Ansell? — perguntou ansiosamente.

— Não. De algum modo eu me senti estranha sobre ela, aquela mulher — Len começou e Leonie sorriu para si mesma. Não havia nenhuma dúvida sobre isto, Len Maynard era definitivamente uma telepata, mesmo se ela própria não reconhecesse.

— A mesma coisa...

Leonie ouviu Len tropeçar em um batente.

— Bom? A mesma coisa o que? — a jovem enfermeira perguntou.

— Ela disse que a menina que ela queria tinha o cabelo vermelho e longo, e lembro que quando essa garota, a Cobre, chegou, ela tinha tranças, mesmo que tenham sido cortadas mais de uma vez. Eu me surpreendi.

— Entendo — Bárbara falou. — Bem, eu não posso dizer qualquer coisa, mas, por favor, mantenha isto para si mesma. Eu devo ver a diretora e discutir o assunto com ela.

Len concordou com isto facilmente e foi sentar-se no assento oposto à Leonie. Do mesmo modo, durante toda a viagem para casa,

Leonie estava consciente que a garota estava olhando de relance para ela.

Eu tenho que explicar para ela sozinha, pensou. Necessita de treinamento e precisa disto agora. Eu apenas espero que possa fazê-la compreender.

No dia seguinte, *Miss Annersley* chamou sua sobrinha na sala de estudos. Tinha decidido revelar para ela algumas de suas preocupações; Len, ela sabia, era perceptiva o suficiente para somar dois e dois e fazer possivelmente sete ou oito. A diretora não queria tornar a situação mais difícil do que já era!

Após uns quarenta e cinco minutos, Len encontrou-se dispensada com uma sugestão delicada informando que tinha discutido o assunto da bolsa de estudos de Len para Oxford, com as partes interessadas. Com uma reverência, ela fechou a porta da sala de estudo; ao sair percebeu que estavam resolvendo alguma confusão no salão.

As revelações da Diretora na realidade não se constituíram uma surpresa. Len tinha tido suas próprias suspeitas, mas não foi aquele fato que a perturbava agora. Era o fato que, tinha sabido de repente exatamente o que *Miss Annersley* iria lhe dizer e um pouco mais.

Mas aquilo não poderia ser correto, poderia? Tal coisa era impossível! Sempre haviam dito para ela, que ela, assim como sua mãe antes dela, tinha a habilidade de sentir-se na pele dos outros. Mas tudo bem, Len não tinha nada contra isso, mesmo que significasse sentir-se responsável pelo mundo e pelo próximo. Mas isso não era o mesmo que saber exatamente o que alguém estava pensando. Poder ler suas mentes! E certamente foi isso o que aconteceu na sala de estudos.

Na sala dos professores, Leonie sentiu os poderes de *laran* recentemente despertados em Len, passando através de sua mente como uma baliza, e levantou-se tão rapidamente como podia.

— Aonde você está indo, Leonie? — perguntou Rosalind Moore, *mistress* de geografia.

Leonie forçou um sorriso.

— Eu lembrei de algo que preciso ir buscar em meu quarto — disse para a jovem mulher e saiu apressadamente antes que um ou outro de seus colegas, permanentemente curiosos, se movessem para fazer alguma pergunta.

Uma vez que a porta da sala dos professores se fechou atrás dela, Leonie parou. Podia ouvir, e até mesmo sentir, uma pequena parte da confusão de Len e mesmo o ultraje, enquanto se movia para seu próprio quarto. Em alguns minutos a oportunidade seria perdida quando a menina se reunisse aos seus colegas.

Len! Leonie chamou, jogando todo seu poder atrás dela.

Eu estou sonhando, ela ouviu o pensamento de Len em resposta. *Eu poderia ter jurado que ouvi alguém me chamar em minha mente, mas isto é ridículo. Eu irei apenas à sala comum, e tentarei esquecer tudo sobre isto.*

Mary Helena Maynard! Você não está sonhando. Eu estou do lado de fora da sala do professores ao lado da porta.

Uh. Hum. Quem é?

É Leonie Hastur! Venha até mim agora, por favor.

Havia tal autoridade nesse comando que Len se encontrou indo, quase involuntariamente, para a sala dos professores e *Miss Hastur*.

— Ah, aí está você — disse *Miss Hastur* casualmente, enquanto Len se aproximava dela. — Você certamente não perdeu tempo! Agora você e eu devemos ter uma conversa, eu acho. — Leonie parou e olhou de relance para Len. — De fato, minha criança, você pode vir a meu quarto. Será mais fácil falar lá.

Silenciosa, Len assentiu, e seguiu a *mistress* sem protestar ou resistir, até o último quarto do corredor da equipe de funcionários. Uma vez que esteve sentada, recuperou-se um pouco e olhou para Leonie com real interesse. Enquanto ela se familiarizava com a aparência dos quartos confidenciais da diretoria, percebia que esta parte da escola era completamente desconhecida para ela.

É tão linda! pensou, os olhos examinando a cor nova das paredes, e os enfeites cuidadosamente coordenados.

— É agradável, não é? — Leonie respondeu calmamente, enquanto ia até a sua gaveta e retirava uma pequena caixa de

madeira.

Len engasgou.

—Você... você fez isto de novo!

Leonie sentou-se na cadeira oposta à menina e olhou-a fixamente, mirando seus olhos.

— Fiz o que, exatamente? — perguntou delicadamente.

— Você falou em minha mente — Len sussurrou. — Era você, não era? No dentista e naquele dia quando nós fomos à caminhada.

— Sim — Leonie respondeu suavemente.

— Mas... mas... porque? Como? Eu... eu não entendo!

— Eu não espero que você entenda — a mulher mais velha disse. — Mas, se você quiser, eu posso explicar.

— Por favor! — Len implorou. — Eu... eu pensei que estava ficando louca! Eu estava até indo contar a... a Papai, e eu me senti tão estúpida e tola, pois isto não estava certo, saber o que tia Hilda ia me dizer antes mesmo que ela falasse, e então eu soube o quanto ela estava preocupada, e isso me deixou nervosa e eu não gosto disto! Por favor, você pode fazer isso parar, *Miss Hastur*?

— Eu não posso fazer isto — Leonie disse. — Entretanto, você não deve se desesperar, minha criança. Eu não posso pará-lo, mas eu posso ensiná-la a controlá-lo; certamente, pelo juramento que eu fiz, eu devo fazê-lo. E então você poderá conviver com isso e até mesmo utilizá-lo.

— Deixe-me ver se entendi — Len começou firmemente. — Eu não quero ser rude, *Miss Hastur*, mas você está dizendo que é completamente normal ouvir o que as pessoas estão pensando?

— Para algumas pessoas, sim! — Leonie retrucou com igual firmeza. — Em meu país, nós temos até mesmo palavras para defini-los: *donas, laran*.

— *Donas...é* do latim, não é?! Para *dom* — Len disse pensativamente — É como você o chama, *Miss Hastur*?

Leonie sorriu.

— Len, quando eu terminar seu treinamento, você saberá quase tanto sobre mim quanto eu saberei sobre você. Eu penso que você poderia chamar-me apenas de Leonie, quando nós estivermos sozinhas, naturalmente!

Len sorriu e relaxou pela primeira vez.

— Seria somente isto então — ela declarou. — Tia Hilda teria um ataque se me ouvisse gritar Leonie por toda escola!

Leonie riu.

— Eu estou certa que sim. Mas chega disto. Isto é o mais básico; *laran* significa que você é uma telepata, o que significa que pode não somente ler a mente de alguém, mas também pode se comunicar com outro telepata sem conversar. Deliberadamente, Leonie parou de usar sua voz em "*ler a mente de alguém*" e continuou em uma voz mental, como um teste.

— Eu entendo — disse Len pensativa. — Como você fez comigo mais cedo.

Leonie suprimiu o sentimento do triunfo e alívio que sentiu tomar conta dela. Isto provava que Len era não somente uma telepata, mas potencialmente poderosa. Contudo, ao mesmo tempo Leonie foi tomada por uma grande tristeza. *Lorill, Rohana, Damon e Callista, todos tentaram contar-me sobre os terranans, pensou. Mas eu não escutei e foi assim que Arilinn foi desafiada por minha culpa e descrença.*

— O que é Arilinn? — Len perguntou curiosa, e Leonie percebeu com horror que esquecera de levantar seus escudos.

— É um lugar em meu país — Leonie começou lentamente — onde os telepatas são treinados para usar e trabalhar seus dons. Eu passei a maior parte da minha vida lá... — e Leonie calou-se enquanto uma grande saudade a invadia.

— Oh, Ok — disse Len facilmente, embora seus olhos cinzentos questionassem. Na menção da palavra 'Arilinn' ela havia tido a mesma visão que a diretora teve na entrevista com Leonie: *Leonie, alta, nobre, retraída, em vestes carmesim, envolta de uma cabeleira vermelha, uma garota de olhos cinzentos.*

Len agitou-se mentalmente e disse a si mesma firmemente para controlar-se. Isto estava se tornando ridículo, telepata ou não! E então se maravilhou em como tinha aceitado rápida e facilmente a aceitação de Leonie nas próprias habilidades telepáticas de Len.

— Você diz que eu tenho que aprender como usar isto — Len começou cautelosamente. — Como eu faço isso?

Leonie olhou-a.

— A primeira etapa é uni-la a uma matriz.

— O que é isto?

— É um cristal que amplifica as energias geradas por telepatas, e pode ser usada para focalizar estas energias.

— De que tamanho? — Len perguntou. — Se for muito grande eu terei que deixá-lo em meu dormitório ou em casa. Regras da escola!

— Não, Len — Leonie respondeu suavemente. — Uma vez que você é unida a matriz, você não pode afastá-la de você por nenhuma razão, e somente sua Guardiã pode tocá-la. Tocar ou remover a união com a matriz de outra pessoa é sempre doloroso e ocasionalmente fatal.

Len empalideceu.

— Mas... mas, você disse que era um cristal! Uma pedra! Eu pensei que você disse que era como uma jóia!

Em resposta, Leonie alcançou seu bolso e pegou seu anel de matriz da sua bolsa de seda. Com um olho em Len, embalou a pedra em suas mãos, como se fosse uma coisa viva, e Len piscou e olhou para o lado.

— Você pode olhar para a matriz? — Leonie perguntou, sua voz com uma menor entonação, a voz impositiva de uma guardiã treinada.

— Eu não quero — Len disse. — Eu me sinto estranha.

— O que é um bom sinal — Leonie disse-lhe. — Olhe de novo.

Compelida, Len obedeceu, e por um momento podia ver os redemoinhos de fogo dentro do cristal e sentiu Leonie alcançar sua mente... *era como ser tocada por uma chama, como de um bico de bunsen... azul e carmesim...* e então a náusea voltou e ela afastou o olhar outra vez.

Leonie cobriu sua matriz.

— Eu cobri a matriz, Len — disse suavemente, e Len olhou de volta.

— Funcionou? Por que isto me deixa tão mal?

— Isto te deixa aflita porque, se você tiver o dom, isso o libera e te força a usar partes de seu cérebro que você não está

acostumada a utilizar. — A Guardiã parou e olhou pensativa para a garota. — Mas antes, acho que você precisa de algo para comer.

Rapidamente Leonie levantou e pegou um chocolate de um armário.

— Coma isto! — ordenou, entregando a pequena barra para Len.

— Não posso, eu ficaria doente! — Len protestou.

— Você deve comê-lo — Leonie insistiu. — É uma das coisas mais importantes que você aprenderá: após o uso da matriz ou do *laran*, as energias vitais tornam-se muito baixas e você ficaria muito, muito doente se não se reabastecesse rapidamente com alimento. Então você se sente doente agora, mas acredite, após comer se sentirá melhor.

Duvidando, mas obediente, Len pegou um quadrado do chocolate e forçou-se a comê-lo. Então outro. E, de repente, estava faminta, e a barra desapareceu rapidamente, para alívio e divertimento secreto de Leonie. Uma vez que Len superou sua relutância inicial, obviamente devorou a barra com grande satisfação.

Vendo o sorriso, Len corou e sorriu, mais timidamente.

— Não sabia que estava tão faminta! — defendeu-se.

— E agora?

Em resposta, Leonie mostrou outra matriz, um pouco menor que a dela, e Len recuou à vista dela.

— Oh, por favor, não, de novo não — implorou.

— Você deve — Leonie disse inexoravelmente, Guardiã mais uma vez. — Um telepata destreinado é um perigo a si mesmo e a todos em torno dele, e manusear a matriz faz parte desse treinamento.

— Por que é perigoso? — Len exigiu, com um *flash* raro de rebeldia.

— Porque se você não for treinada para dominar seu *laran*, poderá ficar louca — Leonie disse rispidamente. — Pense, Len: ouvindo sempre o que os outros estão pensando, o dia inteiro, o tempo todo, se estão prontos, quando estarão descendo pelo

corrimão, se irão, ou não, conversar hoje e assim por diante. Poderia conviver com isto?

Len engoliu em seco.

— Não — admitiu. — Mas porque é perigoso aos outros?

— Depende da natureza do seu dom. Por exemplo, se você tivesse o que nós chamamos de "contato forçado" ou a "voz de comando" então você poderia potencialmente fazer grande dano. Neste caso, você pode inadvertidamente ler aquilo que não deveria saber.

— O que é contato forçado?

— A habilidade de fazer contato telepático com qualquer um, com ou sem seu consentimento.

Len empalideceu uma segunda vez.

— Que coisa horrível para se fazer!

Leonie assentiu gravemente.

— Certamente, e a habilidade para fazer isso é extremamente temida. Mas pense, minha criança, poderia haver épocas quando tal dom poderia ser essencial, e poderia salvar vidas.

Len suspirou, contorceu-se e, por um momento pareceu muito mais jovem do que era. Uma mulher mais delicada poderia tê-la liberado, mas Leonie tinha ensinado lições mais duras para garotas muito mais jovens do que Len, e estremeceu um pouco enquanto recordou as lições ásperas que havia dado à criança Callista. E havia as lições que Leonie mesma tinha tido que aprender, aos dezesseis, quando tinha deixado a segurança e o calor da torre de Dalereuth para o treinamento rigoroso para Guardiã em Arilinn...

Esta criança começou tarde a controlar o laran, pelos nossos padrões, pensou Leonie, mas pelos nossos padrões uma garota é uma mulher crescida no momento que começam seus ciclos mensais. Aqui ela permanece uma criança até que saia de casa e da escola para trilhar seu próprio caminho.

— Ok — Len disse decidida, tirando Leonie de sua fantasia. — Como eu me uno a uma matriz?

— Você deve ressoar com a pedra — Leonie disse. — Quando você o fizer, verá que se tornará vivo como uma chama, como a minha. Uma matriz sem a chama da vida é absolutamente inútil.

— Entendo — disse Len, franzindo as sobrancelhas com concentração.

Após um momento, ela respirou profundamente, e Leonie, compreendendo o sinal, entregou a pedra-de-estrela para a garota.

— Olhe para ela e relaxe — ela disse para a garota, sua voz impassível outra vez.

Len assentiu e obedeceu. Olhou profundamente para o cristal e, relaxada, deixou sua mente fluir para onde deveria; e após um momento, ela sentiu a pedra ficar morna e uma confortante luz azul começou a incandescer dentro dela.

— Agora combine sua respiração e batimento cardíaco com o pulsar da pedra — Leonie instruiu e Len olhou a matriz outra vez e percebeu que a luz dentro da pedra estava realmente pulsando, mais erráticamente, deve-se confessar, e prestou atenção com pavor, enquanto via a luz pulsar conforme sua própria respiração e batimentos cardíacos.

— Bom. Agora vou entrar em contato com você — Leonie advertiu.

Antes que Len estivesse pronta, sentiu outra vez que algo tocava em sua mente. Desta vez era mais firme e forte do que o toque delicado mais cedo, e Len, ainda prestando atenção na matriz, soube que sua preocupação refletira no pulsar da luz.

Relaxe, Leonie disse-lhe mentalmente; gentil, porém autoritária, e Len reagiu quase automaticamente a essa autoridade e obedeceu.

Agora iremos sustentar o contato por um ou dois momentos, Leonie continuou, ciente que os telepatas recentemente despertados às vezes encontram dificuldade neste exercício e sentem medo, por causa do elemento da invasão que caracteriza estágios anteriores do contato. Com tempo, a maioria dos telepatas vem a amar e até necessitam deste sentimento profundo de intimidade que o contato fornece.

Len, ainda com esse sentimento de estranheza, começou a combinar sua própria respiração com a de Leonie, e a Guardiã sentiu-se satisfeita de que sua avaliação do Dom de Len estivesse

correta. Geralmente somente os que tem o dom da empatia são capazes de ressoar tão rapidamente.

Muito bem, disse-lhe Leonie. Agora saia delicadamente do contato. Nunca se retire de repente, pois em um círculo, o baque pode ser desagradável.

Len assentiu fisicamente para mostrar sua compreensão e juntas saíram da conexão telepática intensa.

— Uau! — Len disse, trêmula.

Com um olhar no rosto branco da garota, Leonie ofereceu mais outra barra de chocolate, e sorriu divertida e discretamente. A menina não devia saber que o chocolate era quase desconhecido em Darkover, a não ser, talvez, nas maiores Cidades de Comércio como Thendara, e Leonie não se importou em especular sobre a disponibilidade do chocolate nas terras de Aldaran. Desta vez ela pegou um pouco do chocolate para si mesma.

Quando tinham comido, Len sorriu mais descansada.

— E agora?

— Nada mais no momento — Leonie disse-lhe. — Este exercício te mostrou como fazer e se retirar de um contato, e este é o primeiro passo para construir seus escudos. Na próxima vez, nós trabalharemos em reforçar estes escudos e gastaremos muito tempo em contato. Eventualmente, eu te treinarei para monitorar.

— O que é isto? — Len perguntou quando limpou sua boca com um lenço, fazendo uma careta como resultado, e dobrou-o com cuidado antes de guardá-lo em seu bolso.

— Basicamente, um monitor pode ver o que há abaixo da pele. Pode regular o batimento cardíaco e a respiração para os telepatas que fazem trabalhos com matriz ou *laran* por longos períodos, e alguns são treinados como curadores. Se estiver interessada, lhe contarei mais depois, mas estou certa que você tem seus próprios trabalhos para fazer e as outras *mistresses* não gostarão se ele não for feito.

Len levantou-se.

— É verdade. Eu irei agora. — Sorriu mais tímida. — Obrigada, *Mi...* Leonie.

Leonie assentiu na despedida, mas quando a porta se fechou atrás de Len, ela continuou sem se mover por um longo momento antes de suspirar e começar a se dirigir para a sala dos professores.

Fim

O FILHO DO MESTRE

FALCOEIRO

Marion Zimmer Bradley

Dyan Ardais colocou seu alforje sobre a cama estreita coberta com um simples cobertor, de tecido áspero, utilizado por ele na caserna dos cadetes e começou a guardar seu equipamento na caixa de madeira colocada ao pé da cama.

Terceiro ano; o ano final como um cadete. Ele era suficientemente mais velho do que os outros para poder pular etapas em seu treinamento como um cadete; ele tinha passado seus primeiros dois anos de cadete aqui, antes da decisão inexplicável de seu pai - e todas as decisões de seu pai eram inexplicáveis para Dyan - de que deveria passar alguns anos no Monastério de Nevarsin. Agora uma outra decisão igualmente inexplicável tinha-o trazido de volta para cá.

Ele pensou, com uma resignação profunda e um tom de amargura que sua família parecia não se importar onde ele estava: Nevarsin, o Corpo dos Cadetes ou um dos nove infernos de Zandru, contanto que não estivesse em Ardais.

Tinha ficado contente de deixar Nevarsin, entretanto. Tinha aprendido muito lá, incluindo o domínio do *laran*, que ele havia renegado quando o Guardiã da Torre de Dalereuth tinha se recusado em admiti-lo num círculo da Torre; ele tinha desejado seriamente estudar as artes de cura e a medicina, e tinha tido ampla oportunidade, em Nevarsin, de estudar estas coisas negadas normalmente a um filho do *Comyn*. Mais do que isto; tinha podido esquecer-se de quem era, esquecer-se de si próprio, resgatando até seu primeiro amor, a música e o canto no grande coro de Nevarsin. O Padre Cantor tinha admirado sua voz clara e límpida e tinha tido algum problema para treiná-lo; o dia o mais triste da vida de Dyan tinha sido o dia em que sua voz falhou e sua voz de pássaro canoro transformou-se de clara, em melodiosa, mas indiscutivelmente a de um barítono.

Mas não era realmente apropriado, um herdeiro de *Comyn* viver entre *crisoforos*. Ele tinha aceitado sua disciplina com calma e cínica obediência, como meios de esperar o final dos estudos, sem a mais ligeira intenção de tomar suas regras de vida em seu mundo e em sua vida pessoal; e quando chegou o tempo de ir embora, tinha-os deixado sem muito pesar. Tentando como pôde dar sua vida à

música e à cura, tinha sabido sempre que sua vocação real, o trajeto apresentado para cada filho de *Comyn* estava aqui: para servir, e mais tarde governar, entre o *Comyn*. Havia um assento no Conselho à sua espera, assim que fosse velho o bastante para ocupá-lo.

E assim que terminasse este terceiro ano imperativo no corpo de Cadetes ele haveria de ocupar um posto de oficial na Guarda. O Comandante da Guarda da Cidade de Thendara, Valdir Alton, tinha somente um filho em idade a comandar: Lewis-Valentim Lanart estava com dezenove anos; um filho mais novo de Valdir, Kennard, tinha sido enviado para a Terra, há alguns anos, como um estudante num intercâmbio com um jovem *terranan*, Lerrys Montray. Dyan tinha conhecido Lerrys, um pouco, durante seu próprio segundo ano nos Cadetes. Lerrys tinha sido indicado para servir um único ano nos Cadetes, como um símbolo das obrigações de um filho do *Comyn*. Dyan tinha ouvido seus superiores dizerem que o jovem *terranan* tinha sido uma espécie de crédito para seus povos, uma maneira de estreitar laços, mas Dyan percebia o cinismo naquilo. Eles mal podiam aceitar aquele convidado político, mas ignorariam suas tolices e com discretos elogios, tudo fariam para estabelecer relações diplomáticas excelentes.

Dyan gostaria de saber por que o *Comyn* se incomodava com aquilo. Teria sido melhor enviar todos aqueles amaldiçoados *terranans*, ganindo de volta ao mundo esquecido pelos deuses onde tenham sido criados.

Dyan recordou Lerrys Montray como um jovem amável procurando ser simpático, mas ele poderia ter tido uma dúzia de habilidades e competências e Dyan ainda detestá-lo-ia. Para ele Larry tinha tomado o lugar de Kennard Alton — e para Dyan nenhum homem vivo, a não ser o legendário Filho de Aldones, poderia ter feito aquilo. Dyan tinha resolvido ferozmente que este intruso *terranan* não iria usufruir nenhuma alegria de seu lugar usurpado; ele mesmo lisonjeou-se por ter tornado as coisas difíceis para o *terranan* presunçoso que pensou que poderia estar em vantagem por tomar e ocupar o lugar de Kennard Alton.

Com um traço de *precognição* ele sentiu o pensamento de Kennard em sua mente momentos antes que uma voz macia atrás

de si, exclamasse:

— Você veio para cá antes de mim, primo? Eu tinha esperança de encontrá-lo aqui, *Janu...*

Apenas uma pessoa viva, desde a morte da mãe de Dyan dez anos antes, tinha ousado usar esse apelido de criança. Dyan sentiu a respiração presa em sua garganta, a seguir foi envolvido em um abraço familiar.

— Kennard!

Kennard abraçou-o firmemente, a seguir soltou-o lentamente complementando:

— Agora eu realmente sei que eu estou em casa outra vez, *bredu...* então, você interrompeu seu tempo nos Cadetes, também? Terceiro ano?

— Sim. E você?

— Eu terminei meu terceiro ano antes que eu saísse, lembra? Mas Lewis está de partida para a Torre de Arilinn, assim o pai me quer como seu *seconde* este ano. Eu serei seu oficial. Dyan, qual sua idade agora?

— Dezesete. Apenas um ano mais novo do que você. Kennard; ou esqueceu que fazemos aniversário no mesmo dia?

Kennard riu.

— Realmente, mas você lembrou?

— Não é só isso que lembro a seu respeito, Ken — Dyan disse, com uma intensidade que fez o rapaz mais velho olhar de sobrelanceiras franzidas. Dyan percebeu o olhar severo e rapidamente mudou a intensidade do olhar.

— Quando você voltou?

— Somente há alguns dias, apenas o bastante para prestar meus respeitos à minha irmã adotiva e a minha mãe. Cleindori está em Arilinn agora e naturalmente, há uma conversa sobre casamento, ou pelo menos de um compromisso, para todos nós. E o que há sobre você, Dyan? Você já está na idade em que começam a falar sobre tais coisas.

Dyan resmungou.

— Havia alguma conversa sobre me casar com Maellen Castamir — disse — mas há bastante tempo para isso; ela ainda

brinca com bonecas; pode haver um compromisso, mas certamente não um casamento; não antes de dez anos ou mais. O que para mim está bom. E você?

— Conversas — Kennard disse — sempre conversam sobre o assunto. Mas há bastante tempo pra falar sobre isso. Entrementes eu posso renovar minhas velhas amizades; e falando de velhas amizades — disse, e interrompeu a fala enquanto dois homens bastante jovens entraram na caserna.

— Rafael! — ele disse e a seguir sorriu, olhando para o segundo jovem. — É um prazer revê-lo, a ambos!

Rafael Hastur. O Herdeiro de Hastur, um jovem magro, bastante simpático, com os olhos mais próximos ao azul do que o cinza verdadeiro do *Comyn* sorriu alegre e estendeu ambas as mãos para Kennard.

— É bom vê-lo outra vez, primo! E você conhece Rafael-Felix Syrtis, meu *paxman* e homem jurado?

Kennard sorriu para ele.

— Provavelmente nós nos encontramos, ainda garotos; antes de minha partida para a Terra. Mas eu conheço sua família, naturalmente; os falcões de Syrtis são famosos.

— Tão famosos quanto os cavalos de Armida. — o jovem Syrtis disse, sorrindo. — Eu ouvi que você deverá ser um de nossos oficiais, Capitão Alton.

— Chame-me de Kennard — Kennard disse gentilmente — Não há nenhuma necessidade de formalidade aqui, parente. Vocês conhecem meu primo Dyan, não?

Dyan olhou para o jovem Syrtis e assentiu com frieza, seu olhar severo reprovando Kennard por sua demonstração efusiva de amizade. Um Syrtis, o filho do *hawkmaster*, e um *crisoforo* também, porque os povos de Syrtis tinham sido *crisoforos* por gerações, não era o *paxman* ou companheiro apropriado para um herdeiro de Hastur e, ao olhar para os dois, Dyan percebeu que não eram apenas *paxman* e mestre, mas *breidin* também! O jovem Syrtis dirigiu-se ao seu mestre com uma inflexão familiar e ele viu que o jovem Syrtis, embora fosse somente um nobre menor, levava em sua bainha um punhal com o escudo de Hastur. Bem, Rafael Hastur pode

ter um gosto para companhia de pessoas da classe baixa, mas não poderia forçar seu amigo do *Comyn* a fazer o mesmo! Começou a falar a Rafael Hastur, ignorando propositalmente o jovem Syrtis, fazendo esforços hipócritas para ser amigável. O jovem Hastur tentava incluir seu amigo na conversação, mas Dyan deu-lhe apenas breves e frias respostas corteses.

Depois de um momento em que Kennard foi atender a um chamado de seu pai e um dos Mestres de Armas chamou Dyan, Rafael Hastur e Rafael Syrtis permaneceram na caserna, cada um ajudando ao outro a colocar seus pertences em ordem.

Rafael Hastur disse, desculpando-se:

— Você não deve ficar chateado por causa de Dyan, meu amigo. O Ardais é orgulhoso... ele foi desagradavelmente rude com você, Rafe; Eu considerei como um insulto a mim mesmo e lhe direi isso.

Rafael Syrtis sorriu e fez um gesto de encolher os ombros.

— Ele é muito novo para sua idade — disse. — Ele se comportava sempre como se estivesse acima de todos, provavelmente porque ele sabe de tudo. seu pai, você sabe. Eu não devia falar assim sobre um Lorde do *Comyn*, mas o velho Lorde Kyril é um velho repugnante e desagradável, e mais desagradável quando o encontro bêbedo.

— Você não precisa usar nenhum argumento para se justificar para mim — Rafael disse. — Eu não tenho nenhum amor por meu tio de Ardais. Mas Dyan se esforça para ser um jovem agradável.

Rafe Syrtis sacudiu a cabeça.

— Bem. Eu posso viver sem sua aprovação. Mas eu me sinto pesaroso pelo rapaz; não tem muitos amigos. E poderia ter mais, afinal ninguém responsabilizaria Dyan pelas falhas do homem mais velho, mas ele é arredo e procura ofender e menosprezar as pessoas com medo de ser desprezado. *Dom* Rafael, eu devo ir olhar as listas para saber as tarefas que nos foram atribuídas?

— Vá. — Rafael Hastur disse. — Traga-me a lista com os deveres que me serão atribuídos e não esqueça de anotar quando nós estaremos de licença, de modo que nós possamos prestar nossos cumprimentos respeitosos à minha irmã Alisa e a sua

acompanhante. ah. Rafael, você vê? Eu posso sentir o vento quando sopra pelo quartel e não preciso de nenhum cata-vento para isso!

Rafe Syrtis fez um gesto de rendição e sorriu.

— Você me conhece, *caryu vai dom...* certamente, eu estou ansioso para prestar meus respeitos a *damisela* Caitlin...

— Mas não demasiado ansioso, eu espero — Rafael Hastur disse em tom de caçoada, mas moderado. — Não. Eu espero que não seja apenas um divertimento para você, *bredu*. Eu estou verdadeiramente contente por você encontrar alguém que você pode amar, e ela é digna de você em todas as maneiras, a minha irmã adotiva Caitlin.

— Mas, eu não sou digno dela.— a voz de Rafe tremeu. — Como poderia eu olhar tão alto...

Rafael Hastur colocou sua mão no ombro de seu amigo e disse veemente,

— Não, Rafe, não fale assim. Meu pai sabe, todos nós, conhecemos seu valor e qualidade. Meu pai, também, avalia seu pai como um de seus homens mais leais. Para mim, Caitlin é apenas um de meus primos, toda olhos e dentes, e o que você quer com aquela a coisa pequena, magrela e cheia de dentes...

— Magrela!? Caitlin esquelética?! — Rafe Syrtis gritou com indignação. — Ela é divina, delgada, e seus olhos. aqueles olhos.

— Quando era uma menina, Alisa e eu usávamos um apelido para chamá-la, "Olhos Estalados" — Rafael riu — e eu não posso ver que cresceu um pouquinho mais bela. Mas, Rafe, não se preocupe. Ela é tutelada de meu pai e Alisa ama-a muito, mas ela não é rica, assim nesse sentido ela não está demasiadamente acima de você e, embora sua família seja muito boa, a sua também é. O Pai ficará contente em conceder-lhe sua mão. Eu não acho que algum outro tenha pedido sua mão, mas mesmo se alguém tiver feito isso, eu falarei ao Pai por você e, se você quiser, eu o representarei no pedido de sua mão. Assim Caitlin permanecerá em nossa família e perto de minha irmã que a quer muito bem.

— Eu não sei como lhe agradecer... — disse Rafe Syrtis, a voz trêmula.

— Agradecer-me? — disse Rafael. — Meramente por ser o que você sempre foi, meu irmão jurado e meu *paxman* mais leal. Veio-me um pensamento, quanto tempo demorará para que meu pai me encontre uma noiva? Ele poderia encontrar alguém para mim, estava tão ansioso para me casar. Até agora eu não tenho visto em Thendara, nenhuma donzela mais interessante que outra; o Pai falou sobre a filha de Lorde Elhaly, mas é ainda uma criança. — Timidamente, colocou a mão sobre o ombro do amigo. — Talvez um pouco de sua boa sorte venha para mim e eu também serei afortunado no amor. Mas prometa-me. Rafe, que você nunca deixará este novo laço interferir em nossa amizade.

— Nunca — Rafe Syrtis prometeu — Eu juro.

Nos dez dias seguintes aproximava-se o período em que os cadetes eram avaliados para servir como guardas de honra, escoltando os Lordes e Ladys do *Comyn*; o período em que era avaliado o treinamento de novos cadetes e de atribuir deveres apropriados aos mais velhos, manteve-os todos demasiadamente ocupados e sem tempo para renovar velhas amizades. Na manhã do Festival, Kennard e Dyan encontraram-se em uma pequena sala perto do Salão da Guarda, onde Kennard revisava uma lista de tarefas antes de sair para os deveres cerimoniais do baile que haveria a noite.

— Você estará lá, Dyan? Mas naturalmente que você estará lá, afinal não há nenhum outro representante do Domínio Ardais aqui.

Ele olhou o rapaz mais novo com simpatia. O pai de Dyan, Dom Kyril, era conhecido por ser sujeito a períodos de loucura, quando não sabia discernir entre o que era apropriado ou não; durante um de seus intervalos de lucidez, tinha arranjado para que Dyan exercesse os deveres cerimoniais do Domínio, de modo que não pudesse, em um momento de loucura, cometer algum desatino que pudesse trazer a desonra para todos.

— Eu sou afortunado — disse Kennard — meu pai e meu irmão Lewis são ambos capazes para assumir os deveres públicos do Domínio; Eu não tenho nenhum gosto para cerimônias. Eu poderia, com orgulho tomar lugar no Conselho, mas aparecer em público e

ser admirado como um cavalo de corrida por seu pedigree., não eu acho isso cansativo, enfadonho e desagradável.

Dyan o olhou duramente:

— Eu espero nunca falhar com meu dever para o *Comyn*, não importa o quanto seja enfadonho e desagradável seja. - Dyan falou com certa dureza.

Com seus braços, Kennard envolveu os ombros de seu amigo momentaneamente e disse — Esta é uma das coisas que gosto e admiro em você, *bredu*. Mas sinceramente, Dyan, é um negócio aborrecido, não acha?

Dyan riu.

— Eu não deveria falar assim em público, mas é como você diz. Eu quero saber é se o cavalo premiado começa o seu desfile pelas ruas, cansado das lambadas o chicote de tiras finas?

— Isto não é uma boa coisa, nós sabemos. — Kennard disse. — Não, realmente, não é, eu sei. Uma das coisas que eu gosto de fazer, quando tenho tempo para o lazer, é treinar nossos cavalos de sela, e eu posso fazê-lo, apenas um pouco, com *laran*; percebo como eles se sentem sob os arreios e a sela. Mas eles aceitam, assim como você e eu aceitamos a aprendizagem de preparar longos relatórios, e escrevê-los, e fazer todas as coisas restantes que nós temos que fazer. E, falando de deveres fastidiosos, Lewis disse que o Pai tinha escolhido uma esposa para mim, alguma filha enfadonha de um dos clãs menores de Hastur. você ouviu alguma bisbilhotice sobre isto?

Dyan agitou sua cabeça.

— Eu particularmente não estou interessado nas mulheres e eu ouço muito pouco sobre casamentos.

Kennard disse com uma encolher de ombros:

— Mulheres são umas coisas. Eu descobri isto, pelo menos. Mas quanto para ao casamento. oh, eu suponho que teria seus méritos: um lar estabelecido, crianças para o clã. Eu carrego o dom de Alton; Lewis não. Assim é mais urgente que eu case e tenha filhos.

— Isto é tudo — Dyan disse — Eu suponho, como sempre, que eu farei o que quer que seja para cumprir meu dever para com o

Domínio, mas quando eu era mais jovem eu vivia tão enjoado com as mulheres de meu pai — Ele não olhou para Kennard e sua voz calma, musical, não mudou sua inflexão, mas Kennard, que tinha pouco do *laran* dos Ridenow, a empatia, percebeu que Dyan forçava as palavras através de camadas de dor e de vergonha.

— Você provavelmente não sabe que... houve uma época quando ele as trouxe para Ardais, exibindo-as na cara de minha mãe, zombando sobre os velhos dias quando as esposas conheciam seu dever e se não se deleitavam na cama de seu marido, escolhiam alguma mulher para satisfazer seus maridos. ele a obrigou a criar todos os filhos e filhas bastardas de Rayna Di Asturien... embora a mulher fosse cruel e arrogante com a minha mãe. E ele não parou aí: avançava mesmo em suas próprias servas e mais, ante seus olhos, e ainda a forçava a testemunhar. a idéia que eu poderia me comportar tão desonradamente me faz fisicamente doente! No entanto não poderia. não poderia ajudar a mim mesmo; a idéia de que eu nunca poderia ser assim subjugado a. conceitos de masculinidade, de virilidade. de modo que eu fira e humilhe uma boa mulher que não me fez nenhum dano, a quem eu devia honrar. algum dia, eu suponho. eu irei casar corretamente e cumprirei meu dever para com o Domínio, mas a idéia que eu poderia ser assim... assim subjugado pela minha própria luxúria. antes eu pudesse ter a esperança de ser honrado bastante para me comportar como um *emmasca* como os *crisoforos* fazem!

Kennard estava chocado com sua veemência; ele estreitou Dyan em seus braços com afeição silenciosa, mas não havia nada que pudesse falar para o rapaz mais jovem depois de seu desabafo. Ele nunca tinha tido nenhuma idéia.! Depois de um longo silêncio ele falou timidamente:

— Seu pai. ele não está no domínio e no equilíbrio de seus sentidos, *bredhyu*, você não deve deixar sua perversidade deforme sua vida.

— Eu não permitirei — Dyan disse, controlado outra vez e desafiante — mas eu não estou com nenhuma pressa para ter uma mulher, felicidade e honra colocada em minhas mãos. Seria... uma responsabilidade estarrecedora. E suponho que eu devo encontrar

uma maneira de subjugar meus desejos e sentir desejos pelas mulheres.

Kennard disse, um pouco divertido e um pouco seriamente:

— Oh, eu penso que não há muito perigo nisso. As mulheres são bastante agradáveis, mas eu não tenho nenhum desejo para limitar minhas atenções a somente uma. Eu daria a todas um pouco, de maneira a não dar a qualquer uma delas o direito à inveja e a reprimendas.

— Como pode você ser tão cínico! — Dyan disse com horror.

— Dyan, eu estava gracejando! Mas sinceramente, meu irmão, eu ainda não estou particularmente interessado no casamento; eu ainda não tive tempo suficiente para renovar todos meus laços de velhas amizades, e eu gostaria de esperar um pouco antes de formar novos laços. E falando de velhos laços de amizade, nós deveríamos planejar uma caçada? Ou... Rafael Hastur falou de passar um dez dias em Syrtis... Dom Felix conhece mais sobre falcões do que qualquer um de Dalereuth ao Kadarin, e me prometeu um treinado para a minha própria mão. Ambos, eu sei, gostariam muito se você se juntasse a nós.

— Eu não me importo com falcoaria. — Dyan disse com dureza na voz.

Então Rafael Hastur pensava que ele poderia forçar seu amigo, o filho do Mestre Falcoeiro, a cair nas boas graças de Kennard Alton, colocando-o em dívida com este tipo da cortesia, este tipo do suborno!

— Bem, como você preferir — Kennard disse. — Nós poderíamos ir para as colinas então, apenas nós dois, se você preferir. Eu posso conseguir três dias para viajar e assim que você possa, iremos alguns dias após a Noite do Festival.

Um dia ou dois dias mais tarde, o convite foi reforçado por Rafael Hastur, que instou para que eles se juntassem ao grupo em Syrtis - sua irmã e a irmã adotiva deviam igualmente ir para Syrtis - mas Dyan recusou, dizendo que ele e Kennard tinham feito outros planos. Cavalgando com Kennard ao lado, ao longo das Colinas de Venza, Dyan sentia-se perfeitamente feliz, como se, após todos estes

anos, tivesse retornado a uma infância feliz. Kennard também parecia feliz. Ele contou para Dyan algumas coisas. não muito. de seus anos na Terra, no seu esforço de se adaptar ao ar pesado e a força da gravidade... a longa viagem de estrela em estrela, os costumes curiosos do mundo lá fora. E a solidão, entre aqueles, na maior parte, sem talento com *laran*.

— Apenas uma vez eu encontrei amigos verdadeiros — disse. — Na Terra, de todos os lugares, alguns membros da família Montray, que tinham vivido em Darkover, e sabiam como aquela luz causava danos em meus olhos. muito ruim, a dor da luz, e mesmo quando o sol não estava no céu, eu sentia às vezes que poderia enlouquecer sob a luz tremendamente fria daquela lua branca terrível. você sabia que sua palavra para a loucura é aparentada a nossa palavra para adoradores da lua? Havia uma garota, seu nome era Elaine, em nossa língua, Yllana. mas era parente dos Aldarans, também. Eu acho que nunca mais a verei outra vez. Mas ela entendeu, um pouco. como eu temia essa lua terrível.

Dyan disse.

— A loucura da lua é bastante fácil de compreender; nós temos esse provérbio: "*O que é feito sob as quatro luas não precisa ser recordado nunca nem lamentado...*"

— Realmente — Kennard riu — e eu vejo que há três no céu e mais tarde hoje à noite, Idriel levantar-se-á também, e então nós, também, talvez teremos alguma aventura da loucura!

Todas as luas estavam elevadas no céu quando armaram o acampamento e cozinham sua refeição, um assado de um pássaro que Dyan tinha derrubado com seu *courvee*, uma espécie de atiradeira, com uma vara curvada usada para caçar nas Hellers.

— Eu perdi minha habilidade. — Kennard deplorou — e isto já faz um longo tempo!

Eles sentaram-se por muito tempo ao lado do fogo, iluminados pelas quatro luas, falando de suas próprias infâncias e dos primeiros dias nos Cadetes.

— Eu era tão infeliz na Terra — Kennard disse — Frequentemente eu queria saber, se Larry igualmente se sentia assim em meu lugar. Seus familiares eram muito amáveis comigo, e

tentavam realmente me compreender. Eu sei que meu pai era amável, mas e os outros, Dyan? Ele estava feliz nos Cadetes? Ele fez algum amigo? Eu o recomendei à sua bondade como meu amigo jurado.

Dyan disse com voz dura — Você pensa que qualquer ser vivo poderia tomar seu lugar? Eu penso que nós fizemos o que era possível em se tratando de um estranho, um *terranan!*

Kennard agitou sua cabeça em desânimo.

— Mas nós éramos amigos, Dyan. Eu gostaria que você o tivesse tratado como você me trataria, como um amigo e um irmão. bem, isso é passado, eu não estou censurando-o, — disse — mas eu desejava que você pudesse tê-lo conhecido assim como eu o conheço; acredite-me, ele é digno disto, *Janu*.

Ele usou o velho apelido de sua infância, e Dyan soube que Kennard não estava irritado com ele, naturalmente não. Kennard não discutiria com ele por causa de algum *terranan!*

O fogo tinha queimado até quase se extinguir. Kennard bocejou e disse:

— Nós devemos dormir. Veja, nós têm as quatro luas afinal de contas. que loucura deveríamos fazer?

Dyan disse, com um sobressalto repentino que o surpreendeu:

— A loucura lunar. mas nós devemos, então, renovar nossa velha promessa, *bredhyu*, após tantos anos?

Por um momento Kennard ficou imóvel, chocado. Então disse, muito delicadamente:

— Se você assim desejar, *bredhyu*. — Ele repetiu a palavra com a inflexão especial que Dyan tinha usado, simplesmente para irmãos jurados entre os quais não havia nenhuma barreira. — A renovação de nossos laços não precisaria ser tão forte quanto antes; eu não esqueço o que jurei. E você já tem idade suficiente, portanto não pensaria em tratá-lo como um menino demasiado jovem ou como uma garota. mas se você deseja isso, meu mais caro irmão, então, como você desejar.

Ele puxou Dyan para si, seus lábios se encontram, as barreiras caíram com o mais íntimo dos toques, até que suas mentes estavam abertas uma para outra como seus jovens corpos. e nesse momento,

algo bem no íntimo de Dyan Ardais partiu-se, para nunca mais ser completo outra vez.

Kennard não tinha deixado de amá-lo. Ele nunca deixaria de amá-lo. Ele foi receptivo aos seus sentimentos, e agora ele se entregava completamente ao calor e ternura deste reencontro físico; ele também estava totalmente entregue. No entanto, contudo havia uma diferença profunda, uma diferença que devastava o coração de Dyan.

O que era, para Dyan, a necessidade, desesperadamente desejada de sua existência, o núcleo e a renovação de seu ser, para Kennard não era o mesmo. Kennard amou-o, sim, estimou-o como o irmão, amigo, parente, com mil memórias amáveis. Mas o centro mesmo de seu amor, esta afirmação mútua que para Dyan era a razão inteira de sua existência, era para Kennard somente uma sensação agradável; ele se sentiria igualmente satisfeito se tivessem apertado as mãos e dormido separados. e diante da agonia desse conhecimento, Dyan Ardais sentiu que o núcleo inteiro de seu ser estava rachado, rasgado, quebrado em fragmentos.

Mesmo quando ele estava suavemente envolvido pelos braços de Kennard, completamente absorvido na partilha mútua, ele sentiu o gelo da morte cercando-o, como nos salões gelados de Nevarsin, frio, sozinho. mesmo dissolver-se no prazer mútuo, era agonia, ele percebeu que soluçava incontrolavelmente, e em seu próprio desespero sentiu Kennard desconcertado com seu próprio sofrimento. Ele não poderia mesmo ficar zangado com Kennard; os pensamentos de Kennard eram os seus próprios pensamentos. *O que eu posso fazer? Ele não pode ser diferente do que ele é, nem eu posso. Eu o amo, eu o amo, mas o amor não é bastante...*

— Dyan. Dyan. *Janu, bredhyu*, meu irmão amado, não se aflija desta maneira, você está quebrando meu coração — Kennard falou. — O que eu posso lhe dizer, meu irmão? Você será sempre mais caro a mim do que qualquer outro homem vivo, eu lhe juro. Eu lhe imploro, não se aflija assim. o mundo é como é e não como você ou eu gostaríamos que fosse. não há ninguém a quem eu ame mais do que você, Dyan, é somente que eu já não sou um menino. Dyan, eu

juro pra você, virá um momento em que tudo isto não lhe importará tão terrivelmente. todas as coisas mudam.

Em seu íntimo Dyan reagia raivosamente. *Eu não mudarei, não, nunca*, todo o seu ser parecia gritar numa rebelião angustiada, mas lentamente controlou-se trazendo seu lamento sob o controle, retirando-se atrás de uma barreira impenetrável de calma, boas maneiras, quase atordoamento. Ele projetou-se para Kennard outra vez, com o toque hábil, sedutor, deixando Kennard captar seus pensamentos, *pelo menos há isto, e Kennard não pode fingir não encontrar prazer em mim...*

Kennard, ainda incomodado, mas grato pela calma de Dyan, projetou-se para ele com uma urgência delicada, ele não poderia alcançar o toque mais profundo das mentes, não agora: *Eu nunca tentarei fingir isto, meu irmão.*

O verão passou. Um dia, Kennard estava despachando em uma pequena sala junto ao Salão da Guarda quando, após ter dado a alguns cadetes mais novas lições de esgrima, ele disse a Dyan:

— Bem, aconteceu. O Pai encontrou uma esposa para mim.

Dyan levantou uma sobrancelha com ironia.

— Minhas felicitações. Eu conheço a jovem dama afortunada?

— Eu não sei! Eu não conheço a garota totalmente. O Pai diz que é apropriada, de um clã menor dos Hasturs; disse que não é particularmente bonita, mas não é feia tampouco, e é amável, e aperfeiçoada, e dotada com *laran* — e isso é muito importante para mim. Ele não tem dúvida de que nós dois gostaremos um do outro e viveremos bem juntos. A beleza pode ser importante nas mulheres, mas a boa tempera e a disposição amigável são mais importantes para compartilhar de um lar e de uma vida, e eu os tenho e sem dúvida estarei feliz bastante. É irmã adotiva de Rafael e Alisa Hastur; você encontrou-a? Seu nome é Catriona, Catrine, qualquer outra coisa semelhante.

— Caitlin? — Dyan perguntou, e Kennard anuiu.

— Eu penso que assim. Você a conhece?

— Não — Dyan disse — mas eu sei quem ela é.

Interiormente ele estava rindo triunfante. Isso ensinaria Rafael Syrtis a não levantar seus olhos para uma garota da família Hastur!

Agora que encontraram um marido apropriado para a garota, Rafe Syrtis aprenderia que havia limites para a ambição de um plebeu!

Ele disse formalmente.

— Eu desejo mesmo, muita felicidade, parente.

Sua própria felicidade transbordou quando Kennard sorriu e disse:

— A garota não significa nada para mim, caro irmão. Eu tenho para mim que nunca encontrarei uma mulher que possa ser para mim mais do que um irmão jurado, e eu rezo para nunca encontrar.

Ele estava curioso para saber como o dois Rafaels, reagiriam a esta notícia; e ele não demoraria em descobrir. Naquela tarde, ele estava fazendo algumas pequenas tarefas na caserna, enquanto Rafael Hastur e Rafe Syrtis jogavam cartas no extremo oposto do quarto; eles estavam afastados, de modo que não conseguia ouvir claramente suas vozes, mas ouviu-os mencionar o nome de Kennard e, sem a menor hesitação ética, estendeu seus sentidos a fim de escutar telepaticamente o que diziam.

Eu mal posso acreditar, Rafael Syrtis disse. Eu soube naturalmente, que ela estava contente de me ver quando eu a procurei... Rafael, eu não posso suportar isso, ela tem chorado muito, seu rosto pequeno está inchado de tanto chorar; eu penso que mesmo as pedras do Pico de Nevarsin derreteriam com piedade! E naturalmente aquele pai dela pensa somente o que significará para ela, casar com um herdeiro do Comyn... o que eu devo fazer, Rafael? Eu não posso perdê-la, não agora, não quando eu sei que ela sente por mim o mesmo que sinto por ela...

Dyan sentiu uma gratificação selvagem. *Assim este intruso amaldiçoado iria aprender que não poderia forçar sua entrada nos círculos do Comyn casando-se com a irmã adotiva de Rafael Hastur! Bem, deixe-o sofrer, isso irá ensinar-lhe uma lição!*

Então, ultrajado, ele ouviu o que Rafael Hastur dizia a seu amigo. *Um Hastur, agindo desta maneira? Vergonhoso! Se você e Caitlin, se ambos têm a coragem... eu ficarei ao lado de vocês. Uma união de Companheiros Livres não pode ser anulada, se foi consumada; se você falasse a meu pai, diria que era somente uma*

fantasia de rapaz, mas se você compartilhou uma cama, uma refeição, uma lareira... eu não sei se a garota tem a têmpera necessária para enfrentar os mais velhos, mas se ela deseja... e você, você irá querer testemunhas, e Alisa prometeu que ela, também, estará ao seu lado...

E então eles passaram a discutir sobre cavalos, e a dire o a seguir, e Dyan deixou de escutá-los, enquanto Rafe Syrtis girou e olhou inquieto em sua dire o. *então o amaldi ado imprudente possuía algum vestígio de laran afinal de contas?* Mas ele captou o local do encontro; os viajantes iriam para a velha cabana situada no Poço de Callista.

Você nada tem a temer de Dyan, Rafael Hastur disse calmamente. *Ele também sofreu as fantasias de um pai tirânico e louco, ele não nos trairia.*

Eu não! Dyan pensou, irritado. Mesmo se não tivesse se enfurecido pela presun o de Rafe Syrtis, ousando levantar seus olhos ambiciosos para uma Hastur, ele estava irritado por causa de Kennard. Quem era esta garota Caitlin, para preferir algum imprudente, um ninguém a Kennard Alton? Que bofetada no rosto de Kennard seria, se essa bisbilhotice começasse a circular no Conselho, o fato de sua prometida noiva estar planejando fugir para casar com outra pessoa! E para quem? Para um príncipe, para uma união mais nobre? Nem mesmo isso; para o filho do Mestre Falcoeiro, guardião dos seus falcões! Que insulto para Kennard! Dyan pensou, em uma fúria, que se tivesse encontrado Caitlin naquele momento teria cuspido nela! Kennard deve saber de uma vez que.que Rafael Hastur e esse seu favorito insolente e presunçoso estão conspirando para engan -lo e roubar sua noiva!

Enquanto saia   procura de Kennard, ia repassando em sua mente o que dizer, para fazer Kennard ciente de como era insultado pelo herdeiro de Hastur! Aqueles falsos amigos e traidores estavam conspirando para enganar Kennard, de maneira que ele não pudesse mais encarar os Guardas e o Conselho.

Contudo sua mente persistiu em apresentar-lhe Kennard, não grato a Dyan pelo aviso a ele desta humilha o que planejavam, mas mesmo irritado com Dyan por sua intromissão; pareceu-lhe que

poderia quase ouvir a voz de Kennard dizendo: *pelos infernos de Zandru, você pensa que eu me preocupo com essa garota? Nesta época de minha vida, uma garota é muito parecida com outra qualquer para mim, desde que seja apropriada; eu nunca a vi mesmo.* E mais ainda Dyan discutiu em sua mente, tentando convencer Kennard de que não poderia consentir perder sua noiva prometida para um qualquer, mais sua mente recitava a resposta lógica de Kennard.

Que prazer eu poderia possivelmente ter em casar com uma garota que estivesse caída de amor por um outro homem? Há muitas mulheres que eu poderia ter; porque não deixar que o garoto de Syrtis tenha esta, e lhes dê os parabéns, se se querem tanto; quem sabe, talvez algum dia eu possa ser afortunado bastante para encontrar alguma mulher que possa se importar comigo, tanto quanto esta parece se importar com Rafe!

Confundido pelas vozes em sua mente, Dyan sentiu grandes dúvidas. Ele deveria simplesmente perder sua paz? Se Caitlin Lindir-Hastur e Rafe Syrtis se queriam tanto, por que deveria tentar separá-los para dar Caitlin nas mãos de um homem que não se importava se ela teve outro? Então, em um último momento angustiado, ainda ressentido com essa rejeição sem intenção de Kennard, soube que não gostaria de ver Kennard casar com uma mulher que lhe significasse o mesmo que Caitlin significava para Rafe. *agora eu sei que nenhuma mulher, nunca significará nada para mim...*

Firmemente ele pôs de lado suas objeções. A lealdade ao Comyn exigia que confrontasse o jovem Hastur sobre a gravidade e a provocação que seria desafiar a vontade do Conselho, Kennard Alton deveria ter Caitlin como esposa. Kennard não deveria ser humilhado, sendo mostrado que sua prometida noiva preferia ser a esposa de um plebeu, um ninguém, o filho do Mestre dos Falcões.

Kennard saberá que eu defendo sua honra como um Lorde do Comyn, como a minha própria; ele será grato a mim e eu ainda significarei muito mais que qualquer mulher...

Suas mãos estavam agitadas e trêmulas. Dirigiu-se aos apartamentos dos Hastur e, lá chegando, enquanto anunciava para o

valete para dizer que Dyan Gabriel, Regente de Ardais, desejava falar ao Lorde Danvan Hastur, ou, na sua ausência, ao idoso Lorde Lorill, mentalmente, ensaiava as palavras com que começaria.

Você sabe, Milorde, o que eles está planejando, seu filho e seu paxman desavergonhado, filho de seu mestre falcoeiro? Estão planejando enganar Kennard, Herdeiro de Alton, em relação à união planejada pelo Conselho...

Eles formavam um pequeno grupo; todos de sangue *Comyn*, ou Guardas de confiança que certamente não iriam espalhar o escândalo. Danvan Hastur, ele mesmo partiu com eles, e o próprio Dyan, ele mesmo era o mais novo do grupo que partiu para o norte em direção ao Poço de Callista. O velho Hastur tinha inquirido discretamente; quando ele ouviu que Lorde Rafael e Alisa, com Rafael Syrtis seu jovem *paxman*, e a irmã adotiva de Alisa, tinham saído para cavalgar antes do meio-dia, levando falcões como se fosse para um passeio inocente, reuniu o grupo e partiu imediatamente para o norte. Agora eles avistavam o abrigo onde o pequeno grupo de viajantes estava e na parte externa do abrigo eles viram quatro cavalos, um deles o garanhão branco que Rafael Hastur montava.

Danvan Hastur falou com a voz baixa e amarga.

— Espalhem-se; cerquem a casa. Quem sabe o que eles farão, estes jovens inconsequentes? Desobediência, certamente; talvez desonra e desgraça.

Com o seu *paxman* ao seu lado, ele golpeou a porta com a empunhadura da espada; Dyan pode perceber que o idoso Lorde do Conselho estava preparado para qualquer coisa, mesmo um desafio brutal.

Mas nenhum som veio do interior do abrigo e Lorde Hastur entrou. De onde estava, Dyan não podia ver e nem ouvir as palavras que foram trocadas lá dentro, mas após um longo tempo, Danvan Hastur saiu. Sua face estava pálida e com uma expressão chocada; ele conduzia Caitlin pela mão. Lorde Hastur sinalizou para dois Guardas que se postaram um de cada lado de Rafe Syrtis, que estava tão branco quanto sua camisa.

— Guarde-o a fim de que não faça algum a si mesmo — Hastur disse, não indelicadamente. — Ele está desnortado. Ele foi mal-aconselhado por aqueles que deveriam saber o que é melhor. — Seus olhos pousaram em seu filho Rafael e sua expressão era dura, como a pedra.

— Quanto a você — disse. — Eu sei onde colocar a culpa por este caso vergonhoso; você é afortunado por seu primo Alton não o desafiar para um duelo, desde que a imunidade de *Comyn* cobre a ambos. Não, nem uma palavra — Ele levantou sua mão imperiosa. — Você já disse e fez bastante, mas graças à boa sorte e aos cavalos rápidos, não adiantou nada. Eu tratarei de você mais tarde. Pegue seu cavalo e vá, e não tenha a presunção de falar comigo esta noite.

Os lábios de Rafael se moveram num protesto inaudível, mas seu pai já tinha se afastado. Ele mesmo ajudou Caitlin a montar dizendo:

— Venha, minha criança, nenhum dano foi feito, embora sua insensatez seja grande. Por minha honra, Kennard nunca ouvirá nada sobre isto e felizmente não terá nada a perdoá-la. Alisa! — Sua voz cortou de repente como um chicote. — Monte seu cavalo, minha menina, ou eu terei que levantá-la! Não, nem uma palavra!

Alisa colocou seu casaco verde em torno de seu rosto; pareceu a Dyan que ela soluçava num pranto demasiado lastimoso. Mas seus olhos estavam fixos sobre Rafael Syrtis. *Agora, certamente, esse plebeu detestável tinha aprendido sua lição!*

Os dias se passaram; Alisa foi enviada em desgraça para Neskaya, eles disseram; mas surpreendentemente houve pouca fofoca e bisbilhotice. O Salão da Guarda estava cheio dela, mas Dyan não respondeu a nenhuma pergunta; sua honra tinha sido empenhada para manter-se silencioso. Alguns dias mais tarde houve a cerimônia de noivado e Caitlin Hastur-Lindir foi prometida para casar com Kennard Alton *di catenas*. Dyan, prestando atenção à noiva e ao noivo dançando juntos, com uma indiferença cortês, na cerimônia, sentia um vazio curioso. Quando ele foi cumprimentar e felicitar Kennard, este o cumprimentou afetuosamente.

— Deixe-me apresentá-lo a minha esposa prometida, Dyan. *Damisela*, este é meu parente e irmão jurado, Dyan.

Por um momento, na face da garota, com uma palidez mortal, ele viu uma cintilação de ira e de ressentimento, e Dyan percebeu que ela deveria tê-lo visto no círculo de rostos polidamente evitados, na cabana da estrada do Poço de Callista. então foi -se, e Dyan soube que ela já não se importava mesmo com aquilo.

— Eu desejo-lhes muita felicidade. — disse formalmente e Kennard respondeu algo igualmente formal e sem sentido; somente Dyan percebeu seu leve e imperceptível encolher de ombros.

— Aqui está seu irmão adotivo para dançar com você, Caitlin — Kennard disse e levou-a até Rafael Hastur. —

Volte logo para mim, *mylady*. — Ele observou-a afastar-se, junto com um suspiro de alívio quase audível.

— Eu penso que Caitlin não gosta muito de mim — disse. — Eu suponho que cedo ou tarde ela se resignará com a idéia; Eu tentarei ser tão amável e amigável como eu posso ser, e eu suponho que nós conviveremos bem juntos, assim como todo outro casal. Ela não é certamente nenhuma beldade. — ele acrescentou com ternura, olhando para a noiva — mas parece ter uma boa índole, e ela é gentil, e parece ser bastante inteligente! Eu dizia que ser casado era para os tolos. Suponho que eu não estou realmente insatisfeito. — Kennard terminou, sem muita convicção. — Meu pai poderia ter feito uma escolha pior para mim, eu suponho. Bem, se ela me der um filho com *laran*, eu não posso pedir muito mais a ela. — Com um encolher e ombros ele acrescentou. — Oh, bem, é uma desculpa para um festival e uma celebração; que tal uma bebida para nós? Dyan, escute-me, de todos meus conhecidos na Guarda, somente Rafael Syrtis não veio me felicitar. Meu irmão, que posso eu, possivelmente, ter feito para feri-lo para que não goste de mim?

Dyan sentiu um aperto na garganta.

— Mas que diabos, o que lhe importa o que ele pensa, Kennard? — disse com raiva. — Quem é este Rafael Syrtis afinal, para desprezá-lo? Ninguém; apenas o filho do Mestre Falcoeiro.

"Nós casamos seu pai com alguém que nós achamos ser apropriado, disse o velho Hastur, e eles viveram juntos em perfeita harmonia, e na total indiferença, por muitos anos!"

— A Herança de Hastur

FRAGMENTO AMAZONAS

Marion Zimmer Bradley

(Publicado na antologia "Renunciates of Darkover", 1991)

Um dos prazeres e privilégios de editar essas antologias é publicar meus excertos obscuros (esse é do primeiro manuscrito de A CASA DE THENDARA). Quando esse conto apareceu em um fanzine darkovano, alguns leitores escreveram-me que duas mulheres com as mãos acorrentadas não podiam se despir; bem, isso é, no final das contas, fantasia, e eu me utilizo de licença poética. De qualquer forma, eu gosto dessa história. Ela apresenta duas personagens que meus leitores parecem gostar: Camilla n'ha Kyria e Rafaella, que aparecem A CORRENTE PARTIDA.

Ao publicar minhas histórias nessa antologia eu me aproveito do conhecido provérbio que diz, "Não atarás a boca do boi que debulha", ou, "A hierarquia tem os seus privilégios".

Quanto à informação bibliográfica... se você não sabe quem sou eu, o que está fazendo aqui? Se isso soa desgracioso, atribua ao meu mau-humor habitual... fui eu quem deu início a essa coisa de Darkover.

A novidade é que eu acabei de sair do Hospital de Reabilitação após meu último derrame, e sou uma pessoa extremamente afortunada: os encefalogramas mostraram que uma grande parte do meu cérebro virou granola - mas eu ainda posso ler, escrever, andar e falar. (E editar).

Anos mais tarde, nem Camilla nem Rafaella jamais conseguiram recordar exatamente o que havia dado início à briga original. A alguma altura devia ter existido uma declaração inicial, um episódio individual sem muita importância, que deu início a uma série de discussões tolas e sem sentido, de declarações grosseiras e insultos velados, de brigas intermináveis; mas nenhuma das duas jamais conseguiu lembrar e descobrir a faísca que atizara a isca.

Mas parecia a Rafaella, naquele inverno, que Camilla havia, sem motivo algum, passado a nutrir uma profunda antipatia pela sua pessoa, encontrando a toda hora uma forma de provocar brigas a troco de pouca coisa. Recordava uma amargurada discussão a respeito de uma vassoura certo dia, como resultado da qual Camilla havia (acidentalmente, ela insistia) empurrado-a na direção de um amontoado de esterco. E outra ocasião, na cozinha, onde havia tropeçado e espalhado um amontoado de lixo que Camilla havia

laboriosamente varrido e, por que Camilla a acusara abertamente de ter feito de propósito, Rafaella se recusara a ajudar a outra mulher a varrer novamente, como normalmente, ela insistia, teria o maior prazer em fazer.

Mas Camilla, achava Rafaella, não parava de falar coisas sobre mulheres que ostentavam seus amantes e quando Rafaella, certa noite na sala de música, admitira aos risos para uma ou duas das mulheres mais jovens que tinha motivos para achar que estava grávida, Camilla murmurara "*Rameira!*" e se levantara para deixar o recinto. Rafaella exclamara:

— Nenhuma das suas amantes jamais lhe daria coisa igual — e Camilla a esbofeteara.

Graças a esse episódio, as duas foram chamadas à reunião da Casa diante das mães da Guilda que, sem escutar as declarações que elas haviam trocado, Mãe Lauria dissera asperamente que conhecia todos os insultos que jovens mulheres podiam trocar e que não estava interessada, advertiram-nas a procurar conviver em paz. Mais tarde, cientes da hostilidade que existia entre as duas mulheres, as mães da Guilda procuraram designá-las para tarefas separadas: Camilla trabalhava na cidade, ao passo que Rafaella ficava na casa e cuidava do jardim da Casa da Guilda, de modo que elas não se encontravam com muita freqüência. Nem de longe com freqüência suficiente para discutir com a freqüência com que discutiam. Logo ficou evidente que as duas mulheres não podiam se encontrar no mesmo recinto sem brigar, o que ficou provado quando elas passaram a sentar em lados opostos da câmara, na sala de jantar e nas reuniões da Casa.

O último episódio teve início uma noite em que as duas, por acaso, se encontravam ao mesmo tempo na sala de banho no terceiro andar e (acidentalmente, Rafaella sempre insistiu) Rafaella trombara com Camilla, desequilibrando-a e molhando-a com água suja. Camilla se voltara para Rafaella em fúria.

— Olha o que você fez, sua piranha gorda! — O robe grosso de Camilla grudava molhado nos seus joelhos, pingando.

— Piranha é você! — retrucou Rafaella, furiosa por que dessa vez tinha mesmo sido acidente, e ela tinha aberto a boca para pedir

desculpas, para dar a toalha para Camilla com as próprias mãos, quando Camilla a ofendera.

Camilla não respondeu. Pegou uma bacia próxima, e despejou a água gelada e ensaboada na cabeça de Rafaella.

Perplexa, atrapalhada, furiosa, desvencilhando-se freneticamente dos cabelos gelados e molhados no rosto, cega, Rafaella pegou um balde e atirou-o em Camilla.

— Agora você vai ver, sua *emmasca* horrorosa!

O balde, feito de pedra e pesado, atingiu o ombro de Camilla, quase derrubando-a para o chão. Ela tropeçou e caiu para trás; uma mulher atrás dela apanhou-a e ajudou-a a ficar de pé. Camilla rodopiou; suas roupas se encontravam espalhadas num escabelo e ela pegou a adaga no seu cinto.

— Sua puta imunda, como se atreve?! — Ela avançou para Rafaella, e Rafaella agarrou a adaga nas suas botas, por puro reflexo; em legítima defesa, justificou-se mais tarde. E logo as duas encontravam-se lutando encarnecidamente, escorregando no chão de pedra molhado, Camilla atrapalhada com o robe comprido. Foram necessárias quatro mulheres para separá-las e as duas sangravam de cortes compridos e dolorosos. Kindra, despertada para resolver o problema, exibia uma aparência grave.

— Faz meia estação que vocês duas só causam baderna nesta casa — ela censurou. — Isso não pode prosseguir. Enquanto não passava de palavras, nós ficamos quietas, mas isso... — ela olhou chocada para o talho no braço nu de Rafaella e nos dois cortes no rosto de Camilla. — Isso é grave, isso constitui uma violação do juramento. Vocês se comprometeram, como todas nós, a viver em paz, como parentas e irmãs.

Camilla abaixou a cabeça. Ela tinha uma aparência ridícula, com o robe rasgado e molhado. Rafaella percebeu os olhos de Kindra grudados nos seus e sentiu vontade de chorar.

— Filhas — disse Kindra, com calma — peço que se beijem, supliquem o perdão uma da outra, e prometam viver em paz como irmãs. Se obedecerem não haverá necessidade de levar o problema adiante.

Rafaella olhou para Camilla com uma aversão fria e desdenhosa "*como se*", Camilla disse mais tarde, "*eu fosse uma coisa com cem pernas que você achou no seu mingau.*"

— Preferiria beijar um *cralmac*!

— Rafaella, minha filha, isso não é digno de você.

Camilla disse, trêmula de raiva:

— Se ela permanecer longe de mim, prometo manter minhas mãos longe da garganta suja dela. Mais que isso eu não posso prometer!

Kindra fitou de uma para a outra, furiosa e pálida.

— Não podemos permitir isso! Sabem disso!

— Pois então me mande embora — gritou Camilla — onde eu não precise escutar noite e dia as provocações dela! Existem outras Casas da Guilda nos Domínios!

Os olhos de Rafaella pousaram em Camilla; sentiu os lábios franzirem ao dizer:

— Talvez seja a melhor solução. Eu faço o maior esforço para permanecer o mais longe dela possível, mas parece que a Casa não tem espaço suficiente para nós duas. Se ela decidir partir, resolveria o problema para todo mundo.

Kindra balançou a cabeça.

— Vocês duas são minhas filhas-de-juramento; isso não seria solução. Crianças — suplicou — por que não fazem isso por mim: sentar e resolver o problema conversando? — Ela estendeu uma mão para cada uma; Camilla abaixou os olhos e fez que não viu, e Kindra falou, desesperada: — Não me deixarão opção exceto levar o problema diante das juízas?

— Oh, Kindra — disse Rafaella, os olhos enchendo de lágrimas. — Eu tentei, tentei com o maior empenho, mas não suporto viver com ela! Uma de nós tem que partir, mesmo se... — ela ouviu-se a soluçar — mesmo se tiver que ser eu!

Será que Kindra realmente a mandaria embora? Rafaella pensou, com auto-piedade, *será que ela gosta mais daquela emmasca do que de mim?* Um ano atrás teria corrido para os braços de Kindra às lágrimas, prometendo fazer tudo o que ela quisesse. Fez menção de se dirigir à Kindra, à beira de desmoronar, ansiando

que Kindra a abraçasse, mas a mulher mais velha franziu o cenho e recuou.

— É à Camilla, não a mim, que você deve pedir desculpas, Rafaella.

— Para ela? — disse Rafaella incrédula. — Jamais! — Queria gritar, *Kindra, você não tem mais amor algum por mim?* Mas engoliu as palavras, ciente de que não tinha o direito de pronunciá-las.

Kindra segurou os dedos compridos de Camilla nos seus.

— Kima, minha criança, é a mais velha, e é uma de nós há mais tempo. Poderia capitular? Não tenho o direito de pedir. No entanto, estou pedindo.

A voz de Camilla soou áspera, mas seus olhos estavam secos e seu rosto como pedra.

— É injustiça sua pedir isso, Kindra. Sabe que eu faria qualquer coisa por você salvo isso, mas eu não fiz nada para merecer a perseguição dela...

— Nada? — gritou Rafaella. — Você...

— *Rafi!* — Kindra não falou em voz alta, mas interrompeu Rafaella no meio da sílaba.

Camilla prosseguiu, com firmeza:

— Se ela se desculpar, aceitarei suas desculpas, e não prosseguirei com isso. Mas eu não vou rastejar para ela e suplicar o seu perdão por permitir que ela me maltratasse!

Kindra soltou um suspiro.

— Vocês não me deixaram opção — ela chamou as mulheres que as haviam desarmado. — Mantenham-nas em quartos separados enquanto eu informo as juízas.

Sozinha, assustada conforme a noite se arrastava, Rafaella escutava as palavras do juramento ecoando na sua mente. *E se eu quebrar meu juramento hei de me submeter às mãos da Guilda para a disciplina que elas julgarem adequada, e se eu falhar, que elas me abatam como a um animal e entreguem meu corpo insepulto à decomposição e minha alma à mercê da Deusa...*

Violação de juramento. Certa vez, ouvira o pai dizer que o crime mais vil de todos era empunhar o aço contra um parente; fora criada com a balada sobre o proscrito enlouquecido que assassinara

os irmãos, sendo exilado pela única irmã sobrevivente... e ela empunhara sua adaga contra Camilla. Estava certo que fora Camilla a primeira a ameaçá-la com uma adaga. Mas talvez a mulher só quisesse assustá-la... não havia necessidade de terminar numa briga. O talho no seu braço estava ardendo e pulsando; ninguém se preocupara em enfaixá-lo. *Por juramento, Camilla é minha irmã... mãe, irmã e filha de todas as mulheres comprometidas por juramento à Guilda. E eu saquei a adaga contra uma parenta... mais ainda, por que ela também é filha-de-juramento de Kindra.*

Mas Kindra não podia ajudá-la agora.

Ela não me ama nem um pouco! Kindra jamais faria um juramento comigo... ela ama Camilla mais do que a mim!

Afinal, uma das mulheres veio chamá-las, e Rafaella viu o rosto pálido e enfurecido da sua colega acusada. Postaram-se, lado a lado, diante das mães da Guilda, as roupas rasgadas e os pequenos ferimentos contando a história, e Kindra acrescentou que elas se recusaram, diante de testemunhas, a chegar a um consenso ou resolver a briga. Por fim, Mãe Callista, a mais velha das mães da Guilda, e uma das juízas da Guilda, disse:

— Isso é violação de juramento.

Rafaella estremeceu. *O que elas vão fazer comigo?*

— Vocês, Camilla n'ha Kyria, Rafaella n'ha Doria — disse Mãe Lauria — aproximem-se. Isso não é brincadeira; pergunto pela última vez se estão dispostas a dar as mãos, trocar um beijo como irmãs, e prometer resolver essa briga antes que seja tarde demais. Não terão outra opção.

Camilla disse, as mãos cerradas com a maior força:

— Antes preferiria que me matassem, a pedir perdão sem ter culpa e me humilhar diante dela!

— Rafaella, você vai pedir perdão? — perguntou Callista.

Rafaella acalentou o pensamento covarde, *Se eu o fizer, talvez elas punam apenas Camilla... se eu desmoronar e pedir perdão, pensarão que o faço por que estou com medo da punição, e saberão que sou a mais covarde, que ela é mais corajosa e mais orgulhosa do que eu! Demonstrar-me covarde diante dela? Jamais!*

— Me espanquem, ou me matem se quiserem! É esta a justiça amazona? — ela cuspiu as palavras.

— Matá-la? — Mãe Callista riu, sem achar graça. — Não somos os Guardas, para desafiar o seu desacato, e recompensá-la pela sua teimosia por que consegue disfarçá-la como heroísmo. Quer dizer que vocês estão dispostas a se submeter à punição? Ou vão pedir perdão e prometer conviver em paz?

Rafaella sentiu um nó no estômago, seus joelhos quase muito fracos para sustentá-la. *O que elas vão fazer conosco?* Queria chorar, suplicar misericórdia, mas diante da expressão fria e orgulhosa de Camilla, pensou que seria melhor morrer naquele mesmo instante, do que se mostrar covarde. Nenhuma das duas falou, e por fim Mãe Lauria deu de ombros.

— Vocês é que sabem, meninas estúpidas e tolas! Não nos deixaram opção. Vão buscar as correntes.

Correntes! Pensou Rafaella horrorizada. *É pior do que eu pensei...*

Camilla encontrava-se mortalmente branca; por um momento, Rafaella achou que ela ia desmaiar.

— Certifiquem-se de que nenhuma das duas está portando armas. — disse Mãe Lauria.

Elas postaram-se lado a lado, procurando ignorar a presença da outra, enquanto eram revistadas. Rafaella estava trêmula, mas diante do controle de ferro de Camilla, ela resolveu que não demonstraria o menor sinal de pavor.

Mãe Callista esticou a mão e uma das mulheres deu-lhe um par de algemas, unidas por uma corrente curta, não mais do que quinze centímetros.

— Vocês duas se recusaram a manter o juramento de sua livre vontade e decidiram não prometer viver em paz. Agora vocês serão unidas pelos pulsos; comerão juntas, dormirão juntas, trabalharão juntas, e conviverão juntas até aprenderem a viver em companhia como irmãs devem fazer. Quando descobrirem que nenhuma das duas pode dar um passo sem a cooperação da irmã, aprenderão que tudo o que fazemos sempre afeta as outras pessoas. A maioria de nós aprende essa lição menos arduamente. Camilla, você é canhota?

— Sou — disse Camilla com relutância.

— Então me dê a sua mão direita. Rafaella, você é canhota?

— Sou, sim.

— Ótimo. De outra forma vocês teriam que tirar a sorte e suportar o seu destino. — A sua boca franziu com uma aversão rancorosa. Ela prendeu as algemas nos pulsos das duas.

Algumas das mulheres assistindo riram um pouco, nervosas.

— Que vocês sejam para sempre uma — entoou uma delas em uma imitação da frase do casamento *di catenas* e franziu o cenho à expressão zangada da mãe da Guilda.

— Deixem-nas sozinhas agora — disse Mãe Callista — e tratem de ir dormir, todas vocês. Este episódio vergonhoso termina aqui.

— O que nós fazemos agora? — perguntou Camilla, nervosa.

Mãe Callista disse, com indiferença:

— Isso cabe a vocês duas decidir. Juntas.

Ela levantou sem olhar para trás e saiu. Kindra olhou para as duas, fez menção de falar, depois também se virou e foi dormir.

Uma das mulheres que testemunharam a briga disse:

— Talvez agora vocês, fedelhas idiotas, pararão de nos incomodar dia e noite; e se vocês querem brigar, terão todo o tempo do mundo para fazê-lo onde não incomodarão mais ninguém!

Lágrimas escorreram pelo rosto de Rafaella. *É injusto, cruel, humilhante! Como Kindra permitiu que fizessem isso comigo? Por que Kindra não me avisou do que iria acontecer? Será que ela não me ama nem mesmo um pouco? Todas me odeiam, estão todas do lado de Camilla...*

Ela automaticamente se mexeu para limpar as lágrimas e sentiu a alga de metal dar um safanão com força na sua mão, puxando o pulso de Camilla para os seus olhos. Camilla puxou-a com a maior força e disse:

— Pare com isso, maldita seja!

Rafaella começou a chorar, soluçando descontroladamente, a mão livre no rosto.

— Pode chorar agora, quando é tarde demais para resolver o problema. — Camilla disse friamente.

— E o que fez você para resolvê-lo? — indagou Rafaella, fungando.

A voz de Camilla era gélida.

— Nada. Você não precisa me lembrar a tola que eu sou.

Nenhuma das duas se mexeu por muito tempo. O fogo ardia baixo e o recinto estava muito escuro. Rafaella viu, de esguelha, que Camilla ergueu a mão para o rosto como se estivesse limpando lágrimas, mas pensou: *Ela, chorando? Essa emmasca? Duvido que ela seja humana o suficiente para saber como chorar!* E, na realidade, Camilla não fazia qualquer som ou movimento.

Rafaella estava esgotada, incapaz de pensar com coerência. Nunca se sentira tão cansada em toda a sua vida. Como poderia suportar isso? Quanto tempo duraria? Uma vez que a mãe da Guilda disse que comeriam, trabalhariam e dormiriam juntas, avaliava que durariam muitos dias. Como poderia suportar, ter a sua inimiga sempre ao seu lado? Mexeu os ombros, e viu Camilla se virar para fitá-la com raiva.

Queria estar a salvo no seu quarto, na sua cama. Mas como poderia ir dormir com Camilla presa ao seu pulso? Era pior do que uma surra! Rafaella decidiu não fazer o primeiro movimento, nem pedir para subir.

Só que mais cedo ou mais tarde eu acabarei precisando ir ao banheiro... mais cedo do que mais tarde, uma vez que estou grávida... mas não vou pedir a ela.

E ela sentiu que alcançara uma espécie de vitória quando foi Camilla quem afinal murmurou:

— Acho que não podemos ficar aqui sentadas a noite inteira. Não é melhor subirmos?

— Tanto faz — disse Rafaella com grosseria, mas foi difícil acompanhar os passos compridos de Camilla, e ela tropeçou e caiu na escadaria, puxando Camilla para o chão; Camilla praguejou.

— Também tenciona quebrar as minhas pernas, maldita?

— Você acha que eu quebraria minha própria perna para irritar você, sua cadela?

— Como eu vou saber o que você faria?

Rafaella esmoreceu para um silêncio furioso. Mesmo anos mais tarde ainda recordava da humilhação enfurecedora de ter de se aliviar com a outra mulher assistindo e o esforço que fizera para não chorar. *Não vou lhe dar a satisfação!* A própria Camilla se portou com uma indiferença completa e tranqüila, como se se encontrasse completamente sozinha. Rafaella se perguntou como a mulher mais velha conseguia aceitar a situação com tamanha calma.

Anos mais tarde, Camilla lhe disse:

— Eu queria gritar, chorar durante horas, te esbofetear. Mas você se mostrava tão arrogante, tão indiferente, como se não soubesse que eu estava presente. Sentia que não podia me comportar de maneira pior do que você, eu precisei fingir tranqüilidade... só que eu tinha mais experiência que você em suportar humilhações. Na época você não sabia o quanto eu suportara de tormentos, que eu também podia suportar mais esse...

Rafaella disse com frieza:

— Nós vamos dormir aqui no chão do corredor?

— Onde elas poderão zombar de nós amanhã de manhã? Essa é boa!

— Há espaço na minha cama — disse Rafaella com relutância.

— Você quer acordar todas as suas amigas, para zombar de mim?

Rafaella deu-se conta de que nenhuma das outras três mulheres que dormiam no seu quarto sabia do ocorrido.

— Prefere acordar as suas amigas?

— Que amigas? — perguntou Camilla. — Durmo sozinha... uma coisa que, tenho certeza, você nunca fez na vida inteira... e ao menos na minha cama nós não seremos vistas!

Desencorajada, Rafaella concordou com um murmúrio. No quarto de Camilla, ela teve que fazer o maior esforço para tirar as botas com uma mão. Camilla já se encontrava despida, com o robe rasgado e ainda molhado. Rafaella resolveu não tirar mais nada.

Rafaella dormiu mal, vestida, e de um lado a que não estava acostumada. Toda vez que ela se mexia, as algemas tornavam a despertá-la. Ao acordar, sentiu a onda de náusea que só experimentara algumas vezes antes, mas que as mães da Guilda

disseram que acometia muitas mulheres no início da gravidez; ela sentou, enjoada, e Camilla resmungou, acordando de repente:

— Deite-se! O que em nome do demônio...

— Estou enjoada — murmurou Rafaella, e desatou a correr, com Camilla tropeçando irritada logo atrás.

Ela se debruçou na pia, forçando o vômito, absorta num sofrimento desamparado. Devra, que se encontrava na cozinha mais cedo para o serviço, aproximou-se para limpar seu rosto com um pano úmido.

— Pobre Rafi, eu esperava que você não tivesse de passar por isso... — ela parou, olhando para Camilla com uma raiva perplexa. — O que...

Rafaella se encontrava muito enjoada para explicar. Camilla disse em poucas palavras:

— Nós brigamos. Foi esta a maneira que encontraram para nos punir.

Devra mostrou-se consternada.

— Mas, Rafi, isso é terrível, quando você se encontra doente... Kindra sabe? Quer dizer que ela é capaz de fazer isso com você agora?

Rafaella não conseguiu responder; só conseguiu pensar, *Eu mesma provoquei isso*. Camilla estava parada, o rosto desviado, com uma aversão irritada. Procurando as botas aos tropeços, já no quarto, Rafaella descobriu-se a chorar descontroladamente.

— Oh, cale essa boca — berrou Camilla. — Não sabe fazer outra coisa que não chorar todo o tempo?

— E-eu não consigo evitar...

— Já é ruim ficar acordada a noite inteira com você se remexendo, e acordar com você colocando os bofes para fora sem parar, ainda sou obrigada a escutar você se lamuriando o dia inteiro? Cale essa boca ou eu te parto a cara, miolo-mole!

— Experimente!

Camilla ergueu a mão para desferir o golpe, mas a força do tapa acabou desequilibrando-a, e as duas caíram juntas, embaraçadas, na cama. Camilla, praguejando, ficou de pé.

— Para onde você vai agora? — quis saber Rafaella.

— Vou me limpar, sua porca suja, e me vestir, ou será que você não toma banho? Acha que vou tomar o desjejum com esse meu robe sujo?

— Não estou com fome. — disse Rafaella, trêmula. Sentia que não agüentaria confrontar o lugar cheio de mulheres.

— Mas eu estou. Não estou grávida. — falou Camilla com frieza, e Rafaella não teve outra opção que não ir atrás, atrapalhada, para o banheiro, onde Camilla, com a maior dificuldade, lavou-se com uma só mão.

Teimosa, desviou o rosto enquanto Camilla se vestia. O lugar se encontrava cheio de mulheres, que olhavam, riam ou murmuravam umas com as outras. Rafaella supôs que todas as mulheres na Casa da Guilda já sabiam da história, a essa altura. Na sala de jantar, discutiram outra vez para saber onde se sentariam; ao final, acabaram por se equilibrar na extremidade do banco. Rafaella não conseguiu comer, mas bebeu um pouco de leite quente. Kindra, numa mesa próxima, virou para olhar para elas, mas embora Rafaella acreditasse que a sua expressão era de simpatia, a mulher não falou.

— Ah — caçoou alguém — quer dizer que vocês casaram *di catenas*?

— Camilla só pode ser das Cidades Secas, para colocar sua mulher em correntes!

Rafaella começou a perceber uma coisa que nunca lhe ocorrera: Camilla não era muito querida. A maioria das zombarias era dirigida à sua pessoa; as poucas expressões de simpatia eram para Rafaella. Mas a maioria das mulheres parecia evitá-las, embaraçadas.

Foi um dia terrível, pontuado de insultos e bofetadas ocasionais, puxando as algemas que as prendiam, tropeçando por toda a casa a fim de cumprir suas tarefas. Não demorou muito para conseguirem caminhar sem desequilibrar a outra, mas ainda discutiam praticamente a cada passo e quando, perto do anoitecer, Rafaella começou a chorar de exaustão, Camilla tornou a esbofeteá-la, e Rafaella se virou para esganá-la. Acabaram caindo juntas, brigando, se arranhando, agarrando qualquer parte da outra que

conseguiam alcançar, soluçando de raiva e humilhação... não podiam, com as mãos presas, sequer dar um bom puxão no cabelo uma da outra!

Abruptamente, Rafaella começou a rir. Ela relaxou, soltou Camilla, e ficou rindo descontroladamente no tapete.

— O que é tão engraçado?

— Você — gorgolejou Rafaella — e eu. Nós duas. Você não percebe como nós somos ridículas? Aqui estamos, brigando desse jeito, e não podemos nem alcançar a outra... mais do que podemos nos afastar da outra!

Lentamente, Camilla começou a rir.

— E eu nem mesmo posso sair correndo sem levar você junto.

Elas riram juntas até lágrimas escorrerem nos seus rostos, Rafaella segurando os flancos doloridos.

— Meu ombro — gemeu Camilla. — Acho que está quebrado...

— Eu fiz isso? Perdoe-me, não tive a intenção... oh, isso é ridículo...

— Acho que não está machucado, só distendido. Eu machuquei você? — indagou Camilla. — Eu não queria... — ela ajudou a outra a ficar de pé.

Rafaella tropeçou na escadaria e Camilla se esticou para ampará-la. Surpresa, Rafaella agradeceu.

— Não me agradeça — resmungou Camilla. — Se você cair, eu acabaria com o joelho quebrado!

No banheiro, Rafaella olhou ansiosamente para uma das banheiras.

— Eu queria tomar banho. Mas não vejo maneira de...

Camilla começou a rir.

— Acho que não há uma banheira grande o suficiente para nós duas.

Por alguma razão, as duas acharam isso engraçado, também. Camilla disse, asperamente:

— Se você lavar o meu rosto, eu lavo o seu.

Fracamente, lágrimas de riso escorrendo no rosto, as duas lavaram uma a outra. Conforme desciam para o jantar, Rafaella disse, envergonhada:

— Antes de entrarmos... é melhor resolvermos onde sentar, para não discutir na frente das outras...

Camilla mexeu os ombros.

— De acordo. Onde vamos sentar esta manhã?

Quando encontraram um lugar, Camilla disse grosseiramente para a servente:

— Hei, você, nós não podemos mastigar nossa carne como cães. Elas não nos devolveram nossas facas; precisamos de alguma coisa para cortar nossa carne!

— Tome — disse Kindra, e entregou sua própria faca para Camilla, observando enquanto as duas cortavam a carne em pedaços.

Quando Camilla terminou, ela tornou a embainhá-la sem nenhum comentário e voltou para o seu lugar. Rafaella observou-a se afastar, especulando: *Ela está se divertindo à nossa custa?*

Depois do jantar, algumas mulheres se reuniram na sala de música para ouvir Kindra e Devra cantar baladas; Rafaella e Camilla sentaram numa almofada para escutar, mas a novidade da visão estava se acabando e ninguém prestou atenção nas duas. Quando se separaram para subir, Rezi parou junto à Rafaella e cutucou-a.

— Eu pensei que você se gabava de nunca ter partilhado a cama com uma mulher, Rafi!

Rafaella sentiu o rosto corar inteiro. Sabia que Kindra as estava observando.

— Deixe-a em paz! — ralhou Camilla.

— Como é galante, Camilla! E somente depois de uma noite na sua cama? Fale a verdade, que mágica é essa que uma mulher da espécie dela pode lançar em você, para que você já a proteja como uma amante...

— Cale a boca, maldita — disse Camilla, a voz perigosamente baixa. — Eu não vou ficar acorrentada para sempre.

— Quer dizer que as inimigas juradas se tornaram *breddhin'y*? — outra mulher caçoou. — Como dois noivos, estranhos antes, e depois...

Camilla murmurou:

— Vamos sair daqui. Não somos obrigadas a escutar essas coisas.

As duas saíram apressadas, a um coro de zombarias, vaias, e piadas obscenas. Na escadaria, olhando para as lágrimas nos olhos de Rafaella, Camilla disse em voz baixa:

— Perdoe-me por isso, Rafaella. Eu não a teria exposto, de propósito, a essa espécie de brincadeira. Sei que elas não gostam de mim, mas achava que eram suas amigas...

Rafaella engoliu em seco.

— Eu também achava.

— Mas elas se comportam dessa maneira comigo por que é minha culpa você se encontrar nessa situação - disse Camilla amargurada, e silenciou. - Sou mais velha que você, e saquei minha adaga primeiro... você deveria ter dito isso à Kindra. Por que não disse?

Rafaella inclinou a cabeça.

— Eu não sei. — murmurou.

Rafaella pensou a respeito. E depois pensou, *Se elas me expulsassem, mesmo em desgraça, eu teria parentes e parentas, não ficaria completamente só. Mas Camilla é emmasca, e eu ouvi Kindra dizer que sua família a repudiara. Ela não tem outro lugar para ir.*

Mas disse, no lugar disso:

— Preciso de roupas secas para amanhã. Poderia ir ao meu quarto enquanto eu as pego?

— É claro. Só espero que as suas companheiras não estejam lá... — disse Camilla, engasgada. — Tenho medo delas... todas me odeiam, e você é tão popular...

— Mas todas na Casa gostam de você! — disse Rafaella, honestamente perplexa.

— Não — disse Camilla com amargura — elas se mostram cautelosamente polidas comigo por que eu sou *emmasca*, mutilada... ninguém gosta de mim de verdade, exceto Kindra, e agora ela também me odiará, por que trouxe sofrimento e desgraça sobre você, mimo e querida dela...

— Kindra não me ama de forma alguma — disse Rafaella, e desatou a chorar. Camilla ficou olhando, consternada. — Ela tomou seu partido, Camilla... e eu achava que ela me amava... — e toda a mágoa antiga tornou a aflorar. Procurando controlar os soluços, ela dirigiu-se para seu baú e pegou uma túnica e uma roupa de baixa limpas, calças e meias. — Eu não quero dormir de roupa de novo...

— Não precisa dormir — disse Camilla, e depois, a amargura aflorando — a não ser que você esteja com medo de se despir na minha frente, por saber que sou uma amante de mulheres...

— Não seja boba — disse Rafaella. — Isso nunca me passou pela cabeça... pensa que dou ouvidos às piadas grosseiras delas? — Depois percebeu, subitamente, que Camilla não estava brincando. — Mas você está falando sério! Eu nunca pensei nisso, honestamente!

— Se não pensou, certamente é a única.

Rafaella parou e ficou calada, olhando o rosto tenso, a boca franzida.

Era como se estivesse olhando Camilla pela primeira vez, e uma coisa que não passara de uma palavra, um insulto, subitamente tornou-se real para ela. Pensou; *talvez ela até fosse amante de Kindra, talvez fosse por ela que Kindra não faria um juramento comigo...* mas ela tinha medo e vergonha de dizer essas palavras. Por fim, ela disse, sentindo as palavras estranhas nos seus lábios:

— Isso não era necessário, Camilla. Eu não ligo para o que elas dizem.

O que posso dizer a ela? Eu amava Kindra e jamais compreendi por completo, e agora não sei o que dizer a ela. Sinto-me uma idiota. E Kindra também me amava. Mas se ela me amava como disse, por que me conduziu aos braços de um homem? Trêmula, subitamente sabendo de mil coisas que se achavam além do seu conhecimento, sentindo-se subitamente muito jovem e infantil, desviou os olhos de Camilla.

— Poderia soltar os meus punhos, por favor? Não consigo alcançar os botões do outro pulso.

Elas se ajudaram a se despir; mas, embora Camilla não removesse as roupas de baixo, quando ela se virou para tirar as calças, Rafaella viu o que não tinha notado na outra manhã, quando

a outra mulher se vestiu: as horríveis cicatrizes, na extensão dos ombros e das costas de Camilla. Ela respirou prolongadamente, consternada.

Deve ser por essa razão que ela nunca toma banho junto com as outras mulheres, por que ela sempre dorme sozinha. Como ela recebeu cicatrizes tão terríveis?

Camilla disse, num tom muito baixo:

— Agora você viu. Agora pode espalhar a história de minha... minha degradação, de como sou duplamente mutilada...

Rafaella desviou os olhos.

— Ora, é evidente que eu não faria nada assim. Já tenho muitos problemas com que me preocupar.

Camilla respirou fundo.

— Eu achava... que Kindra lhe contaria a respeito. Creio que a história circula por todas as Casas da Guilda, desde aqui até Dalereuth; a história de como precisei ser despida na ocasião de meu juramento por que não tinha forma feminina de qualquer maneira...

— Não conhece bem Kindra, se pensa que ela espalharia essa história. Tampouco outra mulher qualquer que a viu despida falou a respeito comigo. Mas, como você recebeu todas essas cicatrizes, Camilla?

— Eu... eu prefiro não falar a respeito. Eu era muito jovem, mas não gosto de recordar... talvez um dia eu lhe conte. Mas eu... eu não posso falar a respeito.

— Como quiser. - Rafaella ficou calada enquanto as duas subiam na cama e se mexiam à procura de uma posição confortável.

Acordou de repente, ouvindo Camilla gritar, gemer, empertigar-se abruptamente, batendo as mãos freneticamente.

— Calma. Está tudo bem, Camilla... sou só eu, não há ninguém aqui para machucá-la...

— Oh, Rafi... lamento tê-la acordado...

— Eu só lamento que você não possa dormir sem pesadelos.

Camilla disse, após um longo minuto:

— Eu estava com medo. Eu... houve uma ocasião em que fui amarrada... como um animal... e também espancada como um

animal. Piedosamente, esqueci a maior parte, mas, às vezes, ainda tenho pesadelos...

— Nesse caso, provavelmente é pior para você do que para mim — disse Rafaella, com compaixão. *Amarrada como um animal... espancada como um animal... o que pode ter acontecido a ela?*

— Camilla — ela disse afinal — desculpe-me. Nossa briga foi culpa minha; eu molhei você com água suja e eu deveria ter pedido desculpas e impedido que a situação chegasse a esse ponto. Amanhã procurarei Kindra para lhe contar, e pedirei que somente eu seja punida. Então você poderá ser libertada, e não precisará mais ter pesadelos de ser amarrada.

Camilla abaixou a cabeça.

— Você me deixa envergonhada. Eu sabia que você se desculparia e não quis isso, porque significaria que você era melhor que eu. Acho que, se você tivesse se desculpado, eu teria feito que não ouvi, para não precisar tomar conhecimento.

— Então nós duas somos culpadas — disse Rafaella, hesitante. — Você quer... quer trocar o perdão comigo, Camilla?

— De bom grado... irmã-de-juramento. — Camilla utilizou a frase ritual, *com'hi-letzis*.

Rafaella se debruçou e beijou-a nos lábios, suavemente; curiosa, tocou o rosto de Camilla com as pontas dos dedos. Ninguém da Casa da Guilda jamais vira Camilla chorar. Mesmo quando fora trazida de uma batalha nas colinas com um enorme ferimento na perna que teve que ser limpo e cauterizado com ácido, Camilla não chorou ou mesmo se lamentou!

— Eu sempre quis ser sua amiga. Você era parenta de Kindra e só por esse motivo eu a teria amado. E não obstante, eu não podia evitar procurar briga com você e provocar você... — a sua voz partiu-se. — É por que você é bonita e todas a amam, e por que está grávida.

— Mas você é a melhor lutadora da casa, todas admiram sua coragem e sua força...

— Eu sou uma aberração — disse Camilla com a voz trêmula. — Uma *emmasca*, nada que se assemelhe a uma mulher.

— Mas, Camilla, Camilla... — protestou Rafaella, abraçando a mulher mais velha; nunca lhe ocorrera que Camilla, que havia, afinal de contas, escolhido sofrer a operação de neutralização, poderia sentir-se dessa forma.

Não soube durante muitos anos por que Camilla fora obrigada a fazer essa escolha, mas pressentiu a tragédia, o que a tornou gentil.

— Eu pensava que você desprezava minha feminilidade; que você me perseguia por eu estar grávida...

— A perseguiu? Se o fiz, foi por inveja... — disse Camilla, engasgando.

— Inveja? — disse Rafaella incrédula. — Desta insana... insana confusão em que me meti? E eu odiava a mim mesma por ser tão idiota, vulnerável...

— Inveja por que você terá uma criança, ao passo que eu jamais poderei, agora... não que eu realmente desejasse uma, mas às vezes acho difícil... nem, creio, eu poderia tornar-me vulnerável dessa forma. Vale a pena, Rafaella? É realmente um prazer tão grande para você, o que você faz com os homens, para compensar todo o perigo?

— Creio que você não pensaria dessa maneira — disse Rafaella procurando não lembrar que os seus motivos foram completamente diferentes. — Você, que se mostra tão orgulhosa sobre o fato de ser uma amante de mulheres.

— Orgulhosa? — Camilla mexeu os ombros. — É possível. Se tivesse passado pelo que eu passei, talvez não pensasse a mesma coisa sobre o que os homens desejam das mulheres. — Camilla desviou os olhos, mas ocorreram a Rafaella, lembrando das horríveis cicatrizes da outra mulher, coisas muito terríveis para serem pronunciadas. Ela abraçou a mulher mais velha com uma simpatia silenciosa, mas Camilla ficou rígida, imóvel. — Eu não morri. É isso que não posso me perdoar. Viver com a lembrança. É uma coisa que nenhuma de minhas parentas seria capaz de perdoar; que eu tenha sobrevivido ao que qualquer mulher decente teria morrido. — Ela desvencilhou-se dos braços de Rafaella. — Não encoste em mim, Rafaella, eu não mereço viver.

— Não diga isso, Camilla, não... — disse Rafaella segurando-a. Após um momento, a mulher mais velha mexeu os ombros.

— Desculpe-me. Eu fico assim de vez em quando. E quanto fiquei sabendo que você estava grávida, não pude conter o meu ódio... que você fosse jovem, bonita, querida... mas era a mim mesma que eu odiava... por todas as coisas que eu jamais teria ou desfrutaria... - Ela deu um sorriso desolado na escuridão. — Isso é o resultado dos pesadelos. Perdoe-me, Rafaella.

— Eu acho — disse Rafaella moderadamente, virando a sua mão dentro da corrente de forma a envolvê-la na de Camilla — que sou eu quem deve pedir o seu perdão, *brêda*.

— Pois então vamos perdoar uma à outra — disse Camilla apertando as mãos macias. — Você precisa dormir; não faz bem para uma mulher com criança perder o sono dessa forma. Pronto, vai dormir melhor assim? — Ela afofou o travesseiro sob rosto e o pescoço de Rafaella. — Deite quietinha, e quando acordar amanhã, quem sabe não estará enjoada e eu poderei dormir mais um pouco.

Continuaram acorrentadas mais três dias; mas àquela altura, as duas haviam aprendido a se ajudar mutuamente, e acabaram consolidando uma amizade que duraria a vida inteira, uma amizade tão forte que anos mais tarde, nenhuma das duas jamais conseguiu recordar o motivo da briga.

Fim

UM HOMEM DE IMPULSOS

Marion Zimmer Bradley

— Você mantém boas companhias, *chiyu* — Marilla Lindir disse em tom cortante para seu irmão. — Mas de todas aquelas que você aprecia, em relação ao Lorde Ardais, um homem não um menino, velho o bastante para não ser um companheiro para você, e para você nunca contestá-lo, e bonito como uma garota... você me surpreende.

Merryl ouviu as palavras em sua mente, antes que ela falasse e ficou irritado, mas disse calmamente.

— Você não conhece Lorde Dyan como eu conheço, Marilla.

— Não, e eu agradeço a todos os Deuses por isso! Não é bastante que todos nossos parentes de Aillard pensem em você como um calçador de sandálias porque você faltou com o dever em seu período nos Cadetes.

— Isso não é justo — Merryl disse calmamente. — O que aflige você, Rilla? Você está zangada porque pela primeira vez há algo que nós não compartilhamos? Você tem suas amigas mulheres e nem por isso sinto rancor por você. Você sabe por que eu não poderia entrar nos Cadetes; depois que nosso irmão Samael morreu, o pensamento de Mamãe é que eu derreteria nas chuvas do inverno ou pegaria uma febre com o calor do verão, e só queria me ver amarrado à barra de suas saias, mesmo quando eu me tornei um homem. Agora pela primeira vez há um homem de nossa classe que me aceita como eu sou; um homem, um telepata e que não zomba de mim pelo fato de não poder ser um modelo de masculinidade. Ele me aceita. — Merryl repetiu, e Marilla, com raiva, sentiu a dor na voz de seu irmão, embora esta estivesse firme.

Ela ouviu os argumentos do irmão com dureza. Talvez fosse verdade, talvez sua raiva fosse somente inveja, ela e Merryl eram irmãos gêmeos e não tinham sido separados, como acontece com a maioria dos irmãos e irmãs, que no despertar de sua puberdade são entregues separadamente aos cuidados de uma Dama do *Comyn*. Ela estava com ciúme por não poder seguir nesse novo mundo? Ela se aproximou de Merryl e abraçou-o. Ela era quase tão alta quanto ele; seu cabelo flamejante trançado com um cordão, em torno de seu rosto sardento, seus ombros quase tão largos quanto os dele.

Por anos, nosso pai disse que de nós dois eu parecia mais um homem do que ele; Eu posso montar e cavalgar mais rápido do que Merryll; meus falcões são mais bem treinados do que os seus; eu até mesmo pratiquei com ele em suas aulas de treinamento de armas... porque a Mamãe sempre achou que os exercícios e os rapazes ásperos que viviam em torno dos estábulos e dos celeiros, contaminariam seu bebê precioso. Mas a Mamãe já nos deixou e agora não há nada que impeça Merryll de ter um comportamento apropriado para um homem. E eu, Marilla, não recuei diante daquelas implicações implacáveis, mas eu devo me transformar em algo não mais do que uma mulher? Porque me foi permitido compartilhar do pouco de masculinidade que Merryll teve, se assim eu fui estragada para a única vida que deve ser minha?

Ela soltou um longo suspiro e disse:

— É verdade que eu não conheço Lorde Dyan como você diz. Contudo eu sinto que ele está usando a sua — procurou por uma palavra que não o ofendesse, considerou e rejeitou a "adoração de herói" e, hesitantemente, disse finalmente: — usando sua... sua admiração por ele. Eu não sou uma tola, Merryll, eu sei que... que os homens jovens, os garotos, precisam tomar cuidado com este outro estilo e maneira de ser, e eu nunca deveria ter concordado com isto...

— Você não deveria? — ele atalhou com irritação, mas ela agitou sua cabeça e gesticulou para silenciá-lo.

— Realmente, você tem tal pessoa como amigo... Pode compartilhar de tal companhia, do amigo, eu não posso partilhar esse tipo de amizade como você...

— Marilla, Marilla — ele exclamou outra vez. — Você pensa que eu estou censurando-a por que...

— Não, Não. — espere — não é o que significa para mim. Eu sou sua irmã; um amigo, homem ou mulher, poderia lhe dar coisas que eu, sua irmã e gêmea, não poderia dar... e eu tentaria lhe dar tudo. — ela disse honestamente. — O mundo é como é, e não como você ou eu queremos. um homem está livre para explorar seus caminhos desta maneira e uma mulher não.

— Isso não é completamente verdade, - Rilla.

Ela deu um pequeno sorriso para ele e disse:

— Talvez não; Eu deveria ter dito que um garoto é muito mais livre do que uma mulher, desde que não precise temer a desonra...

— E eu não tenho nenhum desejo de desonrar nenhuma mulher ou trazer a vergonha para ela — Merryl disse calmamente — mas eu não tive nenhuma ou *bredini*, também.

— Até agora?

Um arroubo de raiva; as barreiras entre eles estavam abaixadas, mas ele de imediato levantou os escudos, mantendo sua mente fechada. Merryl nunca antes havia fechado sua mente para ela. Ela disse urgentemente:

— Merryl, escute-me! Para você, talvez, isto esteja certo, talvez este seja o momento para tais coisas, mas em nome de todos os infernos, em nome de Avarra a Misericordiosa, eu posso ver porque você ama Dyan, talvez, mas o que ele quer com você? Ele é velho o bastante para ter vivido tais coisas antes que qualquer um de nós tivesse nascido; ele poderia ser nosso pai...

— Ele não é tão velho assim. — Merryl interrompeu-a.

— Você julga um homem pelo número de anos que ele já viveu?

— Eu apenas sei que ele é um homem que, no passado, em sua primeira juventude, procurava amantes entre os rapazes muito jovens e, já adulto, ainda anda com garotos — Marilla disse com fervor. — Que tipo homem é este? E eu ouvi, se você não, do escândalo nos Cadetes há seis anos, quando ele seduziu um garoto tão jovem que o menino teve que ser enviado para a casa de sua família por que...

— Eu deveria saber que você jogaria Octavien em minha cara — Merryl disse, com um sorriso ímpar, soberbo.

— Dyan contou-me tudo antes que qualquer outro o fizesse e me jogasse contra ele. Ele alojou Octavien em seu próprio quarto, apenas porque ele era muito novo e criançola e os outros rapazes que eram mais maduros, o tiranizavam. Dyan tinha sido pequeno e frágil também e sabia o que era ser tiranizado por rapazes mais velhos, e pensou que talvez pudesse transformar o rapaz num homem tratando-o como um. ele ensinou-o, supervisionando-o, se

tornando seu amigo. Mas a verdade sobre todo este problema era somente esta: Octavien era uma criança chorosa que nunca deveria ter ingressado na Guarda e sob pressão sua mente entrou em curto. em sua cabeça ele começou a achar que os outros rapazes falavam sobre ele dia e noite por causa da amizade e atenção que Dyan lhe dispensava, como se eles não tivessem nada melhor a fazer do que chamá-lo de fraco, calçador de sandálias, catamito; e então ele começou a se lamentar noite e dia e não pode mais parar e, como todo doente da mente se fixa em algo ou alguém, ele também se fixou em alguém, justamente sobre quem foi seu amigo e muito o ajudou; enfim ele acusou Dyan de tais coisas indizíveis. e assim eles se apressaram em afastá-lo, pobre criança doente da mente, antes que ele pudesse se tornar um adulto num estado pior.

— Esta, eu suponho é a versão de Dyan — Marilla falou.

Merryl disse:

— Eu sou telepata o suficiente para saber quando eu estou sendo enganado. Dyan falou a verdade. Na realidade ele percebeu como Octavien era frágil para suportar a pressão e quis enviá-lo para casa, antes que... mas ele tinha desenvolvido um amor sincero pelo menino e Octavien não quis partir então e disse que Dyan era a única pessoa que se importava com ele e o compreendia, e Dyan sentiu que afastá-lo seria feri-lo mais ainda. Merryl ficou silencioso, mas Marilla pôde perceber o que ele não quis lhe dizer em voz alta. *Dyan chorou como uma criança, quando ele soube o que tinha acontecido a Octavien; ele não me contou isto, mas eu vi em sua mente...*

Marilla pensou: *Dyan poderia ter se tornado amigo do garoto sem seduzi-lo primeiro para depois levá-lo para sua cama; e certamente não observou o quanto isto era inadequado.*

Um dos tabus os mais fortes nas Hellers era aquele que proibia tais ligações entre gerações; veio dos dias em que qualquer parente do pai ou da mãe podia ser a mãe ou o pai verdadeiro, já que as uniões eram efetuadas em grupo e frequentemente se desconhecia o parentesco.

— Dyan não poderia encontrar nenhum homem de sua própria idade entre seus favoritos e amigos?

— Você está sendo preconceituosa, Marilla. Como todas as mulheres, você pensa que um amante de homens insulta todo o seu sexo...

— Nem tanto — ela disse — mas ele também está imbuído de preconceitos, assim como o homem que abandona sua esposa de trinta anos que teve muitas crianças, por causa de suas rugas e cabelos cinzentos, e toma uma donzela mais nova e mais bonita. Ele pensa que, se todos seus amantes são jovens, ninguém verá as marcas do tempo em seu rosto?

Merryl ruborizou-se, mas disse com teimosia:

— Não obstante, ele é meu amigo, e enquanto você estiver em minha casa, você será civilizada com ele e irá recebê-lo com cortesia.

— Oh, então é assim? — ela disse, numa explosão de raiva. — Enquanto eu fizer sua vontade em todas as vezes, nós somos como iguais, mas quando nós discordamos, você apenas diz "eu *sou o mestre desta casa e você não é nada mais do que uma mulher?*"

Ele abaixou sua cabeça.

— Eu não falei assim, Marilla, Evanda me proíba — mas irmã, você não será amável com meu amigo por amor a mim?

Ela pensou exasperada: *Por amor a você eu lhe mostraria a porta*, mas quando seu irmão falou nesse tom, ela apenas poderia somente conceder o que ele desejava. Ela disse:

— Eu não gosto e tampouco aprovo o homem. Mas você deve fazer como quiser. Ela lhe deu as costas e saiu.

Lorde Dyan, ela pensou, parecia um pouco com um falcão: cabeça sisuda e orgulhosa, nariz elevado como uma ponte sobre a boca, quando ele sorria, sua risada tinha um som áspero e selvagem. Suas maneiras para com ela eram escrupulosamente delicadas; ele não a chamava de *damisela*, mas *Domna Marilla*, como reconhecimento de que ela era a Senhora de Lindirsholme. Durante as noites, quando eles se sentavam no salão ou dançavam ao som do menestrel da casa, ele era sempre o primeiro a tirá-la para dançar, e até mesmo era cortês com a idosa dama de companhia e com o velho preceptor que tinham sido seus

educadores e de Meryll. Durante os dias estava sempre fora com Meryll, caçando com falcões ou simplesmente cavalgando pela propriedade; nas noites, às vezes, pedia uma harpa de uma das cantoras e cantava ele mesmo, estranhas baladas dolorosas, mais velhas do que os próprios montes, em uma voz bem treinada e musical, embora sem muito tom. Uma vez ele disse, com um gesto de encolher de ombros num tom arrependido e triste:

— A tragédia de um garoto é sempre esta: que não importa quão bonita seja sua voz antes que ela mude, e não há nenhuma maneira de dizer se sua voz madura será a mesma ou qualquer coisa pouco mais que um grasnado bem treinado;

— Contudo as canções são bonitas — Marilla disse, verdadeiramente, e ele inclinou-se.

— Eu aprendi de minha mãe. ela passou anos estudando com um dos grandes menestréis das montanhas; naturalmente meu pai não poderia apreciar a música, assim ela cantava apenas para mim. E eu aprendi mais em Nevarsin.

— Então você foi destinado a se tornar um monge, Lorde Dyan? — ela perguntou-lhe.

Ele riu, um riso de som áspero como um pássaro rouco.

— Eu não! Eu não tenho nenhuma vocação para o jejum e a oração, e menos ainda, talvez, para uma vida à maneira do ascético. Eu gosto do bom alimento e das camas mornas e da companhia daqueles que podem dançar e cantar. somente a música me manteve lá; eu resistiria muito mais do que aquilo para tal aprendizagem. Não, eu fui enviado para lá para aprender as artes da cura e agora — ele encolheu os ombros — nestas eu tenho a habilidade necessária o bastante para ajustar um osso quebrado de um cachorro. — Ele olhou fixamente os longos dedos delicados que se moveram habilidosamente na harpa. Eles eram finos, mas as junções mostravam protuberâncias e calos causados pela espada e as rédeas. — Para alguém de nossa classe, não há nenhuma tarefa digna de um homem, eles dizem, exceto a espada. O dever me chamou e eu fiz o que a honra exigia que eu fizesse. Como você é afortunado — seus olhos procuraram Meryll — por ter escapado deste destino!

— À custa da masculinidade — Meryll disse amargamente.

— Bah! — Dyan soltou uma exclamação áspera, gutural — Se aquilo é masculinidade, talvez o universo fosse um mundo mais saudável se todos nós usássemos saias sobre nossos joelhos, rapaz!

Marilla perguntou-lhe:

— Você pensa realmente que as mulheres estão em melhor situação do que homens?

Ele sacudiu a cabeça.

— Talvez não, Lady Marilla — eu não sou nenhum juiz; minha avó Rohana governou as terras de Ardais melhor do que qualquer homem poderia fazer e meu pai — ele encolheu os ombros. — Eu nunca o vi moderado ou são, após meu décimo-terceiro ano. Minha irmã era uma Guardiã, *Ieroni* em Arilinn, e nenhum homem poderia ser seu mestre, contudo, morreu na tentativa extrema de carregar uma criança para seu amado *terranan*. Minha mãe resistiu às loucuras e insanidades de meu pai até morrer. Minha avó viveu toda sua vida submetida a um homem que raramente poderia ser seu igual; contudo ela tratou-o sempre muito bem. Você poderia me responsabilizar quando digo que não compreendo as mulheres? Os homens também não são o problema. mesmo você, rapaz — seu sorriso para Meryll era tão sincero, tão morno e suave, que Marilla estremeceu — você escapou do mal maior do que seu clã exigiu de você, contudo você anseia como se tivesse sido proibido de alguma coisa esplêndida! Eu daria muito para poder sentir a incapacidade que você sente, de modo que eu pudesse ter tido a chance de fazer minhas próprias escolhas. — e ele suspirou. — Enfim. O mundo é como é. — Então ele inclinou a cabeça sobre a harpa e começou a tocar uma canção alegre e não muito decorosa sobre um grupo de disparatados incursores das montanhas.

"Nós temos que lhes dizer repetidas vezes,
Violar as mulheres e matar os homens,
Às vezes eu penso que eles nunca aprendem.
Primeiramente você pilha e então você queima".

Não muito tempo mais tarde, Marilla levantou-se, com o seu preceptor e sua Dama de Companhia, e retirou-se; Merryl abraçou sua irmã e Dyan inclinou-se sobre sua mão; por um instante ela ficou chocada, admirada consigo mesma. *Eu queria um abraço dele, também?*

E mais tarde durante a noite ela acordou, chocada, de um sonho; raras vezes ela tinha sonhado dessa maneira: ela estava nos braços de alguém, acariciada suavemente, mente e corpo tocados em tal profundidade que seu corpo inteiro parecia derreter no prazer. Ela acordou assustada na perplexidade, sentindo ainda os braços sobre ela, o toque prazeroso ainda permanecendo em seu corpo. mas ela estava sozinha e então, soltando sua respiração no desânimo, abaixou suas barreiras; mas eram as mãos de Dyan. Eram os braços de Dyan no sonho, ou não era um sonho? E lentamente, envergonhada, ela soube o que tinha compartilhado. ela supôs, naturalmente, que Dyan compartilhou da cama de seu irmão, e a ligação de gêmeos era mais forte do que qualquer outra ligação telepática.

Mas eu senti... Merryl tem a ele e eu, ah, Evanda misericordiosa, eu sou virgem e eu me encontro sozinha... até que minha família dê a algum homem direitos sobre meu corpo contra minha vontade... e Dyan, Dyan não quer nenhuma mulher, ele olharia para mim com escárnio...

As barreiras estavam erguidas outra vez. Em sua cama fria e solitária, Marilla custou a dormir. E na manhã seguinte ela avisou através de sua Dama de Companhia, que estava doente e iria permanecer na cama; não poderia encarar Merryl, ela não poderia encarar Dyan. certamente eles tinham percebido que tinham tocado nela.

Eu não quero vê-lo outra vez. Eu permanecerei aqui nesta cama até que parta, e ele pode levar Merryl com ele; nunca mais quero ver outra vez qualquer um deles!

Mas ela sabia que não poderia se esquivar pra sempre. No dia seguinte, ela se preparou com fria ironia, para vir para baixo e ser civilizada, respondendo aos questionamentos amáveis de Merryl e Dyan sobre sua doença. Mas ela ainda permaneceu temerosa com o

que aconteceu e prestando atenção, algo que sabia agora era inveja, em como Dyan e Merryl andavam de braços dados. E uma vez, quando se sentou entre suas mulheres, costurando, ouviu uma delas criticando e especulando — O que em nome dos infernos dois homens podem fazer um com o outro? Isto parece de uma estupidez, não é mesmo? E que desperdício! Eu tenho para mim que o Lorde do Comyn leva o outro para a cama como amante, mas eu não consigo imaginar o que acontece...

— Talvez — Marilla disse friamente — eles tenham mais imaginação do que você tem o que fazer, Margalys. — E saiu do quarto, ouvindo suas vozes curiosas atrás dela.

Naquela noite, quando se reuniram no Grande Salão, Merryl tomou a harpa e começou a cantar, mas se interrompeu com um forte acesso de tosse e Marilla tocou seu rosto com a mão; ele estava quente como o fogo.

— Você tem febre — ela disse preocupada.

— Bem, há febre na vila e eu fui ver a quanto anda os preparativos para a colheita — Merryl disse, suspirando. — O velho provérbio é verdadeiro: deite-se com cães e você se levantará com pulgas. Eu ficarei bem, irmã. — Ele afastou sua mão. — Você não é nossa mãe, para cuidar de mim agora!

Dyan estirou a mão, tocando na testa de Merryl.

— Não, agora, rapaz — ele disse. — É melhor ir para a cama; você tem febre. E se você não estiver bem pela manhã, nós cavalgaremos uma outra hora, mas você não deve pôr em perigo sua própria saúde.

Merryl ruborizou-se, mas levantou-se e sinalizou para seu valete, despedindo-se de Dyan com um abraço. Ele parecia doente e congestionado.

—Eu o verei pela manhã, até lá estarei bem — ele disse com um resmungo. — Marilla é como todas as mulheres, ela gosta de ter homens doentes sob seu controle.

— Somente porque os homens são demasiadamente orgulhosos para admitir quando precisam de cuidado — disse Marilla, olhando com as sobrancelhas franzidas.

Mas como ela subiu as escadas para procurar um remédio para a febre, não deu ouvidos aos protestos de Merryl; ela já tinha um plano formado em sua mente.

Ela ainda possuía as roupas de montaria de Merryl que sua mãe, há quatro anos, a tinha proibido de usar e as túnicas de Merryl eram apenas um pouco largas para seus ombros. Ela foi até o quarto onde Merryl dormia um sono agitado, tossindo devido à febre, e retirou sua espada da bainha, colocando-a na sua cintura. Ela tinha bastante habilidade para andar sem esbarrar nas coisas; ela colocou seu casaco e calçou suas botas. Eram muito grandes para ela; então ela retirou outro par, um que lhe permitisse andar sem machucar seus pés. No estábulo, Dyan já estava montado em seu cavalo à sua espera.

— Bem! Você parece bem melhor e recuperado — ele disse alegre. — Sua irmã não tentou mantê-lo na cama como uma criança?

— Você acha que eu iria deixá-la fazer isto?

Marilla disfarçou o contralto profundo de sua voz. Contenta por perceber que as roupas de montaria e as botas lhe caíam perfeitamente, ela saltou para a sela tão levemente quanto o próprio Merryl.

— Você disse que eu poderia voar com um planador.

— Dyan disse. — Você escolheu um falcão?

Marilla inclinou-se. Ela disse, maravilhada com a própria calma:

— Minha irmã disse-me que o Wind Demon não tem voado e sido treinado o bastante, e ela está muito ocupada para usá-lo; ela me pediu que eu o utilizasse hoje.

Corajosa ela era, mas não se arriscaria a segurar o falcão de Merryl. Race; Racer era uma ave nervosa e arredia e não permitia que ninguém mais além do próprio Merryl tocasse nela.

Mas com *Wind Demon* em sua sela, ela se sentiu competente ao lado de Dyan, ele mesmo um excelente caçador com falcões. Ela cavalgou na direção do sol nascente, sentindo o vento do alvorecer em seu rosto com excitação, o prazer da liberdade; fazia muito tempo desde a última vez em que ela tinha cavalgado como agora, esquecendo os deveres familiares, deixando-os para trás.

Certamente dariam por sua falta, mas qual o problema? Havia muitas pessoas para cuidar e se importar com Merryl e com os afazeres familiares, e se ela não poderia ter um dia da liberdade absoluta, o que havia de bom em ser a Senhora de Lindirsholme?

O sol tinha começado a descer do seu zênite e o meio-dia já tinha passado há tempo; Dyan começou a afrouxar outra vez o falcão da sela.

— Nós não precisamos de mais pássaros — ele disse — e os falcões também estão cansados; nós precisamos caçar mais? E você prometeu que um dia cavalgaríamos até a cachoeira; há tempo antes do pôr-do-sol?

— Eu penso que sim — Marilla disse, e acenou para o Mestre Falcoeiro que cavalgava atrás deles distante o suficiente para não interferir, mas próximo o bastante para tomar a carga dos pássaros se necessário; — Tome-os e volte para o Castelo, Rannan.

— Certamente, *vai dom* — Rannan disse — mas continuarão cavalgando? Lorde Ardais, acha apropriado cavalgar, quando a febre do rapaz apenas melhorou e com uma tempestade a caminho?

— Tempestade? Eu não vejo nenhum sinal da tempestade — Dyan disse — mas se Merryl desejar retornar...

Marilla sentiu o vento; não lhe parecia cheirar como uma tempestade. Rannan mimava e protegia Merryl sempre. Ela disse com frieza:

— Você agora não está sendo pago por minha mãe para me manter em casa. Tome os pássaros e vá.

O homem abaixou sua cabeça, montou e afastou-se cavalgando em direção ao Castelo, e Dyan riu.

— Quando eu era um rapaz, tinha um provérbio para um menino que cresce: "*bem, rapaz, grite como se o fosse um homem antes que sua mãe veja*" — ele disse, imitando, com uma torção divertida de sua boca, o acento vocal do homem. — Você pode ter sido mantido longe das coisas másculas por um período longo de sua vida, mas você compensa o tempo perdido agora. Mas certamente você não está fatigado com a cavalgada? É verdade que nós fizemos uma longa cavalgada e sem nenhuma dúvida a cachoeira está esperando para nosso deleite.

Marilla não estava acostumada a longas cavalgadas; ela estava cansada e dolorida. Mas ela não se renderia antes deste homem! Ela mal sabia porque tinha vindo: *talvez*, ela pensou, *eu desejasse saber o que Meryll vê nele...*

E ela soube; um companheiro encantador, bom jogador, um exímio cavaleiro e conhecedor de falcões, sugerindo de vez em quando uma maneira melhor de segurar a ave., embora, tivesse dito mais cedo:

— Você está bem melhor hoje do que na última caçada; e na última vez em que nós caçamos com falcões, você não tratou o Racer tão bem como este aqui...

Marilla tinha dito sorrindo:

— Eu aprendi com seus exemplos e sua companhia, *milorde*.

Dyan sorriu e inclinou-se mais perto e disse.

— Eu pensei que nós tivéssemos concordado que você devia me chamar apenas Dyan... Ou, se você preferir, *bredhyu* — e ela sentiu o toque em sua mente, mas ela manteve suas barreiras no lugar: ela não poderia fingir ser seu irmão, não agora. mas ainda poderia ler Dyan, um pouco.

Eu vejo como ele ainda é tímido, não é presunçoso...

— A cachoeira fica além desta colina — ela disse e ajustou suas rédeas, cavalgando à frente.

Como Meryll foi partilhar aquilo com Dyan? Aquele tinha sido seu próprio lugar privado, seu refúgio, o lugar onde eles compartilharam da confiança da infância adiantada; e agora Meryll tinha trazido este homem aqui? Sentiu o ressentimento cozendo em fogo brando: no entanto.

Agora eu posso ver, ela pensou, *porque Meryll o ama tanto*.

O céu estava escurecendo com nuvens quando avistaram a cachoeira e algumas gotas da chuva tinham começado a cair. Contudo a beleza da catarata eclipsou todo o pensamento, todo o som, todo o discurso: e Dyan, olhando fixamente, com prazer, os grandes penhascos irregulares por onde a água deslizava, estava silencioso também. Ele ficou sem palavras, olhando para baixo para a torrente, e após um momento ela podia ler seus pensamentos outra vez.

Agora eu sei por que você me trouxe aqui. Não há muitos que possuem tal amor e tal beleza. É a segunda, não, a terceira coisa mais bonita que eu vi em Lindirsholme.

Então eles ficaram assim, tão profundamente compartilhando do silêncio, que por um momento Marilla sentiu-se tentada a abrir sua mente para ele; ela não queria iludi-lo, deixando-o mostrar a ternura que ele sentia apenas por Meryll. Mas o pensamento de sua raiva e fúria por ter sido enganado fez com que ela mantivesse as barreiras erguidas e depois que Dyan deu um pequeno suspiro e girou afastando-se, outra vez ela podia ler seus pensamentos. *Ele ainda se defende de mim, mas talvez hoje à noite, quando nós estivermos juntos, ele não bloqueará seus pensamentos de mim...*

Em uma confusão selvagem de sentimentos, o temor e a vergonha e alguma coisa não identificada, ela virou-se rapidamente, afastando-se apressadamente em direção a seu cavalo. Dyan se virou surpreso e olhou para cima, incomodado, mas disse rapidamente:

— Veja nós não podemos permanecer aqui. olhe para o céu, Rannan estava certo sobre a tempestade.

Dentro de minutos, ela soube, a tempestade cairia e eles ficariam encharcados. Dyan saltou em sua sela e saiu cavalgando com ela lado a lado. ele estava irritado e disse:

— Você é uma criança certamente. Se você sabia que esta tempestade viria, e se suas roupas ficarem molhadas e grudadas à pele outra vez, você terá a febre mais forte do que nunca; você está sempre agindo como uma criança ou uma garota tola? Este é tipo de truque que sua irmã utilizaria! Há algum lugar em que nós possamos nos proteger um pouco da chuva?

— Você parece minha mãe — Marilla disse rispidamente com a voz de Meryll. — Você pensa que eu derreterei na chuva?

— Não, mas eu tenho caçado por estas montanhas muito antes que você fosse mais do que um vislumbre nos olhos de seu pai. — Dyan disse e outra vez Marilla captou uma cena em sua mente: dois rapazes competindo, montados em seus cavalos, cavalgando vertiginosamente sobre os montes. quem era o outro garoto, mais novo do que Meryll era agora? Ela não soube nem se importou.

Dyan continuou: — Eu sei que esta chuva pode virar rapidamente neve ou gelo nestas altitudes. mesmo agora, sinto isso — e Marilla estava ciente da picada do granizo de encontro a seu rosto. — Nós não podemos alcançar Lindirsholme sem congelar; devemos procurar uma caverna ou uma vala como nós fomos ensinados a fazer em Nevarsin quando encontramos um mau tempo.

Ela disse, tiritando de encontro a ele:

— Há... um abrigo.

Tinha estado sem uso há anos, desde que seu pai tinha vendido seus carneiros e os tinha trocado para a produção dos cavalos pretos dos Leyniers. Ela e Meryll tinham brincado de esconder tesouros por lá quando eram crianças, quando cavalgavam até a cachoeira e traziam alimento e bebida para refeições fora de casa, longe da governanta e dos tutores.

Sem nenhuma dúvida Meryll teria compartilhado isto também. Ele não se importa mais com nossos velhos segredos, apenas com Dyan; bem, vamos deixar assim.

Mesmo Dyan estava azul com frio enquanto forçava para abrir a dura porta do abrigo e lá dentro ajoelhou-se imediatamente para fazer um fogo. Quando o fogo já estava crepitando, ele foi cuidar dos cavalos.

— Fique perto do fogo, rapaz, você está completamente resfriado, e não fui eu não me levantei de uma cama com febre! — Ele colocou os cobertores da sela por baixo de seu casaco, e empurrou Marilla para baixo deles. — Nem necessidades nós vamos passar, eu mantive o último pássaro, pensando que nós poderíamos cozinhá-lo para nossa refeição no campo.

Ela ajoelhou-se verticalmente nos cobertores e disse:

— Deixe-me então preparar o pássaro para assá-lo enquanto você trata dos cavalos.

Suas mãos estavam muito frias e ela tinha dificuldade para depenar a ave; finalmente a colocou em direção ao fogo para chamoscar as penas. Em seguida ele pegou a ave em suas mãos:

— Você poderia utilizar algumas das habilidades de sua irmã como dona de casa — Ele disse sorrindo. — Emplastre-o nas cinzas, rapaz, e as penas se soltarão quando estiver assado. Ela treinou

suas habilidades em equitação e caçada com falcões sem aprender coisas como esta?

Marilla disse num arroubo:

— Você me mandaria aprender a cozinhar e costurar? Meu estilo de vida já não é feminino o suficiente? — Ela falou as palavras que Merrylalaria, com raiva e ressentimento por nunca ter podido compartilhar a vida como um homem.

Dyan disse, ainda rindo:

—No Corpo de Cadetes ou eu aprendia a cozinhar ou ficava com fome, mesmo se não fosse mais do que um mingau de aveia e não uma refeição no campo como esta; não há nenhuma cozinheira no campo de batalha, rapaz. E meu *paxman* costura minhas meias e emenda meu casaco... é o preço... é o preço que eu pago por não ter nenhuma mulher comigo. — Enquanto falava, ele emplastrava as cinzas no pássaro; em seguida empurrou-o nos carvões. — Deixe-o para cozinhar, e agora tire seu casaco molhado, rapaz. — Levantando-se ele puxou o casaco de seus ombros. Sua mão demorou-se na curva do pescoço. — Seu cabelo é tão fino — é uma pena você não poder deixá-lo crescer, longo, como o de sua irmã...

Marilla dobrou sua cabeça. Ela teria que enfrentar aquilo algum dia, também; e ela pensou com uma pontada de pesar na longa trança de seu cabelo deixada em seu assoalho. Ela forçou-se a não encolher ao íntimo toque de Dyan. *Sim, eles compartilharam muito mais do que isto, ele tem direito em criar expectativas...*

— Eu suponho que você queira saber por que eu não tenho nenhuma mulher — Dyan disse calmamente. — Eu sempre pensei desfavoravelmente em relação aos casamentos do *Comyn*, os homens casando com mulheres com quem eles não têm mais em comum do que com um cavalo ou o cão, para usar uma mulher como um animal de criação. Uma vez eu convivi com uma mulher por um ano e ela teve um filho meu; Eu o legitimei, mas ele morreu, há anos. Eu tenho um herdeiro por adoção, eu acho que você pode tê-lo visto em Thendara; o jovem Syrtis, *paxman* do jovem Hastur. Eu não gosto de mulheres tanto quanto de tudo isto. — Ele ergueu seus olhos e olhou-a diretamente.

— O que você quer comigo, Marilla? — ele perguntou.

Ela inclinou a sua cabeça. *Há quanto tempo ele sabia?*

— Desde que nós estivemos juntos na cachoeira — Dyan disse calmamente. — Eu não sou nenhum *laranzu*; contudo tenho telepatia o bastante para saber algo de seus sentimentos. Você compreende o quanto eu amo seu irmão, Marilla? Eu sei que você me odeia; contudo eu não tenho como causar nenhum dano para ele. Ele sim irá me deixar; um rapaz mais novo sempre faz isso; Eu não terei nenhuma escolha, mas encontrarei outro. Meus... meus amigos parecem de algum modo vir em busca de masculinidade e eu... bem, talvez alguma coisa dentro de mim — ele deu um longo suspiro. — Mas por que eu estou me justificando para você?

Ela afastou-se em direção ao fogo e dobrou sua cabeça. Sua voz parecia extinguir-se.

— Você não me deve nenhuma explicação, *milorde*.

Ela desejou que ele não olhasse para ela e, como se atendendo ao seu desejo, ele se levantou e foi para a extremidade mais distante do abrigo onde os cavalos estavam; ele deu-lhes os grãos retirados de uma sacola, carregou um pouco de forragem empilhada na extremidade distante e espalhou-o para eles. Ela foi até onde estava um pacote fechado de forragem, rasgou-o e espalhou, assim que os cavalos poderiam conseguir comer, e ele sorriu.

— O que? Agora que eu sei que você é uma mulher, você não me deixa fazer o trabalho de homem aqui?

— Quando eu saio para cavalgar com Meryll, eu sou como um rapaz com ele; eu devo ser menos com você, *vai dom?*

— Você é seu igual, indefinidamente — Dyan disse suavemente — Eu desejaria que você fosse seu irmão gêmeo, não sua irmã. — e ela baixou os olhos diante do calor repentino nos olhos dele. Ele puxou-a para si, tomou-a entre suas mãos duras, prendendo-a de modo que o enfrentasse. — Você veio aqui comigo, Marilla; o que você quer, verdadeiramente?

Ela virou-se de lado, jurando que não gritaria. Como ela poderia dizer *"eu quero o que você compartilhou com Meryll e nunca comigo, o que você não pode dar para nenhuma mulher; ah, tola que eu sou, presa em minha própria armadilha..."*

Ele puxou-a de encontro a si, afagando seu cabelo, afagando a curva de seu pescoço. Depois de um momento baixou seus lábios de encontro aos dela e em seguida a carregou para a cama.

— Mas você é uma criança — ele disse, após um momento, hesitante — e, se eu cometer um erro... Você é virgem... eu retribuo a hospitalidade violando a irmã de meu anfitrião?

Ela sentou-se sobre os cobertores, seus braços ainda em volta de seu pescoço. garganta. Ela disse ferozmente:

— Você não me pediu licença para tomar meu irmão em sua cama! O que você pensa seu tolo, que deve ter a permissão dele para me tomar, quando eu mesma lhe dei essa licença? Eu sou dona de mim mesma..., eu pertencço a mim mesma... não a meu irmão nem a você, Lorde Dyan! Eu me dou e me retenho nos meus próprios termos, não nos de algum homem!

Ele sorriu suavemente e por um momento ela pensou que ele estava rindo dela, mas era um riso de puro prazer.

— Mais uma coisa que você aprendeu do mundo de seu irmão. Marilla... se todas as mulheres fosse como você, eu duvido que eu seria o homem que eu sou hoje — Seus lábios procuraram os dela outra vez e ele sussurrou suavemente de encontro a eles — *Bredhya*. Então puxou-a outra vez em direção à cama.

— Eu devo então ter cuidado, se você é uma donzela; Eu não a recompensaria com dor — ele disse, tocando-a mais delicadamente do que ela tinha acreditado ser possível, e ela suspirou, deixando sua mente aberta, com seus lábios abertos sob os dele, sentindo seu prazer de surpresa e maravilha.

Eu pensava que você não se importava nada com as mulheres, Dyan...

Eu sou um homem de impulso... você sabe isto de mim, se nada mais...

E então tudo estava perdido.

Eles retornaram para casa logo cedo na primeira luz do dia, de mãos dadas. Enquanto avistavam Lindirsholme, Marilla parou, olhando Dyan com algum desânimo.

— Merry! saberá que. outra vez eu roubei dele o que ele mais quis; quando nós éramos crianças pequenas, meu pai sempre dizia

que eu deveria ter sido o homem; eu era o mais forte dos dois. e sempre o vencia na equitação e nas caçadas com falcões. e mesmo neste momento eu roubei o que ele mais queria.

Dyan apertou sua mão.

— Você não tomou de Merryl nada que fosse dele — disse delicadamente. — E eu lhe direi, acredite-me, que era por amor a ele... Eu estimo você, *bredhya*, mas sem meu amor por Merryl, você para mim não seria nada mais do que uma das centenas de mulheres que seduziram um Lorde do *Comyn* em sua cama. você acha que muitas mulheres não tentaram? Se você fosse mais velha, mais experiente, eu teria ficado longe de você, mas a irmã de meu amigo é algo mais. — abaixou seus olhos outra vez e ficou silencioso. — Agora ele compartilhou comigo a mais cara e preciosa de suas posses — ele disse — amor de sua irmã. Não é assim, Marilla?

Ela apertou sua mão.

— É assim, Dyan.

Merryl encontrou-os nos portões, estendendo as mãos a cada um deles enquanto desmontavam.

— Eu fiquei amedrontado quando eu soube o que você tinha feito — ele disse. — A tempestade era tão forte, mas você lembrou do nosso velho lugar. Marilla. Eu estou contente!

E, encontrando seus olhos, ela soube que ele estava ciente do que tinha acontecido, porque despertara para compartilhar de seu prazer nos braços de Dyan. Dyan abraçou a ambos, juntos, girando sua cabeça de lado ao outro para beijá-los e por um momento pareceu à Marilla, em uma introspecção que nunca perdeu, que de algum modo Dyan não era um marcado pelo envelhecimento, mas de algum modo, dentro dele, havia um garoto de sua própria idade ou da de Merryl.

Ela tomou sua mão e a de seu irmão e, andando entre eles, caminhou através dos portões de Lindirsholme.

Dez dias mais tarde Dyan partiu com Merryl ao seu lado.

— Eu desejaria poder ir com você para Thendara — ela disse num traço de rebeldia, enquanto se despedia.

— Eu sei disso — Dyan disse com suavidade — mas você sabe por que não pode ir. Com seu *laran*, ela soube que a noite que tinham passado juntos tinha sido frutuosa; ela esperava uma criança de Dyan e já supunha que era o filho que ele necessitava e desejava tanto. Ele segurou seu rosto entre suas mãos outra vez e disse:

— Você me deu uma coisa que Merryl não poderia, Marilla. Ninguém, nunca, poderá tomar seu lugar. Eu me casarei com você se assim você desejar — ele acrescentou, hesitando, mas ela sacudiu a cabeça rapidamente.

— Se eu o prendi naquelas ligações, eu não devo desejar de você o que você não pode dar. o que as ligações de um casamento exigem — ela disse. — Você viria a odiar-me. — e ante seu olhar de dor, ela acrescentou rapidamente — não odiar, talvez; mas você não gostaria de alguém para por rédeas à sua liberdade. Eu tenho este... — com um gesto novo curioso, ela prendeu suas mãos, protegendo através de seu corpo a criança e embalou-a. — Eu estou contente com este. — e ela levantou seus lábios para seu beijo de adeus.

E enquanto ele se afastava, com Merryl cavalgando ao seu lado, ela murmurou para si mesma:

Uma vez que você me chamou, bredhya. Mas eu sei, se você não sabe, que o que você disse verdadeiramente era... bredhyu.

Ela se virou antes que eles estivessem fora da vista e caminhou para dentro dos portões. Havia aqueles que pensariam que Dyan tinha tomado dela o que ela tinha para dar, e não lhe deixou nada; mas ela sabia agora que não era verdade.

Ela era mãe do filho do Senhor de Ardais; mãe de um Herdeiro do *Comyn*. Agora nenhum parente poderia forçá-la, a casar com algum homem por casa e nome; ela tinha seu próprio *status*, casada ou no. Era dona de seu destino, agora e para sempre; e Dyan tinha lhe dado isto, que era melhor do que um casamento.

Algum dia, talvez, ela encontrasse um outro homem; e talvez não. Talvez ela não seja para o casamento. Mas algum dia, certamente, encontraria alguém para compartilhar de sua vida, alguém que poderia aceitá-la com sua liberdade; e quando ela encontrasse essa pessoa, homem ou mulher, ela saberia.

Dyan tinha-lhe dado isto.

Fim

Digital Source

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Digital Source

